

Viviane Veras

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

LINGÜISTERRIA: UM CHISTE

Tese apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Lingüística

Orientador:
Prof. Dr. Kanavillil Rajagopalan

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
1999

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

1999

UNIDADE	3e.
N.º CHAMADA:	T/UNICAMP
	V 581L
V.	Ex.
TOMBO BC/	40708
PROC.	278100
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	811,00
DATA	26/03/00
N.º CPD	

CM-00139109-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

V581L Veras, Viviane
Linguística: um chiste / Viviane Veras. - - Campinas, SP: [s.n.], 1999.

Orientador: Kanavillil Rajagopalan
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Inconsciente. 2. Retórica. 3. Tempo. 4. Freud, Sigmund, 1856-1939. 5. Lacan, Jacques, 1901-1981. I. Rajagopalan, Kanavillil. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

**Para meus filhos,
Hugo, Luisa e Daniel,
pelo riso iluminado.**

Prof.Dr. Kanavillil Rajagopalan

Profa. Dra Ângela Maria Resende Vorcaro

Profa. Dra. Sônia Borges Vieira da Mota

Profa. Dra. Cláudia Thereza Guimarães de Lemos

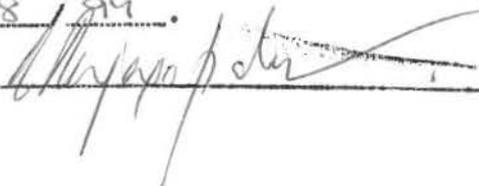
Prof. Dr. Sírio Possenti

Suplentes:

Prof. Dra. Regina Maria de Souza

Prof. Dr. Jonas de Araújo Romualdo

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Maria Virgínia de
Amaral Iras Costa Pinto
e aprovada pela Comissão Julgadora em
06 / 08 / 99.



AGRADECIMENTOS

À Nina, porque sim! *A Graça e a Gratidão nascem juntas*. E é mesmo surpreendente que seja um chiste, algo aparentemente tão banal, e não os sistemas filosóficos ou doutrinas conversacionais que nos transmitam isso. Diferente do amor, a Graça é um *verbo* transitivo; só se conjuga com o consentimento e o reconhecimento do Outro. Um chiste, de cada vez, concede-nos sua graça, graças ao Outro, a quem, ao menos por um instante, somos gratos.

Ao Rajan, pelos caminhos apontados e pela possibilidade de escolha;
Ao Sírio, pela leitura cuidadosa e sugestões no exame de qualificação;
À Cláudia, pela palavra precisa no momento oportuno, mais além dos muros da academia;

À Ângela, cuja generosidade me deu de presente, além das leituras e sugestões sempre precisas, a sua amizade preciosa e bem-vinda;

À Lenita, por todos os chistes e *joys*, que nos fizeram amigas no riso e, portanto, amigas de verdade;

À Rita, pelos *Witzes* transliterados com prontidão e afeto;

À Nícia, pelas dúvidas que não resolvemos juntas, mas das quais demos gostosas gargalhadas;

À Helô, à Niuza e ao Paulo, pelas notas musicais que deram um tom ao riso;

À Cecília, pelo tempo de amizade com o qual sempre podemos contar;

À Lucila, pela *mão amiga*, que com ela deixou de ser lugar comum, para tornar-se coisa rara;

Ao Pedro, meu irmão querido, pelos *hardwares e softcares*, todo o meu carinho;

Ao Sergio, porque *a vida não é só isso que se vê, é um pouco mais*, e sempre nos permite rir juntos.

Aos companheiros do grupo de estudos sobre Língua Materna (IEL), pelo trabalho conjunto, única prática que revigora e recicla as teorias;

À Escola Lacaniana de Psicanálise de Campinas, pela experiência necessária a este percurso;

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

RESUMO

Considerado por diversos autores uma forma de criação literária, o chiste é uma faculdade linguageira especial. Condensando e deslocando materiais verbais, recombina-os em formas inusitadas, de acordo com uma sintaxe que Freud encontra em ação nos processos inconscientes.

Lingüisteria (que introduz na lingüística, por um chiste, a fala da histórica), é como Lacan nomeia uma lingüística que inclua o poético na ordem própria da língua. Nessa lingüisteria, que reconhece a ordem do inconsciente, encontro um lugar para os chistes, tentando fazer com que ressoe nela o riso que eles provocam.

O caráter de um chiste está em sua forma lingüística. Parto dessa constatação de Sigmund Freud. O teste é simples: dizer com outras palavras, parafrasear, destrói o efeito chistoso, não surpreende, não faz rir. Segundo Freud, um chiste não se prefacia, *um momento antes, não se sabe que chiste se irá fazer [...] e sente-se algo indefinível*, que Freud compara com *uma ausência {Absenz}, um súbito deixar de fora {Auslassen} a tensão intelectual*; um instante depois, o chiste está lá, aflora de repente do inconsciente, não tem origem num raciocínio. Os desdobramentos explicativos eliminam a surpresa que lhe é constitutiva, tiram-lhe a graça, não fazem rir. É somente pelo efeito provocado que um chiste terá sido bem sucedido, portanto, exige uma participação subjetiva. *Só é chiste o que reconheço como tal*, diz Freud, e isso deve ser levado em conta na experiência de sua transmissão.

É na sofística, com o conceito de *kairós* (momento oportuno), que preparo o caminho que este trabalho vai seguir (Parte I). Exigindo o ouvinte, aquele que ri, a formação de um chiste é social: só pode ser experimentada uma vez que se tome parte em seu processo, excluindo o observador neutro, que se limitaria a analisá-lo. Nessa parte do trabalho (Parte II), abordo a questão do método freudiano, da resistência, da inibição e do desejo. Na parte III, proponho uma leitura das teses de Freud a partir do *tempo lógico* de Lacan, um tempo que inclui as paradas, as hesitações e a pressa, com o objetivo de mostrar como o texto de Freud se deixa afetar pela temporalidade de seu objeto de estudo. Encerrando o trabalho (Parte IV), apresento um ensaio especulativo da *mise-en-scène* freudiana de uma gênese do chiste, atravessada pelo riso, que lhe abre e fecha as cortinas, como o verdadeiro enigma com que Freud tropeça na experiência de seu objeto.

ABSTRACT

Considered by several authors as a kind of literary creation, jokes are a special language faculty. Condensing and displacing verbal material, it recombines this material in uncommon ways, according to a syntax that Freud finds in unconscious processes.

Linguistery (introducing in Linguistics, by means of a joke, the speech of the hysteric) is the name Lacan proposes to a Linguistics that includes the poetic in its considerations about language and an its constitutive order. In this linguistery as proposed by Lacan, this work finds a place for verbal jokes, trying to make the laugh they provoke resound in it.

The character of a verbal joke consists of its linguistic form. This work starts from this verification by Freud. The test is simple: saying in other words destroys the effect of the joke — it does not surprise, it does not provoke laughing. According to Freud, a verbal joke can not have a preface, *one moment before, no one knows that a joke will be made[...] and we fell something undefinable*, which Freud compares to *an absence* (Absenz), a sudden exclusion [*Auslassen*] of intellectual tension; a moment later, the joke is there, it suddenly comes up from the unconscious, having no origin in reasoning. Explanation eliminates the surprise constitutive to verbal jokes and causes no laugh. It is only by the effect it has provoked that a joke will have been successful, something that demands a subjective participation. *There only exists the joke I recognize as such*, Freud states, and this fact must be taken into account in the experience of its transmission.

Sophistry, with the concept of *kairós* (timely moment), prepares the path this work will follow. (Part I). Requiring the participation of the listener, of the one who laughs, the joke's formation is social: it can only be experienced if one participates in its process, which excludes the neutral observer, who would be limited to analyse it. This part of the work (Part II), approaches the Freudian method, resistance, inhibition and desire. Part III proposes a consideration of Freud's theses in view of Lacan's logical time, which includes the stops, hesitations and haste, with the aim of showing how Freud's text is affected by the temporality of its object of study. Part IV presents an essay on the Freudian *mis-en-scène* of a genesis of the verbal joke, crossed through by laughing, which opens and closes the curtains, as the true enigma on which Freud trips in experiencing his object.

SUMÁRIO

Abertura.....	1
Pre-lúdico.....	7
I Na ocasião oportuna,	9
1- Agudeza e rapidez.....	10
1.1. um vão instante.....	11
1.2. tropo e ocasião.....	16
2- O momento oportuno do retorno a Freud.....	19
2.1. a transmissão é o modo de transmitir.....	21
2.2. o que o ouvinte acrescenta ao rir.....	24
2.3. quando a verdade fala.....	26
3- Uma impressão deixa marcas.....	28
4- O saber forçado.....	33
II o chiste no método...	37
1- O álibi do método.....	38
1.1. a ficção.....	39
1.2. método do objeto e método da abordagem.....	41
1.3. um ensaio do método.....	43
1.4. a suposição no método.....	45
2- A prova do Outro.....	48
2.1. a ordem da perda.....	50
2.2. os contratempos do desejo.....	55
2.3. as tendências inconscientes.....	57
3- A inibição <i>in statu nascendi</i>	61
3.1. a lista de chistes.....	63
3.2. a declaração da inibição.....	65
III ... e o risco da experiência.	69
1- Uma nota justa.....	71
2- A tese se ex-põe.....	74
2.1. o instante de ver o momento de concluir.....	78
2.2. um tempo para compreender o instante de ver.....	84
- primeira escansão suspensiva.....	89
- segunda escansão.....	90
2.3. o momento de concluir o tempo para compreender.....	90
3- Um tempo a propósito.....	91
IV Se non é vero son trovatore	105
1- Resistências.....	106
2- O romancieiro do inconsciente.....	108
2.1. o demônio do <i>Aidós</i> e o significante <i>pudor</i>	109
2.2. a graça da mulher.....	111
2.3. quando a trapaça é pura elegância.....	113
2.4. toda nudez será castigada: os não-pudicos erram.....	114
2.5. enganei um bobo na casca do ovo.....	116
2.6. o rapping das pulsões.....	120
3- O realce do riso.....	121
3.1. o des-concerto.....	122
3.2. o percurso.....	124
3.3. o tempo.....	125
3.4. a máscara.....	130
Isso que se faz de novo	131
Referências Bibliográficas	138

ABERTURA

*Nem de longe a reflexão filosófica consagrou ao Witz¹ um empenho à altura de seu papel em nossa vida espiritual {Geistesleben²}, é o que Freud conclui, e o primeiro parágrafo da Introdução³ ainda não se fechou. Nem de longe... Certamente importam os diversos estudos até então propostos, e assim Freud o declara em sua primeira nota de rodapé: A este livro (*Komic und Humor*, 1898) de Lipps⁴ devo o estímulo e a possibilidade de empreender este trabalho. A César o que é de César, mas... Nem de longe.*

Intriga-me o *Nem de longe*. O que lhe terá servido de medida? De modo algum Freud se opõe diretamente às soluções propostas, colocando-se no lugar do outro questionador, especular; de certo modo, parece até mesmo concordar com elas. Freud afirma que os autores em que vai se apoiar para dar início a seu trabalho, embora situem o chiste dentro do cômico, como uma subclasse deste, apontam algumas características essenciais, em que uma referência ao cômico está ausente. Freud vai retomá-las, não apenas como argumentos de autoridades filosóficas ou poéticas, mas citando-as, literalmente, pondo-as em movimento, deslocando-as. E de modo radical, uma

¹ *Witz* é traduzido para o português como *chiste*: gracejo, piada, pilhéria, dito picante, trocadilho, graça..

² No seminário V, *Les formations de l'inconscient*, lição de 6 de novembro de 1957 (inédito), Jacques Lacan chama a atenção para o fato de que esse é o único ponto da obra de Freud em que o Espírito {*Geist*} é mencionado. Para Lacan, essa menção introduz uma ambiguidade, uma vez que Freud não concebe a psicanálise como uma ciência do espírito, mas da natureza. (A questão das bases biológicas e químicas da psicanálise é discutida com detalhes em Érik Porge, *Roubo de Idéias? Wilhelm Fliess, seu plágio e Freud seguido por Em minha própria causa de Wilhelm Fliess*, tradução de Dulce Duque Estrada - texto de Porge - e tradução de Sandra Regina Felgueiras - textos de Fliess - Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1998). Confere, também, o original alemão *Der Witz und seine beziehung zum Unbewussten, Gesammelte Werke (GW)*, Frankfurt: S. Fisher Verlag, 1987, v.6.

³ Sigmund Freud, (1905) *El chiste y su relación con lo inconciente*, org. com. e notas de James Strachey com a colab. de Anna Freud, trad. direta do alemão de José L Etcheverry, *Obras completas: Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 1989, v.8. Todas as citações (traduzidas por mim) são dessa tradução, referida, de agora em diante como *El chiste*. A tradução brasileira consultada foi *O chiste e sua relação com o inconciente*, tradução direta do alemão de C. M. de Freitas e Isaac Izecksohn, *Obras Completas de Sigmund Freud (OC)*, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v.5, referida como *O Chiste*.

⁴ T. Lipps, *Komic und Humor*, Hamburgo e Leipzig, 1898, apud S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 11.

vez que se trata, não só de outro contexto, mas de uma *outra cena* {*ein anderer Schauplatz*}, que foi como denominou, com essa expressão de Fechner, o lugar do inconsciente⁵.

O filósofo Kuno Fischer⁶ chega a dizer que *todo o nosso mundo espiritual, o reino intelectual de nossos pensamentos e representações não se manifesta sob o olhar da observação exterior* {*äussere Betrachtung*}, contém inibições, deformidades, que impedem uma aproximação objetiva. Diz mesmo que seria necessária uma *força* {*Kraft*} que o tornasse acessível; essa força seria um *juízo* {*Urteilkraft*}, e esse juízo produziria, enfim, o contraste cômico que é o *Witz*; mas se contenta com limitá-lo a um *juízo lúdico* {*spielend*}. Para o poeta Jean Paul Richter⁷, o *Witz* é ainda um *jogo* (em oposição a um *trabalho*) com as idéias, mas um jogo surpreendentemente *rápido*, um *Blitz*; que *desconcerta e ilumina*, diz Heymans⁸, e essa iluminação é, para Theodor Lipps⁹, um jogo entre sentido e não-sentido (que acabou por se transformar numa espécie de lema atribuído a Freud). Cada uma dessas características é retomada e discutida detalhadamente no decorrer dos sete capítulos do livro dos chistes.

Freud encontra entre esses estudos um exemplo *precioso* do poeta Heinrich Heine. Um de seus personagens, um pobre vendedor de bilhetes de loteria, contou *que o poderoso barão de Rothschild tratou-o como um dos seus, de um modo completamente familiar* {*familionär*}¹⁰. Freud encontra aquele que será seu *Leitwitz*, coloca-o em cena, mas não é aí que vai colhê-lo, misturado ao sentimento do cômico. Cita-o, nesse momento, na forma do discurso indireto: Heine faz falar seu personagem, Hirsch-Hyacinth, que disse

⁵ Cf. J. Lacan, "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", in *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 555. A referência a essa expressão de Fechner já aparece no livro dos sonhos, nas cartas de Freud a Fliess e no próprio livro dos chistes (entre outros). Para citá-la, destaco-a desse texto de Jacques Lacan, cujas partes são nomeadas: *Rumo a Freud, Depois de Freud, Com Freud, Do lado de Schreber e Pós-escrito*. A citação está na parte III, *com Freud*, devolvida a ele por Lacan, como *isso pensa*.

⁶ K. Fischer, *Über den Witz*, Heidelberg, 1889, p. 45; apud S. Freud, *El chiste*, op. cit. p.12.

⁷ J.P. Richter, *Vorschule der Ästhetik*, Hamburgo, 1804, p. 24; apud S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 13.

⁸ G. Heymans, "Ästhetische Untersuchungen im Anschluss an die Lippssche Theorie des Komischen", in *Z. Psychol. Physiol. Sinnesorg.* 11, 1896; apud S. Freud, *El chiste*, op. cit., pp. 14-5.

⁹ T. Lipps, *Komic un Humor*, op. cit., p. 95; apud Freud, *El chiste*, op. cit., p. 15.

¹⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 14.

que... o discurso indireto não elimina o efeito chistoso, uma vez que um chiste é para ser contado, mas, entre os mais de 160 chistes recolhidos e contados por Freud, esse é o único momento em que um chiste é contado nesse tempo passado, tempo do *prazer do reconhecimento do já sabido*¹¹, sem o frescor do momento da aparição, da presentificação do não sabido do inconsciente.

É que Freud aí não *se conta*. Não se coloca como o ouvinte do chiste, como seu *Publikum*¹². Mantém-se à distância. Limita-se a contar como é que tal chiste foi analisado. Segundo Heymans¹³, a formação dessa *palavra defeituosa* desconcerta, e seu entendimento posterior ilumina, dando lugar à comicidade. Lipps¹⁴ acrescenta: ao desconcerto, trazido pela palavra, segue-se um primeiro momento da iluminação, em que apreendemos que essa palavra significa *isso ou aquilo*; só o segundo momento, em que entendemos que essa palavra sem sentido (segundo o uso da língua) é a responsável por tudo, produz a comicidade; *só essa resolução* {*Auflösung*¹⁵} *no nada*, diz Freud, nesse brevíssimo comentário que, também, aparentemente, nada acrescenta. Seja como for, continua, se o efeito cômico está na aparente falta de sentido, o "*chiste*" *há de estar na formação dessa palavra e no caráter da palavra assim formada*¹⁶. Com *precisão de flecha*, Freud localiza, no ajuntamento de letras que tem como resultado esse *famillionär*, o chiste. Um saber que ele vai soletrar, decifrando seus elementos literais.

Freud escreveu a *Interpretação dos Sonhos* com seus sonhos e se propõe agora a trabalhar com os chistes; não com aqueles que lhe ocorreram

¹¹ S. Freud (idem, pp. 116-7) refere-se ao "prazer do reconhecimento", proposto por K. Groos (*Die Spiele der Menschen*, Jena, 1899).

¹² Mayette Viltard (Cf. "Les publiques de Freud", *Littoral*, n. 17) chama a atenção para a diferença de sentido, que Freud aponta no livro dos chistes, entre *Publikum* (o público do chiste, que é da ordem do processo psíquico; segundo o dicionário, implica uma participação subjetiva, o *Publikum* constitui uma unidade {*Einheit*}, é uma multiplicidade que faz um) e *Öffentlichkeit* (público qualquer, que diz respeito à publicação, à publicidade. *Öffnen* é abrir, *öffentlich* é aberto ao público). Agradeço a Maria Rita Salzano Moraes este (e outros) esclarecimentos a respeito dos termos em alemão.

¹³ Heymans, "Ästhetische...", op. cit.

¹⁴ T. Lipps, *Komic und Humor*, op. cit., p. 95.

¹⁵ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 15. *Auflösung* (nota do tradutor para o francês) tem aqui o sentido de "desenlace", mas significa também "dissolução", "decomposição", "descolamento" (Tradução francesa de Denis Messier, com prefácio de J-C Lavie e nota introdutória de J-B Pontalis, *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*, Paris: Gallimard, 1988, de agora em diante *Le mot d'esprit*). *Los* (subs) é "sorte", "destino", e *los*, "livre", "solto".

¹⁶ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p 15 (grifos meus).

(diz mesmo que não se considera espirituoso), mas com aqueles que escutou e que o surpreenderam (alguns, como dirá, *in statu nascendi*) e que o fizeram rir *com mais ganas* (o testemunho do riso vai se revelar fundamental). Além dos motivos pessoais (os quais convida o leitor a descobrir no curso do livro), diz deixar-se levar ainda pelo seu indiscreto charme, sua fascinação. O chiste é como a *novidade de um triunfo* que se conta, que corre de boca em boca, um acontecimento social. Mas sua função social vai além daquela suposta pelo filósofo¹⁷, problematizando os limites entre o individual e o social. O tema vale o esforço? Sem dúvida. Se o sonho é a estrada real para o inconsciente, o chiste é a porta de entrada, uma entrada real, e Freud confia *na concatenação íntima que une todos os fenômenos psíquicos*.

Coda

É nessa íntima concatenação que Jacques Lacan reconhece uma estrutura que nomeará, a partir de Ferdinand de Saussure, *cadeia significante*. Nessa concatenação, em que Freud descobre a retórica do inconsciente (produtora de condensações e deslocamentos, conexões e substituições), Lacan encontra os *processos metafóricos e metonímicos*¹⁸ de Roman Jakobson. É contando, também, com uma leitura do trabalho desses lingüistas, que Lacan vai construir um grafo para dar conta do mecanismo do *Witz*, tomando como paradigma o chiste do *famillionär*.

Descoberto o inconsciente freudiano, Lacan declara a necessidade de *entrar na lingüística*¹⁹, da qual já havia reconhecido os méritos, fazendo presente, para os lingüistas, (d)a barra saussuriana²⁰. A lingüisteria (com a presença dissimulada da histórica, com sua afetação) é o corte com que Lacan

¹⁷ Falo de Henri Bergson em *Le Rire*, Paris: PUF, 19 , pp. 20-8.

¹⁸ Cf. Roman Jakobson, "Deux aspects du langage et deux types d'aphasie", in *Essais de linguistique générale*, Paris: Minuit, 1963, apud Cláudia de Lemos, "Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio", *Substratum*, vol I, N. 1, 1992, pp. 121-136.

¹⁹ J. Lacan, *Mais, ainda, Seminário XX* (cap. II, "A Jakobson"), texto estabelecido por J-A Miller, trad. de M. D. Magno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 25.

²⁰ J. Lacan, "A instância de letra no inconsciente ou a razão desde Freud", in *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 496-533 (Cf. Ferdinand de Saussure, *Curso de lingüística geral* (parte I, cap. I, "Natureza do signo lingüístico"), trad. de Antônio Chelini, José Paulos Paes e Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1969.

faz reluzir a in-decisão de Jakobson²¹ e seu desejo insatisfeito. Indecisão em cortar-se dessa lingüística em que insiste em fazer entrar a poética, nem que seja como função, à margem, sitiando a cidadela, sem, no entanto, tomá-la de assalto, quando é preciso, como diz Freud²² em *Totem e Tabu*, conquistar a herança para possuí-la.

A barra entre significante e significado (sublinhada em *A instância da letra no inconsciente*), ressalta a infinita melodia das diferenças, que o saber inconsciente (de uma *razão desejante* freudiana) vem pontuar, produzindo a metáfora do sujeito²³ (com que Lacan encerra seus *Escritos*), doravante dividido, barrado, entre o termo substituído e aquele que lhe guarda o lugar na cadeia.

Nesse intervalo, nesse instante, no oco do significante, um chiste pode brotar, *persefônico* (diria Michel Leiris²⁴), cutucando a língua, fazendo-lhe cócegas; *consistindo em tentar inventar um significante novo [...], servindo-se de uma palavra para outro uso que aquele para o qual ela foi feita*²⁵.

Lapso, chiste, poético, realce de uma alteridade *que exige a psicanálise para se sustentar*²⁶, fazendo do chiste da lingüística (do seminário XX), a nomeação de *uma* lingüística que se deixe barrar. *Não há outra lingüística senão a lingüística*²⁷, que possa dar lugar ao riso do chiste, impresso no nome deste trabalho.

Penso, como Cláudia de Lemos²⁸, que a Lingüística deve ser tomada como lugar onde *o que não se sabe* sobre a linguagem é reconhecido e produz questões; e onde *o que se sabe* sirva, acima de tudo, para interrogar e se transformar em *um saber interrogar*. Como diz Pedro Orce, na Jangada de

²¹ Cláudia de Lemos faz uma leitura precisa desse *fracasso exemplar* de Jakobson em "A poética e o significante", *mimeo* (publicada na revista *Traço 2*, Maceió, 1998).

²² S. Freud, *Totem e tabu*, trad. de Gladstone Parente, in *OC*, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v. VII, p. 557.

²³ J. Lacan, "A metáfora do sujeito", in *Escritos*, op. cit., pp. 903-907.

²⁴ Percepção persefônica. De Perséfone, filha de Démeter, raptada por Plutão e levada por ele ao reino subterrâneo do inferno - caverna, caixa de ressonância - invocada para achar objetos perdidos, invocada para a fecundidade. De *perce-oreille*, *percevejo*, *percescuto*... (Michel Leiris, escrevendo em *Marges de la philosophie*, de Jacques Derrida, Paris: Minuit, 1972, margem das páginas I a XXV).

²⁵ J. Lacan, "Vers un signifiant nouveau", texto estabelecido por J-A Miller, in *Ornicar?*, n. 17/18, 1979, pp. 7-23 (p.21).

²⁶ Idem, p. 7.

²⁷ Idem, *ibidem*.

²⁸ Cláudia de Lemos, "Sobre a aquisição da escrita: algumas questões", *mimeo*, 1996.

Pedra de Saramago, não tem conta o número de respostas que está à espera das perguntas...

PRE-LÚDICO

Ao breve capítulo I (Introdução) dos chistes, corresponde uma longa e minuciosa "Bibliografia científica sobre o problema dos sonhos". Tal contraste se deve ao fato de que, se os chistes mereceram pouca atenção dos filósofos (*Nem de longe...*); dos cientistas, então, nenhuma referência aparece no texto.

Freud dirá que, para as pessoas sérias, "sonhos são espumas" {*Träume sind Schäume*}. Para Bergson²⁹, o riso é também espuma e, como ela, acaba por se desfazer, escapando por entre os dedos do filósofo nas últimas linhas de seu livro. Singular evanescência de sonhos e risos; e o filósofo, acompanhando o movimento das ondas, observa que o riso *escorrega, escapa e torna a reviver, como impertinente desafio lançado à especulação filosófica*³⁰, tornando impossível a tarefa de encerrá-lo numa definição.

Só depois de reler o parágrafo anterior é que me dei conta de que o filósofo Henri Bergson não é mencionado na introdução do livro, apenas no capítulo VII, que trata das relações do chiste com o cômico. Talvez tenha sido o flutuar das espumas do sonho, mas é mais certo que tenha sido a insistência do riso, sempre a ponto de irromper {*entstehen*} na escrita de Freud, apontando, nos deslocamentos que provoca em seu trabalho, a *ex-sistência* {*Entstellung*} do desejo.

É também da espuma que nasce Afrodite (*aphrós, oû = espuma*), mãe dos Amores, das Graças, dos Jogos e dos Risos, e a onda que a transporta até a praia revira a areia do litoral, as conchas abandonadas de moluscos, acúmulo de material aluviônico, que, como diz Lacan, serve de leito para a cultura. Litura, humus da linguagem, o próprio ser humano. Em *Anotações para uma concha*, Ponge diz que o monumento de escritores como Malherbe, Horácio e Mallarmé *é feito da verdadeira secreção do molusco homem, da coisa mais proporcional e condicionada ao seu corpo e, contudo, a mais diferente de sua forma que se pode conceber, isto é, a PALAVRA*³¹.

É ainda no mar que nasce a deusa Occasio, multiforme, flexível, versátil, carecendo de uma *substância* sempre idêntica. Nas *Elegias Romanas*, Goethe inventa-a filha de Proteu, o velho do mar que, segundo a mitologia, profetizava

²⁹ L. Bergson, op. cit., p. 136.

³⁰ Idem, p. 17.

³¹ Francis Ponge, *A tomada de posição pelas coisas*, trad. de Carlos Loria e Adalberto Müller Jr.

a quem reconhecia sua identidade entre tantas transformações realizadas por ele; e filha de Tétis, também habitante do mar e caracterizada por sua capacidade de transformação. Em sua forma masculina, é Kairós, fugaz e enganador, esculpido por Lisipo trazendo na mão direita uma navalha, símbolo de sua agudeza, e, na esquerda, uma balança, em que pesava as almas dos mortos para o kairós da travessia. A ele se recorria (momento oportuno) para uma entrada e saída favorável nos portos.

Na linha de arrebentação das ondas, na barra onde se desfaz a espuma, em movimentos de afluxos e refluxos, faz-se também o controle e a reciclagem dos dejetos, *letter em litter*, como transliterou Joyce; libação desse lixo, estigma de nossa "hominização" no planeta desde a pré-história³², esses marcos indestrutíveis deixados na história da humanidade, como diz Freud, em *Totem e Tabu*, citando Shakespeare:

*Teu pai jaz sob cinco braços de água:
Seus ossos converteram-se em coral,
em pérolas, seus olhos...
Nada do que era dele se desvaneceu,
mas pelo mar foi transformado
em algo rico e estranho.*³³

³² J. Lacan, "Observação sobre o relatório de Daniel Lagache", in *Escritos*, op. cit., p. 690.

³³ Fala de Ariel em "A Tempestade", ato I, cena 2. Apud S. Freud, *Totem e tabu*, op. cit., p. 553.

PARTE I

NA OCASIÃO OPORTUNA,

Numa estação ferroviária da Galícia, dois judeus se encontram num vagão.

— Para onde viajas?

— A Cracóvia.

— Mas, que mentiroso que és! Quando dizes que vais a Cracóvia, queres me fazer crer que vais a Lemberg. Mas sei que realmente vais a Cracóvia. Por que mentes, então?

(chiste relatado por Sigmund Freud)

"Eu, a verdade, falo"

(prosopopéia* proferida por Jacques Lacan)

1. Agudeza e rapidez

Agudeza e rapidez são as características mais marcantes e reconhecidas dos chistes. Não é então um acaso que Freud tenha reconhecido em Breuer o inventor do método¹ da psicanálise. Breuer constata em sua paciente *dois estados de consciência completamente separados*, um dos quais nomeou *momento de ausência* (na verdade, Freud dirá depois, uma presença em outro lugar). Quando esses momentos dominavam, Breuer cutucava sua paciente com uma palavra-chave que fazia o sintoma desaparecer, uma *Stichwort*, uma palavra picante (com o que se pode dar também ao chiste o seu sabor). Nietzsche teve por certo um tal vislumbre, quando diz que o psicólogo *toma posteriormente uma porção de coisas dolorosas [...] e como que as espeta com alguma ponta de agulha, [fazendo assim um trabalho] pontiagudo e espicaçante*².

* A prosopopéia é uma figura que faz do personificado um agente discursivo (de *pros* = na direção de, e *op-* = ver, *prosôpon* = personagem, máscara e *poieîn* = fazer, dar corpo). Personifica o ausente, o morto, o Outro, a Coisa, produzindo, ao mesmo tempo, um enunciador e um alocutário. É uma figura que torna possíveis os ritos de representação.

¹ Guio-me aqui pelo discurso do método de Freud, articulado pelo psicanalista Jean Allouch, em *Freud, et puis Lacan*, Paris: E.P.E.L., 1993, p. 40.

² Friedrich Nietzsche, "Humano demasiado humano", in *Obras Incompletas*, trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 124.

Esse caráter agudo e ligeiro {*Blitz*} do *Witz* é acentuado em sua tradução por *trait d'esprit*³. Lacan troca a palavra (*mot d'esprit*) pelo traço, cortando-a de qualquer significação imposta pela economia da *palavra* (*mot*) na tradução. Resta a marca de uma perda, um vão que faz a instância, a urgência, a prontidão da letra no inconsciente, e inscreve, na nobreza do *Witz* alemão, dos filósofos e poetas, a barra de bastardia dos trocadilhos e disparates das *Fliegende Blätter*⁴, a agressividade, a escatologia (que aparecem entre os *Witze* que Freud colecionou). O traço escreve ainda a ligeireza, o capricho, a absoluta gratuidade do Dom.

1.1. um vão instante

O instantâneo do chiste, sua *brevidade*, é destacada por Freud em dois momentos. Primeiro, toma-a como um processo de condensação, resultado de uma tendência do aparelho psíquico à economia⁵. Mas logo observa que nem toda abreviação é chistosa. A abreviação do chiste é especial, ela surpreende, ilumina, como havia notado Lipps. Num segundo momento, comparando as técnicas do chiste com aquelas já descobertas no sonho (no capítulo VI), Freud retoma essa brevidade, chamando a atenção para o caráter de "ocorrência involuntária" que sobressai no chiste, e para a surpresa com que ele nos toma:

*Um momento antes, não se sabe que chiste se irá fazer [...] e sente-se algo indefinível, que me inclinaria a comparar com uma ausência {Absenz}, um súbito deixar de fora {Auslassen} a tensão intelectual, e então o chiste está lá, de um só golpe, geralmente junto com sua vestimenta {Einkleidung}*⁶.

Se a *resolução no nada* marca um vazio no jogo de sentido vs não sentido, proposto por Heymans e Lipps, essa *Absenz* permite excluir de vez

³ Cf. J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 6 de novembro de 1957 (inédito).

⁴ Famoso semanário humorístico alemão (1844-1944), do qual Freud, segundo Lacan, era um leitor assíduo.

⁵ S. Freud, *El chiste*. op. cit., pp. 43-4.

⁶ Idem, p. 160-1.

que se possa atribuir a Freud uma abordagem do chiste como "sentido no não sentido" (ou vice-versa), que faria do inconsciente uma negação do consciente, e permitiria definir o chiste com referência às leis da consciência, como uma mera quebra dessas leis. Quando Freud declara que um chiste (assim como um sonho) tem um sentido (não é uma atividade cerebral fragmentada), não afirma com isso que o psíquico se reduz a um dizível que se abre a uma leitura hermenêutica. Seguindo a explicação de Freud, não tenho primeiro um pensamento (uma escuta interior) que me inibe de exteriorizar; que, devido a determinadas circunstâncias, é reprimido {*unterdrückt*}, e para o qual busco, em seguida, uma expressão indireta, produzindo, assim, uma alusão. Esse tipo de alusão nunca é chistosa, pois, no caso da alusão que se faz chiste, não é a atenção consciente que faz a escolha de uma vestimenta alusiva. A intenção subjetiva não tem aí nenhuma pertinência.

A evidência do chiste não tem origem em um raciocínio⁷. Um chiste é, imprevisto. Freud diz que *ele aflora de repente do inconsciente*⁸, formado por processos psíquicos inconscientes. É nesse intervalo, nesse instante em que aflora causando essa síncope dos sentidos, que o inconsciente se abre e se fecha para Freud. Só aí, nessa *abertura infernal*⁹, um chiste se faz. Isso não quer dizer, no entanto, que isso que *aflora*, seja um *conteúdo* que estivesse latente, num certo estado de inconsciência¹⁰. Mesmo que se possa, em alguns momentos da obra de Freud, falar de um conteúdo latente, importa o que Freud repete sempre: isso que surge é produto de uma atividade, de um trabalho inconsciente.

Se é uma *formação* do inconsciente, ou seja (como sublinha Freud em todo o percurso do livro dos chistes), um *processo psíquico*, esse *se-fazer* se dá entre um momento em que *ainda não é* (não se sabe o que virá), e outro em que, estando lá, com sua vestimenta, encoberto, mascarado, *já não é mais* um

⁷ Se me é permitido *misappropriate the spoken words of others*, cito Joyce, um chiste seria *given to ratiocination by syncopation in the elucidation of complications...* (*Finnegans wake*, Londres: Faber and faber Lim. 1946, p. 108 (36) e p. 109 (4-5)).

⁸ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 161.

⁹ J. Lacan nomeia essa abertura "infernal", aludindo ao propósito de Freud de remover o Aqueronte, na epígrafe do livro do sonho.

¹⁰ Cf. S. Freud, "Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise", trad. de Isaac Izecksohn. Esse texto faz parte da *Metapsicologia*, 1913, in O.C., Rio de Janeiro: Delta, v. V, 1959, pp. 391-399.

se-fazer. É assim, como uma *pulsção temporal*¹¹, que Lacan vai, no Seminário XI, conceituar o inconsciente. Uma pulsção em cuja defasagem se dá essa síncope¹². *Disjointed time*, como diz Joyce; um vão, por onde *Isso* (que se faz) *fala*, e se faz dela sujeito.

É verdade que Freud diz que os processos inconscientes são atemporais, não tendo absolutamente qualquer relação com o tempo. Esse enunciado, embora desmentido por ele mesmo com a sua teoria do *só-depois* {*nachträglich*}, reflete, segundo Erik Porge¹³, a força do preconceito de um tempo unidimensional. De fato, no livro dos chistes, Freud não teoriza o tempo e, quando o faz, acomoda-o à corrente positivista de sua época, mas proponho que se atente para o tempo que opera em seu texto. Já na sua primeira intervenção, apresentando a análise do chiste do familionário, o tempo, sincopado como uma *resolução no nada*, instaura, no duplo momento da iluminação proposto por Lipps, o vazio, abrindo um lugar em que reconhecerá depois o desejo.

O chiste tem duas caras, como Jano. Freud invoca esse deus em diversos momentos do livro (e também nas cartas a Fliess¹⁴, quando conta que tem em sua mesa um Jano que o olha com ar superior). Na mitologia, quando Cronos¹⁵ foi destronado por Zeus, foi Jano quem o acolheu em seu reino, no Lácio, e o associou à sua realeza. Reconhecido, o deus do tempo, dotou-o de uma rara prudência, que fazia com que visse sempre o passado e o futuro diante de seus olhos, motivo pelo qual é representado com duas caras, voltadas em sentidos opostos. É o deus das portas, um limite (porta da Lei),

¹¹ J. Lacan, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, (Seminário XI) texto estabelecido por J-A Miller, Paris: Points, 1973, p. 11. Um *pulso*, na Física, é o que age dentro de breves intervalos, tende a agir, a precipitar-se.

¹² Corte, perda, colapso, perda de consciência, haplologia. Na música, a síncope é uma alteração no tempo. O acento normal está na mente do ouvinte e o acento sincopado é, simultaneamente, ouvido em outro lugar. No jargão americano se diz "ragging the time"; o *ragtime* é uma dança que chama o corpo a ocupar esse intervalo defasado entre tempo e contratempo (Cf. José Miguel Wisnik, *O som e o sentido: uma outra história das músicas*, São Paulo: Cia das Letras, 1989).

¹³ E. Porge, *Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994, pp. 82-3.

¹⁴ Cf. J. M. Masson, ed., *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986, pp. 174, 361 e 362.

¹⁵ Por um jogo de palavras: Κρονος (o deus) / Χρονος (o tempo). Cf. Pierre Grimal, *Diccionario de mitologia griega y romana*. Buenos Aires, Paidós, e também P. Commelin, *Mitologia Grega e Romana*, trad. de Thomaz Lopes, Rio de Janeiro: Tecnoprint (sem data).

não um obstáculo, e tudo se abre e se fecha à sua vontade (as portas de seu templo ficam fechadas em tempos de paz). Em uma das mãos, leva uma chave; na outra, uma vareta, com que indica os caminhos. Mas Freud toma essas duas caras, uma como fachada da outra, especialmente como um modo de servir a dois senhores, *constringindo o ouvinte a duas concepções diversas*¹⁶ (o que permite que se deslize, rápido demais, para tomá-las como um jogo de sentido/não sentido): uma bela face, destinada a ser olhada {*Schauseite*}, enquanto a outra se esconde, deixando que entre as duas caras escape a Freud o dom de Jano. Mas o riso, que escancara as portas do temp(l)o, comunica que, nesse intervalo, um prazer terá sido recebido como um dom e, como tal, é irrecusável. É esse riso que, como veremos depois, desfaz também a própria tensão da síntese econômica que Freud busca na parte B de seu livro (Parte sintética), modificando sua abordagem da energia psíquica como uma quantidade¹⁷ economizada.

O tempo surge também, em diversos momentos, relacionado ao que Freud chamou de *prontidão técnica*¹⁸, tomada como uma *tendência sempre à espreita para renovar o ganho de prazer (como a incitação mais potente ao trabalho do chiste*¹⁹). Trata-se de uma mistura de tato e tática, de um saber aproveitar a ocasião, e Freud diz que, para isso, é preciso *Stimmung* (disposição, afinação), mas o que é mesmo indispensável é o que chama de uma aptidão pessoal {*persönliche Eignung*}. Essa aptidão pessoal expressa-se *na rapidez com que o investimento {Besetzung²⁰} pré-consciente é abandonado, e trocado, por um momento, pelo investimento inconsciente²¹*, provocando o desconcerto, uma vez que se faz, como dissemos acima, à revelia de um querer dizer. Dizendo de outro modo, uma representação inconsciente (que Freud nomeará *recalcada*), aproveita-se de uma representação presente no pré-consciente, *um material de palavras ou uma*

¹⁶ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 203 (também 147 e 222).

¹⁷ Cf. S. Freud, *El chiste*, op. cit., pp. 140-150.

¹⁸ Idem, p. 34.

¹⁹ Idem, p. 170-1.

²⁰ De acordo com Luiz Hanns (*Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996), o verbo *besetzen* evoca a imagem de um espalhamento que preenche, ocupa e bloqueia os espaços. É um termo militar, referindo-se à ocupação dos lugares conquistados. Ali, as forças ocupadoras ficam de prontidão.

²¹ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 170.

*ligação de pensamentos*²², para o qual transfere a intensidade do investimento inconsciente, que joga com esse material, com essas articulações, segundo as leis dos processos psíquicos inconscientes. São os mecanismos desses processos que Freud encontra no trabalho do sonho e no trabalho do chiste: regidos por uma outra retórica²³, por condensações e deslocamentos que nos tornam, como diz Lacan²⁴, *estrangeiros ao conteúdo imediato da frase em que irrompem*.

Para destacar essa prontidão técnica, Freud apela para os tropos da retórica (uma vez que é na linguagem que os efeitos dessa fala do inconsciente se dão a conhecer, como chistes, lapsos ou erros, como criação poética). O chiste apresentado por ele mostra, precisamente, uma virada argumentativa, fazendo da defesa um ataque, promovendo um "retorno ao emissor" {*Retourkutsche*²⁵}, elencado por Aristóteles como um dos *topoi* do entimema²⁶, voltar as palavras do outro contra ele mesmo, devolvendo o argumento no mesmo *Kutsche* (coche) em que veio:

Sereníssimo faz uma viagem por suas terras. De repente, encontra, no meio da multidão, um homem extremamente parecido com sua real pessoa. Chama-o perto de si e pergunta-lhe:

— *Com certeza sua mãe serviu algum tempo no castelo?*

— *Não, Alteza, foi meu pai.*²⁷

Se a aptidão pessoal se expressa na rapidez com que o investimento pré-consciente é *abandonado ao inconsciente*, e se é isso que vai fazer a diferença do chiste, de que *pessoal* se trata aqui? Se um chiste se faz independente de um querer dizer, de que querer se trata? De que aptidão? Quem é o retor, ou melhor, o sofista, que não deixa passar a ocasião? Se essa

²² Idem, *ibidem*.

²³ *Retórica*, do indo-europeu *wer-* = *falar*; pelo grego *rethor* = o que fala em público. Pelo latim *verbum* (verbo, palavra), *versare* = mover-se em torno (verso, vertigem), com o prefixo *apo-*, *aperire* = abrir, descobrir (abertura, aperitivo); pelo germânico **wh-dho*, *Wort* (palavra).

²⁴ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 11 de dezembro de 1957 (inédito).

²⁵ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 66.

²⁶ *Arte Retórica*, II, 23, 7.

²⁷ Idem, *ibidem*.

ocasião se reduz a uma síncope, um corte, um intervalo, não é ela mesma que o pressiona, que o apressa a não deixá-la passar?

Essas perguntas que o texto se faz sobre essa estranha temporalidade determinam o percurso desta leitura. Se *leg-* é no latim *legere*, ler, (es)colher as flores retóricas, é também *lêx*, sob sua lei, e *lêgāre*, o que engaja por contrato, portanto, não se pode ler sem compromisso, sem interferir. Interferir, sob a lei do chiste, interrogando essa retórica que — longe de se reduzir à função de ornamentação e de florilégio, alheia à verdade — conjuga a uma trópica generalizada (não só as figuras de linguagem mas jogando com os próprios significantes) a potência do *kairós*. Esse corte temporal não se contenta em coincidir com o tropo (virada, volta), mas renova sua dinâmica, constringindo a apreender juntos outros contornos, outras soletrações. É preciso, então, ler as escansões. Se o corte constringe a pôr-junto e, mesmo, a embutir fragmentos não associados segundo as leis da língua, introduz com ele outra *syn-taxis*, que ultrapassa qualquer intenção expressiva. Nesse intervalo, o inconsciente é poeta, um poeta *sintaxeiro*, como disse Mallarmé.

1.2. tropo e ocasião

A esse momento oportuno, "ocasionante", deu-se como origem o mito de *Kairós*, o deus do Instante. Para os gregos, *Kairós*²⁸ é representado na forma masculina. Traz em uma das mãos uma navalha, que simboliza sua natureza aguda; na outra, uma balança, em que pesa as almas dos mortos, que *Hermes* transporta através do Aqueronte. Tem asas nos pés, indicando sua enorme velocidade. A tradução para o latim converte *Kairós* em *Occasio*, fazendo-o aparecer como a deusa *Ocasão*, confundida, por vezes, com a deusa da Fortuna.

²⁸ Esse deus - *Kairós* - não aparece em nenhum dos livros de mitologia que consultei. Encontrei-o, por acaso, em um artigo de Manfred Kerkhoff, "Kairos como primer principio", in *Diálogos*, n. 60, 1992, pp. 81-100. Nesse artigo, Kerkhoff apresenta o conceito (a partir de um comentário de Proclo sobre o encontro de Sócrates e Alcebiades no Banquete de Platão) e o deus *Kairós* (no *Parmênides*, de Platão, e em Porfírio). O comentário de Proclo sobre o encontro no Banquete fala de um "concurso" de coincidências de desejos ao ocorrer o *kairós*, ocasião em que se dá uma *intensificação ôntica*, *uma potenciação de ser para os concernidos* (Sócrates e Alcebiades). O texto merece um estudo mais minucioso, que ficará para outra ocasião.

O primeiro a atribuir-lhe a graça feminina, segundo Kerkhoff²⁹, é Maquiavel, mas foi Goethe quem a celebrou num poema. Para Goethe, a ocasião é feminina, é esse seu lado erótico, eterno feminino que eleva e atrai, ligado à sorte e ao destino, ao incontrolável. Goethe diz, continua Kerkhoff, que todo poema é e deve ser um poema ocasional, ocasião para a *condensação* poética. Assim, devido ao caráter fugaz desses momentos, o poema tem por dever *esculpir*, fixar momentaneamente o momentâneo (*monumentaneamente*, como diz o chiste), e ele o faz, cantando a própria *Ocasião*. Finalmente, conclui Kerkhoff, ignorando (talvez) a etimologia da palavra *kairós*, o poeta escreve em seu diário da viagem à Itália: *Há momentos na vida em que os sucessos se cruzam diante de nós, como lançadeiras aladas, para terminar um tecido que mais ou menos nós mesmos fiamos e (depois) levamos conosco*³⁰. *Kairos* é tecido e, *kairós*, o momento justo; originalmente, a abertura formada pelo entrecruzar dos fios no tear³¹, trazendo-nos as lançadeiras³² do tear freudiano dos sonhos, em que se cruza o fio vermelho {*roter Faden*} de afeto e dependência, da metáfora goetheana (nas *Afinidades Eletivas*), que conduziu Freud através dos chistes.

O *kairós* foi definido pelos pitagóricos³³ como uma harmonia, no sentido grego do termo, como a faculdade de escolher palavras bem ajustadas, devendo os discursos ser adaptados a cada um. Seu significado temporal³⁴ vai

²⁹ M. Kerkhoff, "La diosa de la ocasion", in *Diálogos*, n. 42, 1983, pp. 25-42. Trata-se de uma conferência "ocasional", por motivo do 150º aniversário da morte de Goethe. Kerkhoff conta que Goethe visita um templo romano, o Panteão (a todos os deuses - *dhes-* > *theos*, em grego), e dá-se conta de que falta ali uma divindade que comemore o festivo do instante favorável. Ocasião mesma em que eterniza, num poema, a *Ocasião* pan-teísta romana (*dhes-*, em latim *fēstus*, "festivo"). No encerramento da conferência, Kerkhoff fala do *occiso poeta*, e de seu *ocaso favorable*.

³⁰ Idem, p. 39.

³¹ M. Kerkhoff, "La sinfonia del destino", in *Diálogos*, n. 54, 1989, pp. 103-128 (p. 108).

³² As lançadeiras são pequenas peças em forma de nave (*navettes*). Na antigüidade grega, era a parte interior do templo, onde se encontrava a estátua da divindade, o santuário. Do indo-europeu *nobh-* (também *ombh-*), significando *nó central, eixo de uma roda, relevo de um escudo*. Da variante *ombh-*, com o sufixo *-alo-*, temos o latim *umbilicus*, e o grego *omphalos* - o umbigo do sonho no tear freudiano (Cf. William Morris, ed. *The heritage illustrated dictionary of the english language*, Nova Iorque: McGraw-Hill, 1973).

³³ Cf. Armando Plebe, *Breve história da retórica antiga*, trad. e notas de Gilda Maciel de Barros, São Paulo: Edusp, 1978, pp. 4-8.

³⁴ Livio Rossetti diz em nota que, para Benveniste, a palavra grega correspondente a *tempus* não é *chronus*, mas, precisamente, *kairós*. Cf. "El momento *epikairós*", in *Analogia - filosofica*, n. 2, México, 1996, pp. 3-30 (p. 8).

sendo cada vez mais acentuado, especialmente a partir dos sofistas. Como *momento oportuno*, o primeiro a conceituá-lo foi Górgias. É a definição gorgiana de retórica que leva, segundo Plebe³⁵, à retomada do conceito de *kairós* retórico como *momento oportuno*, adequado ao tipo de ouvinte e aos fins do orador.

Górgias conta que acompanhava seu irmão (médico) à casa dos doentes que não se deixavam persuadir a ingerir uma droga: *quem persuadia era eu [dizia], sem outra arte que não a retórica*. O retor os convence, diz Plebe, melhor do que o médico, de que ele é médico: ao mesmo tempo sabe ser e sabe *fazer supor* que sabe. O *kairós* é também lugar comum nas doutrinas hipocráticas, ligado ao "momento justo" da intervenção, no "momento crítico" da doença³⁶.

De acordo com Lacan³⁷, as repetidas referências de Freud aos pré-socráticos não se reduzem ao testemunho de manifestações de sua imensa cultura. Quando renuncia à sugestão hipnótica, promovendo o método da associação livre, busca modos de fazer do paciente um colaborador. Para vencer suas *resistências*, substitui a pressão sobre as fronteiras pela pressão da fala (da histérica), e recorre à retórica, mas a uma retórica *artífice de persuasão* e ligada ao *kairós*³⁸, retórica de sonhos e chistes, portanto, não fundamentada na lei da contradição, nem esgotável numa taxonomia de figuras. Retórica anterior à intervenção platônica, que associou ao conceito de *kairós* o de *prépon* (conveniente), *no sentido da coerência das palavras com o conteúdo*³⁹.

Em *Psicanálise e medicina*, Freud diz que, *uma vez encontradas as interpretações exatas, surge uma nova dificuldade: saber escolher o momento propício {Gelegenheit} para comunicá-las ao paciente com alguma probabilidade de êxito*⁴⁰. Reconhecer em cada caso esse *momento oportuno* é

³⁵ A. Plebe, *Breve história da retórica antiga*, op. cit., p. 18.

³⁶ Idem, pp. 6-8. A citação de Hipócrates é: "O momento oportuno (*kairós*) é a alma de um tratamento (therapeia)".

³⁷ Cf. "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a *Verneinung* de Freud", in *Escritos*, op. cit., p. 385.

³⁸ Características que definem a retórica gorgiana (Cf. A. Plebe, *Breve história* op. cit., p. 17-8. Plebe cita Filóstrato (*Vida dos Sofistas*), que diz que Górgias, *assim, mostrou que sabia tudo e que teria podido falar sobre qualquer questão, confiando no kairós*.

³⁹ Idem, p. 18. Plebe refere-se ao *Górgias* de Platão (503e)

⁴⁰ S. Freud, in *Obras completas*, texto traduzido por Gladstone Parente, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v. 10, p. 397.

questão *de um certo tato*, continua, somente *aprimorável pela experiência*. E exige ainda o que o autor chamou de uma *atenção flutuante*, oxímoro em que leio uma disponibilidade ao *kairós*. O êxito da interpretação está em íntima ligação com o tempo, valendo, também, como não poderia deixar de ser, para o tempo de análise. *Quanto tempo durará o tratamento? De quanto tempo necessita o senhor para curar-me de minha doença?*⁴¹ Freud responde como Esopo ao viajante: *Anda! É preciso conhecer o passo, o ritmo desse caminhar*. Mas esse ritmo não é uniforme, regular, pulsando sempre em fase; há oscilações, paradas, inibições, interrupções, resistências, precipitações, defasagens, e todos esses tempos precisam ser contados⁴².

2. O momento oportuno do retorno a Freud

Não é um acaso que Lacan proponha um retorno a Freud por ocasião de uma conferência no estrangeiro, em Viena. Em 7 de novembro de 1955, Lacan apresenta *A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise*⁴³. Trata-se, como ele mesmo o reconhece, de um *exercício* de retórica, que retoma o fio da tradição sofisticada, da mestria da linguagem, para promover um retorno ao sentido de Freud. Esta leitura do livro dos chistes passa por esse retorno, e é esse retorno que lhe dá a sua destinação.

Na ocasião em que menciona a publicação dessa conferência, Lacan reafirma:

A retórica, ou a arte do orador, era uma ciência e não apenas uma arte. Nós nos perguntamos agora, como um enigma, por que esses exercícios puderam cativar, durante tão longo tempo, grupos inteiros de homens. Se é uma anomalia, ela é análoga à existência dos psicanalistas, e é talvez da mesma anomalia que se trata nas relações do homem com a linguagem, que volta no curso da história

⁴¹ S. Freud, *Conselhos ao médico para o tratamento psicanalítico*, OC., op. cit., v. VI, p. 547.

⁴² A contagem dos tempos, a partir da consideração do inconsciente como pulsação temporal, leva Jacques Lacan à prática, em suas psicanálises, das sessões de tempo variável, cujo fundamento teórico-prático é rigorosamente estabelecido por Erik Porge em *Psicanálise e tempo*, op. cit.

⁴³ Publicada nos *Escritos*, op. cit., pp. 402-437. Essa conferência também aparece como um anexo à sessão de 21 de dezembro de 1955, no seminário *As psicoses*.

*de uma forma recorrente, sob incidentes diversos, e se nos apresenta agora, na descoberta freudiana, sob o ângulo científico. Freud tornou a encontrá-la em sua prática médica, quando se deparou com esse campo em que se vêem os mecanismos da linguagem dominarem e organizarem, sem o conhecimento do sujeito, fora de seu eu consciente, a construção de certos distúrbios que se chamam neuróticos.*⁴⁴

Esses mecanismos de linguagem, concebidos inicialmente como um *aparelho de linguagem*⁴⁵ {*Sprachapparat*}, Freud os descobre responsáveis não só por distúrbios neuróticos, mas também por fenômenos -mais "normais" de nossa vida cotidiana: sonhos, sintomas, lapsos e chistes. Eles falam no sujeito, e é da necessidade de uma escuta dessa fala insistente que deriva a técnica analítica. Nessa deriva, entretanto, essa escuta se torna *descompassada*⁴⁶ do sentido de Freud, da direção que ele havia apontado. Um sonho, ele insiste, não é uma *fantasia simbolizante*⁴⁷, redutível, via analogia, a modelos ou arquétipos; o símbolo, assim considerado, perde justamente sua função social, seu valor de têsseira, de pacto. O sonho não é uma *atividade cerebral fragmentada*⁴⁸. Freud descobre nele uma sintaxe, uma trópica, um funcionamento que, submetido a leis de outra ordem (outra cena), surpreendem. Assim, o *fragmento* (a coisa, que Lacan vai nomear *letra* para distingui-la do *significante*) *deve ser lido em sua referência sígnica, substituindo cada figura* {*Bilderschrift* - escrita figurativa} *por uma sílaba ou palavra*⁴⁹... para

⁴⁴ J. Lacan, *As psicoses*, op. cit., p. 271.

⁴⁵ Para uma discussão rigorosa da constituição e do funcionamento desse aparelho, indico o trabalho de Maria Rita Salzano Moraes - tese de doutorado, Unicamp, 1999, inédita.

⁴⁶ Refiro-me aos fragmentos 1, 2 e 34, de Heráclito, em que ele diz: *Deste logos* (palavra, discurso, linguagem) *sendo sempre os homens se tornam descompassados... axýnetoi*, literalmente "que-não-se-lançam-com". Cf. *Os Pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*, trad. de José Cavalcante de Souza, São Paulo: Nova Cultural, 1989, pp. 51 e 54. O tradutor mantém a falta de pontuação do original grego.

⁴⁷ S. Freud, *La interpretación de los sueños*, org. com. e notas de James Strachey, com colaboração de Anna Freud - trad. de José L. Etcheverry, *Obras completas: Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 1993, v. 4, p. 141.

⁴⁸ Idem, p. 108-9. Referência de Freud à tese de Scherner. Freud vai retomá-la na p. 237 - *o trabalho do sonho entra para figurar simbolicamente o órgão do qual parte o estímulo: o corpo como a casa, e os órgãos como partes da casa*.

⁴⁹ Idem, pp. 285-6.

lê-la com a linguagem (fonemática), dando a ela (à figura) o estatuto de significante⁵⁰. Essa leitura primeira é que constitui, segundo Lacan, o escrito.

*Freud no século*⁵¹ é o título de uma conferência de Jacques Lacan, de 16 de maio de 1956, que celebra o centenário do nascimento de Freud. Essa conferência acontece no lugar e horário de uma sessão do seminário *As psicoses*, dirigida não a seu *Publikum* (os participantes do seminário), mas a um outro público {*Öffentlichkeit*}, aos estudantes de psiquiatria. O efeito mais evidente dessa participação do público é impor ao discurso de Lacan, como ele mesmo o aponta, uma dualidade de fins: matéria de elogio e matéria de ensino; estética do bem dizer (*eu-logos*) e ética de atribuir a si mesmo a tarefa da dicção do valor da descoberta freudiana.

Trazer aqui essas conferências de Lacan (uma, escrita - em *Escritos* - e outra, transcrita - no *Seminário*⁵²) vai me permitir indicar alguns caminhos que este trabalho foi levado a escolher. É conveniente, neste momento, pedir também a paciência do leitor para com os desvios que esta leitura é forçada a tomar, uma vez que o percurso é também marcado pelos tempos de paradas, hesitações, incertezas e resistências.

2.1. a transmissão é o modo de transmitir

Em primeiro lugar, considero a hipótese — recolhida em um artigo de Erik Porge⁵³ sobre os lugares em que se realizavam os seminários de Lacan —

⁵⁰ J. Lacan, "Situação da psicanálise em 1956", in *Escritos*, op. cit., pp. 471-3.

⁵¹ J. Lacan, *As psicoses, Seminário III*, texto estab. por J-A Miller, trad. de Aluísio Menezes, 1988, pp. 263-277. A conferência aparece entre as lições do seminário, como se fosse parte dele. Tomo-a aqui no seu valor de *enxerto*, de *parasita*, mas considerando também o sentido que teve originalmente no grego: *parasitos*, o hóspede, o convidado.

⁵² Para um estudo mais detalhado dessa diferença entre obra escrita e transcrita, abordadas do ponto de vista do *esotérico* e do *exotérico* na obra de Lacan, em função da transmissão da psicanálise, ver J-C Milner, *L'Œuvre claire: Lacan, la science, la philosophie*, Paris: Seuil, 1995, capítulo I, pp. 13-31. Milner considera, num primeiro momento, que os textos escritos de Lacan são exotéricos, enquanto O Seminário, como forjador de discípulos, seria esotérico. Num segundo momento, toma a posição contrária: os seminários é que são exotéricos, buscando capturar o ouvinte e fazê-lo (só então) passar de *exo* a *eso*. No final da discussão, entretanto, adverte que essa divisão não é tão clara. Para Erik Porge, a dificuldade está no fato de que Milner não considera a diferença entre seminário e escola (como locais de transmissão, com seus **públicos** diversificados). Cf. "De l'extériorité du séminaire de Lacan par rapport à l'école", in *Le Furet*, n. 5, abril de 1996, p. 51.

⁵³ Erik Porge, "De l'extériorité...", in *Le Furet*, op. cit., p. 47.

de uma homogeneidade entre o modo de transmissão e o que se transmite (que está em jogo na transmissão da psicanálise, na transmissão de tudo aquilo que se prova irreduzível à lógica do conhecimento). Encontro essa homogeneidade em ação no modo como Freud se conduz e é conduzido pelo trabalho do chiste, naquilo que mostra, causando esta leitura, enquanto procura explicar ao leitor como um chiste se faz (que apresento nas partes II e IV).

É possível reconhecer nessa hipótese a razão de Freud ter atribuído a Charcot⁵⁴ a glória de ter sido o primeiro a explicar a histeria, reproduzindo artificialmente, pela via da hipnose, o sintoma histérico. Quando Freud traduz as lições do mestre francês, acrescenta em nota que Charcot *explica esse processo, reproduzindo-o*⁵⁵ para seus assistentes, em sessões de apresentações de doentes. Ele é o primeiro a "explicar" a histeria, inventando-a, ficcionando-a, dramatizando-a, fazendo-a diante e não antes (*fazer antes é servir de modelo; fazer diante é simular* - como diz Nietzsche⁵⁶ em *Ecce Homo*). E Freud, no lugar do *Publikum*, confere-lhe a patente dessa invenção do Outro-histérica, não somente em seu valor de verdade (como *estrutura de ficção*, como afirma Lacan), mas como *valor operatório de um dispositivo técnico, de agora em diante à disposição de todos*⁵⁷, para ser repetido, sempre, de novo, pela primeira vez. À disposição de Freud, pelo menos, porque Freud se dispõe à alteridade (permitindo ser deslocado, para deixá-la vir).

Além dessa homogeneidade entre o modo de transmissão e o que se transmite, levando em conta os lugares em que o ensino se dá, é preciso considerar, ainda, que o modo de transmissão leva em conta, inclui, a participação do público, ou seja, é preciso também considerar o que acrescenta aquele que ouve⁵⁸ - o que Freud acrescenta à transmissão de Breuer e Charcot; o que o ouvinte acrescenta, no caso do chiste e do lapso, quando ri; o que o analista acrescenta, quando corta, quando silencia. Sem esquecer que

⁵⁴ Mestre de neurologia, com quem Freud estudou, de outubro de 1885 a fevereiro de 1886, na Salpêtrière, em Paris.

⁵⁵ Cf. Erik Porge, "A apresentação de doentes", in *Boletim de Novidades (Pulsiona)*, ano IX, n. 87, julho de 1996, pp. 19-40 e Jean Allouch, *Letra a Letra: transcrever, traduzir, transliterar*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1995, p.43.

⁵⁶ F. Nietzsche, "Ecce Homo", in *Obras Incompletas*, op. cit., nota 4, p. 373.

⁵⁷ Cf. Jacques Derrida, *Psyché - invention de l'autre*, Paris: Galilée, 1987, p. 17.

⁵⁸ E. Porge, "A apresentação de doentes", op. cit., p. 21.

também o ouvinte é reconhecido na retórica aristotélica, não só como determinante no estabelecimento dos gêneros oratórios⁵⁹, mas também como aquele com quem se conta para "ter no espírito" (*enthumeisthai*>*enthumēma*) a premissa implícita do silogismo .

Esse papel do ouvinte é o que está em jogo no chiste que serve de epígrafe a esta parte do trabalho. Quando analisa esse chiste, Freud diz que sua substância mais séria é o problema das condições da verdade:

*Consiste a verdade em descrever as coisas tais como são, sem se preocupar em saber como as entenderá o ouvinte? Ou essa verdade não passa de jesuitismo, e a verdade genuína deve levar em conta o ouvinte e transmitir-lhe uma versão fiel de seu próprio saber?*⁶⁰

Nesse capítulo (III), Freud analisa o que chamou de chistes tendenciosos, que acaba de dividir entre chistes obscenos, hostis e cínicos. Terminadas as análises, acrescenta o chiste dos judeus no trem, o único de seu tipo, fazendo dessa *desmesura sofisticada* o porta-voz da verdade. Se leva em conta o ouvinte, ela é da ordem do efeito, portanto, seu valor não tem como medida a *adequatio rei et intellectus* (adequação da coisa e do inteligir, da coisa e do entendimento). É com um suplemento de ceticismo (Será que a verdade pode se reduzir à correspondência entre uma proposição e um estado de coisas no mundo, sem levar em conta o ouvinte, o a-propósito de sua escuta?) que Freud encerra sua análise das fontes de prazer do chiste: as técnicas e as tendências.

Considero os chistes desse tipo bastante diversos dos demais para indicar-lhes um lugar particular. Não atacam pessoas, nem instituições, mas a própria certeza de nosso conhecimento, um de

⁵⁹ Aristóteles, *Arte Retórica e Arte Poética*, introd. e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle, trad. do francês de Antônio Pinto de Carvalho, Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985, Livro I, cap. 3, 2: O ouvinte é, necessariamente, espectador ou juiz; se exerce as funções de juiz, terá de se pronunciar sobre o passado ou sobre o futuro. Aquele que tem de decidir sobre o futuro é, por exemplo, o membro da assembléia; o que tem de se pronunciar sobre o passado é, por exemplo, o juiz propriamente dito. Aquele que só tem que se pronunciar sobre a faculdade oratória é o espectador. Donde resultam, necessariamente, três gêneros de discursos oratórios: o gênero deliberativo, o gênero judiciário e o gênero demonstrativo ou epidítico.

⁶⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 108.

*nossos bens especulativos. Assim, o nome adequado para eles seria o de chistes "céticos".*⁶¹

2.2. o que o ouvinte acrescenta ao rir

Em segundo lugar, se o modo de transmissão leva em conta o público, em que medida este deve ser contado naquilo que se transmite? É preciso, antes de mais nada, explicitar esse "aquilo" que se transmite, de que saber se está falando. Não se trata de um saber estabelecido, mas de um saber que se ex-põe à responsabilidade do outro. Apela a uma escuta, antecipa-a, mas exclui a observação exterior {*äussere Betrachtung*}, como disse Fischer; um saber não sabido (fala de uma outra cena), que nada deve às intrigas do conhecimento. Não se trata, portanto, de um saber apodítico (que se apóia no mostrado), que se pode demonstrar tendo em vista obter a adesão de um público⁶² {*Öffenlichtkeit*}, mas de um *savoir faire* que apela a um reconhecimento de outro público {*Publikum*}, que o constitua. Entre os gêneros oratórios elencados por Aristóteles, o gênero epidítico apresenta afinidades com esse tipo de transmissão que exige uma participação do público naquilo que se transmite.

Reconhecido por Aristóteles como uma retórica cerimonial - elogio ou censura - e com características identificatórias que asseguram seu papel especial na criação e sustentação de grupos sociais, esse gênero discursivo tem por fim a criação de valores. De acordo com Chaim Perelman⁶³, foi considerado pela filosofia como o mais irrelevante, o mais vazio, uma forma degenerada de eloquência. Sua característica social acaba por passar despercebida, devido à sua tendência a tornar-se um espetáculo por si, ou servir ao retor para mostrar sua virtuosidade. Acontece que, como nota Perelman⁶⁴, nesse tipo de discurso, o orador deve estar habilitado a tomar a palavra (como disse Freud a respeito do chiste, *não está à disposição de todos*⁶⁵). Proponho que se considere, por um instante, esse "orador" virtuoso

⁶¹ Idem, p. 109.

⁶² Cf. Chaim Perelman e L. Olbrechts-Tyteca, *La nouvelle rhétorique: traité de l'argumentation*, Paris: PUF, 1958, p. 63.

⁶³ Idem, ibidem.

⁶⁴ Idem, p. 690.

⁶⁵ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 134.

numa outra cena, a retórica dos sonhos e chistes, e o que ela suscita. Nos dizeres de Lacan:

*A perífrase, o hipérbato, a elipse, a suspensão, a antecipação, a retratação, a denegação, a digressão e a ironia são as figuras de estilo (as "figurae sententiarum" de Quintiliano), e a catacrese, a litotes, a antonomásia e a hipotipose são os tropos, cujos termos se impõem à pena como os mais adequados a rotular esses mecanismos (do inconsciente). Será possível ver nisso apenas um simples modo de dizer, quando são exatamente essas as figuras que estão em ato na retórica do discurso efetivamente proferido pelo analisando?*⁶⁶

Sublinho o *em ato* da citação, para lembrar que são precisamente essas figuras em ato que se ressecam entre as páginas dos florilégios, dos tratados de retórica e de versificação. O discurso epidítico, de que falo a seguir, coloca-as em ato, simulando-as.

A epidêixis (que dá nome a esse gênero discursivo) é a arte de mostrar em presença do público, *mostrar diante, simular*, servindo-se daquilo que se mostra como de um exemplo, e tendo por referência o belo e o vergonhoso⁶⁷ (*são belas as coisas contrárias ao que nos faz corar*⁶⁸). O público que o determina não toma decisões nem dá um veredictum; como espectador, só se manifesta sobre o talento do orador. O gênero epidítico tem seu nome ligado a uma figura de linguagem pouco conhecida, a *ecfrase* (do latim: *ec* - suplemento, e *phrasis*; do grego *phrazein*, mostrar. A dimensão pública liga-se ao *exibir*). A *ecfrase* empregada pelos retores designava toda performance verbal sobre a imagem, definida como representação verbal de representação visual (cujo resultado seria, no caso dos sonhos, uma fantasia simbólica). Entretanto, segundo Michel Constantini⁶⁹, essa palavra jamais significou *comentário de imagem*, Homero não descreve o escudo de Aquiles; o poeta cego o lê, lê o que não está visível, pintando-o com palavras. De acordo com James Heffernan⁷⁰, a *ecfrase* questiona a própria possibilidade de

⁶⁶ J. Lacan, "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", in *Escritos*, op. cit., p. 525 (grifo meu).

⁶⁷ Aristóteles, *Arte Retórica*, I, 3, 5.

⁶⁸ Idem, I, 9, 20 (retomo essa questão do *vergonhoso* na parte IV, deste trabalho, ao tratar do lapso)

⁶⁹ Michel Constantini, "Écrire l'image, reti-on", in *Littérature*, n. 100, dez-1995, pp. 22-48

⁷⁰ James Heffernan, *Museum of words: the poetics of ekphrasis from Homer to Ashbery*, Chicago University Press, 1993.

representação, ou seja, a conexidade de representações com os objetos que representam. Para o autor, o objeto representado é produto da representação, é reencontrado a posteriori, ao final desse procedimento discursivo.

2.3. quando a verdade fala

Em *A coisa freudiana*, Lacan denuncia a falsa paz que se estabelece com o mero reconhecimento das tendências inconscientes⁷¹, abrindo na conferência um espaço em que *a coisa fala de si mesma*⁷². *Eu, a verdade, falo*. Trata-se, diz, de uma fala verdadeira. De que verdade se trata? De uma verdade que, quando fala, nos fala, e nos embaraça: *ali onde a fala mais cautelosa exhibe um ligeiro tropeço, [onde] a intenção mais inocente fica desconcertada ao não poder mais calar que seus atos falhos são os mais bem sucedidos e que seu fracasso premia seu mais secreto anseio*⁷³. E ela fala a verdade pela via, pelo alibi⁷⁴, do que se considera o *menos verdadeiro em essência: pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo nonsense do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei, mas por sua contingência...*⁷⁵.

É no seminário *As psicoses*, na parte nomeada "Do significativo ao significado", que Lacan afirma que *o fenômeno do chiste tem um valor especial na descoberta freudiana, porque permite ver claramente a coerência perfeita que tinha, na obra de Freud, a relação do fenômeno analítico com a linguagem*⁷⁶. É nesse ponto que se cruzam as duas conferências que me permitiram apontar a complexidade dessa relação⁷⁷, e cruzam-se,

⁷¹ J. Lacan, "A coisa freudiana", in *Escritos*, op. cit., p. 406.

⁷² Título de um trecho da conferência em que Lacan faz uma verdadeira prosopopéia d'a coisa, fazendo dela um agente discursivo. J. Lacan, "A coisa freudiana", in *Escritos*, op. cit., pp. 410-12. [Agradeço a Nina Leite a indicação desse texto, no qual, chamando-me a atenção para o problema do reconhecimento da verdade em Freud, apontou-me a possibilidade de uma articulação entre as tendências inconscientes (e a insuficiência de seu reconhecimento) e a insistência de Freud em afirmar o trabalho do chiste como técnica verbal.]

⁷³ J. Lacan, "A coisa freudiana", in *Escritos*, op. cit., 411.

⁷⁴ Lacan fala, no seminário *Les formations de l'inconscient* (lição de 6 de novembro de 1957 - inédito), de uma dimensão de alibi da verdade. *Alius* (outro de mais de dois), *ubi* (lugar).

⁷⁵ J. Lacan, "A coisa freudiana", in *Escritos*, op. cit., 411.

⁷⁶ J. Lacan, *As psicoses*, op. cit., p. 189.

⁷⁷ Chamando a atenção para as posições de ensino tomadas por Lacan.

precisamente, num seminário sobre a loucura, que acompanha a liberdade do homem, como sua sombra, como seu limite, como um fenômeno que, segundo Lacan, *não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem*⁷⁸.

*Enveredemos por esse caminho para estudar as significações da loucura, como nos convidam a fazer as modalidades originais que nela mostra a linguagem: as alusões verbais, as relações cabalísticas, os jogos de homonímia, e os trocadilhos [...] o toque de uma singularidade cuja ressonância é preciso sabermos ouvir numa palavra para detectar o delírio, a transfiguração do termo na intenção inefável, a fixação da idéia no semantema (que aqui, precisamente, tende a se degradar em signo), os híbridos do vocabulário, o câncer verbal do neologismo, o envicamento da sintaxe, a duplicidade da enunciação, e também a coerência que equivale a uma lógica, a característica que, pela unidade de um estilo nas estereotípias, marca cada forma de delírio: tudo isso pelo qual o alienado, através da fala ou da pena, comunica-se conosco.*⁷⁹

No livro dos chistes, Freud afirma que os processos do pensar inconsciente são mais fáceis de captar nas produções dos doentes com perturbações psíquicas. É muito provável, dirá então, *que fôssemos capazes de compreender os delírios {Deliries⁸⁰} dos doentes mentais, e apreciá-los como comunicações {Mitteilungen}, se, em vez de submetê-los ao pensar consciente, nós os tratássemos com nossa arte de interpretação, tal como fazemos com os sonhos*⁸¹.

Mais de cinquenta anos depois, no seminário *As Psicoses*⁸², Lacan afirma que *a experiência psicanalítica encontra no discurso do psicótico precisamente o que ele descobre ordinariamente como discurso do inconsciente*. No sistema delirante, afirma ainda, *supomos uma solidariedade contínua e profunda dos elementos significantes, do começo até o fim do delírio*⁸³; por isso, recomenda aos psicanalistas não partirem da idéia de que,

⁷⁸ J. Lacan, "Formulações sobre a causalidade psíquica", in *Escritos*, op. cit., p.166.

⁷⁹ Idem, p. 168.

⁸⁰ *Dē+irāre* é desviar-se do sulco do arado, sair da trilha.

⁸¹ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 163. Freud lembra ainda, em nota, que a desfiguração que se produz nos sonhos devido à censura também é eficaz nas psicoses.

⁸² J. Lacan, *As psicoses*, op. cit., lição de 8 de fevereiro de 1956.

⁸³ Idem, lição de 1 de fevereiro de 1956.

por ser um delirante, seu sistema seja discordante, inaplicável (ao que se comunica numa sociedade de semelhantes).

3. Uma impressão deixa marcas

Entre o livro dos sonhos e o livro dos chistes enviam-se cartas. Uma série de correspondências: cartas de Freud a Fliess, notas de pé de página, trechos acrescentados em novas edições, remissões de um livro a outro, fazendo pontes entre os sete capítulos de cada um. De um modo geral, a correspondência entre os livros não é levada em conta⁸⁴ - quando muito, como algo episódico - reforçando a impressão de que o livro dos chistes não passaria de um suplemento a *A interpretação dos sonhos*; de que teria tido, para o próprio Freud, uma importância menor. Mas, se considero uma carta em que declara, a propósito do livro dos sonhos: "*nenhum de meus trabalhos foi tão completamente meu, meu próprio monte de esterco, meu rebento e, ainda por cima, uma "nova espécie mihi"*"⁸⁵, esse suplemento adquire um peso maior. É preciso não esquecer que um suplemento é, sem dúvida, um acréscimo, mas é também um acréscimo que supre uma deficiência, alterando, *nachträglich* (só-depois, *a posteriori*), aquilo a que veio se juntar. Conforme veremos, o próprio trabalho do chiste exige esse suplemento, traça-lhe um lugar em seu vir-a-ser.

James Strachey observa ainda, na Introdução à Standard Edition, que Freud quase não alterou esse livro (uns poucos acréscimos, na segunda edição); enquanto outros, escritos na mesma época, foram profundamente alterados. Essa diferença, por si só, daria ao livro o estatuto de *uma obra à parte* em relação ao resto de seus escritos⁸⁶. Acrescente-se a isso o fato de

⁸⁴ À exceção de Jacques Lacan (que faz referências à correspondência tanto nos *Escritos* quanto nos Seminários). Entre os trabalhos a que tive acesso, e que tratam da correspondência entre Freud e Fliess (ligando especificamente o livro dos sonhos ao livro dos chistes), confira-se, de Erik Porge: o seminário *Clinica del psicoanalista*, Buenos Aires: El mono de la tinta, 1991 e o livro *Roubo de Idéias?*, citado acima.

⁸⁵ Carta de 28-5-1899, in J. M. Masson, ed., *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986, p. 354 (trad. ligeiramente modificada. Troco o *arbusto* da tradutora pelo *rebento* do poeta. *O ato, a criação, o seu momento, como uma estrela nova...* como canta Gilberto Gil em *Rebento*). Lacan diz que, com essa *nova espécie mihi*, Freud fala de uma espécie nova saída de seu ventre (*As Psicoses, Seminário III*, op. cit., p.272).

⁸⁶ J. Strachey, "Introdução", in *El chiste*, op. cit., p. 6.

que, ainda segundo o tradutor inglês, Freud considerava o livro dos chistes apenas uma "digressão", em relação às interpretações dos sonhos.

De fato, Freud afirma, vinte anos depois, em sua *Autobiografia* (1925), que escreveu esse livro apenas para esclarecer uma impressão {*Eindruck*⁸⁷} que suas interpretações de sonhos provocaram em Fliess⁸⁸. Minha hipótese é de que talvez se tenha dado muito pouco peso a essa "impressão", não atentando para seu caráter de "marca", e, mais ainda, para o caráter que essas ditas impressões representam para o trabalho de Freud.

Um ano antes da autobiografia, escrevendo a *História do movimento psicanalítico* (1924); falando da imensa solidão, da indiferença, e do sentimento de repulsa que provocou nos leitores de sua *Interpretação dos sonhos*, escreve:

*Que meu espírito não tenha chegado a ficar amargurado para sempre, devo-o a uma circunstância com cujo auxílio não têm podido contar todos os investigadores solitários. [...] Se era exato que os fatos por mim descobertos na análise eram mantidos afastados da consciência dos enfermos por meio de resistências afetivas interiores, essas resistências tinham de surgir também nas pessoas sãs, ao lhes ser comunicado, do exterior, o recalçado. Não era de estranhar que soubessem depois motivar, mediante uma fundamentação intelectual, a repulsa ordenada afetivamente.*⁸⁹

Não era de estranhar..., mas Freud estranhou. Se, por um lado, atribui a Lipps o estímulo para dar início ao trabalho com os chistes; declara que a *ocasião subjetiva* que o levou a escrever foi essa carta de Fliess, reclamando das interpretações demasiado "chistosas" dos sonhos. Freud menciona essa carta em uma nota, no capítulo VI dos sonhos, em um determinado ponto do item A: "O trabalho de condensação".

Comparando o conteúdo manifesto do sonho com os pensamentos oníricos latentes, o intérprete verificará, diz Freud⁹⁰, que se efetuou um imenso

⁸⁷ *Eindruck* é impressão, no sentido de imprimir e de impressionar.

⁸⁸ S. Freud, "Autobiografia", trad. de Isaac Izsocksohn, in OC, v. X, p. 348.

⁸⁹ S. Freud, "História do movimento psicanalítico", trad. de Odilon Gallotti, in OC, v. X, pp. 225-288.

⁹⁰ S. Freud, *La interpretación de los sueños*, op. cit. p. 302.

trabalho de condensação do material psíquico. Durante os processos de análise, cada fragmento sofre diversos prolongamentos associativos. No entanto, alerta-nos⁹¹, o trabalho de condensação não se verifica fornecendo a cada pensamento latente (ou grupos deles) algo como uma abreviatura destinada ao conteúdo manifesto do sonho - *como um deputado eleito pelo povo para representá-lo*. É a completa totalidade dos pensamentos latentes que é submetida a esse trabalho, de acordo com o qual os elementos mais firmes e mais eficazmente sustentados são situados em primeira linha, *concorrendo* para seu acesso ao conteúdo manifesto - *tal como o procedimento de eleição por listas eleitorais*. Assim, nessa retórica do sonho, os elementos do conteúdo manifesto são constituídos pela totalidade dos pensamentos latentes (a parte pelo todo) e cada um deles é multiplamente determinado com relação a essas idéias (o todo pela parte).

Esse trabalho torna-se, mais do que nunca, evidente, continua Freud, quando toma, como objetos, palavras e nomes, resultando em formações singularíssimas, verdadeiros *monstros verbais*⁹², às vezes cômicos (por exemplo: o "neologismo" *Autodidasker*, que lhe aparece em sonhos, e é interpretado literalmente como uma condensação. Aí aparece o irmão, *Alex*; um personagem - *Sandoz* - que *Zola* criou a partir de um anagrama - *Aloz* - de seu nome, decomposto em *Al*, de *Alexander*, e *Sand*, e também *autor*, *autodidata*, *Lasker*). Freud acrescenta, em nota, que essa mesma decomposição, uma verdadeira *Auflösung* (decomposição) química das sílabas, serve-nos, na vigília, para a formação de chistes (Numa carta de maio de 1897, Freud já escreve a Fliess que na fantasia inconsciente pode-se observar esse processo de decomposição química⁹³).

⁹¹ Idem, p. 292.

⁹² Almuth Grésillon aponta congruências entre jogos de palavras e monstros figurativos (animais que falam, centauros, hidras, gigantes, etc.): ambos tocam fronteiras e produzem o não existente. Cf. "Le mot-valise: un monstre de langue?", in Joseph Clims (org.), *La linguistique fantastique*, Paris: Denoël, 1985, pp. 245-259. Essas congruências encontram-se indicadas em Freud, no capítulo VI de *La Interpretación de los sueños*. Freud fala que a possibilidade de criar formações mistas é um dos fatores que mais contribuem para dar ao sonho um caráter fantástico. Essas formações passam para o conteúdo manifesto *elementos que jamais poderiam ser objeto de percepção* (tal como na vigília imaginamos um *centauro* ou um *dragão*). O *monstro*, diz também J. Derrida em *Points de suspension* (Paris: Galilée, 1992), é o que se mostra não reconhecido, sem tradição ou modelo normativo.

⁹³ *A correspondência...*, op. cit., p. 248. No estudo crítico das afasias, de 1891, Freud abre seu trabalho dizendo que *a parafasia observada em alguns doentes não se distingue em nada daquela troca ou mutilação de palavras que quem é saudável pode encontrar em si próprio em*

Em cada um dos sonhos analisados, Freud insiste em que tais elementos são produtos do "trabalho onírico", e aparecem no conteúdo manifesto como resultado desse trabalho. O trabalho de interpretação segue um caminho que vai do sonho manifesto aos pensamentos oníricos latentes; o trabalho do sonho *segue o caminho contrário* [acrescenta], *e não é nada verossímil que esses caminhos sejam transitáveis em direção inversa*⁹⁴. Isso significa dizer que, buscando o desenvolvimento a partir do final (analisando), remontando o sonho, o que se constitui é *uma conexão sem lacunas*; por outro lado, *se partimos das pressuposições descobertas pela análise*, tomando a via inversa (a da síntese), *não seremos capazes de prever nenhum resultado*⁹⁵; primeiro, porque nem todas as idéias súbitas, surgidas no trabalho de interpretação, devem ser situadas também no trabalho do sonho; segundo, porque há pensamentos oníricos colaterais que foram submetidos à censura, ao recalçamento, e forçados a buscar um desvio para chegar ao conteúdo latente. Assim, Freud conclui, no conteúdo manifesto, é preciso considerar que *toda associação e todo chiste, por longínquos e forçados que sejam, podem constituir a ponte entre dois pensamentos latentes*⁹⁶. Para o trabalho do sonho, diz Freud no livro dos chistes, *todo nexo é bom*⁹⁷; é, portanto, a esse trabalho que aderem a estranheza, o mal-estar, as impressões chistosas que o relato do sonho provocou em nós. Momento oportuno, então, para responder à resistência afetiva de seu primeiro leitor; leitura que confio a um escrito de Jacques Lacan⁹⁸:

caso de cansaço ou de atenção distraída ou sob influência de estados afetivos que o perturbam. (Cf. *A interpretação das afasias: um estudo crítico*, introd. de Armando Verdigione, trad. de António Pinto Ribeiro, Lisboa: Edições 70, 1977, p. 35.

⁹⁴ S. Freud, *La Interpretación de los sueños*, op. cit., p. 622-3.

⁹⁵ Cf. François Regnault, "Analyse et synthèse chez Freud", in *Conférences d'esthétique lacanienne*, Paris: Agalma, 1997, pp. 33-56. O trecho citado está na página 43.

⁹⁶ S. Freud, *La Interpretación...*, op. cit., (grifos meus).

⁹⁷ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 164.

⁹⁸ Leio essa trama epistolar tomando como base a III tese de Lacan em "A agressividade em Psicanálise" (in *Escritos*, op. cit., pp. 104-126). A tese diz: *Os impulsos de agressividade decidem sobre as razões que motivam a técnica da análise.* Os trechos em questão são os seguintes: *Que preocupação condiciona, portanto, diante dele (do analisando) a atitude do analista? A de oferecer ao diálogo um personagem tão desprovido quanto possível de características individuais; nós (os analistas) nos apagamos, saímos do campo ...* (p. 109). *O que procuramos evitar, através de nossa técnica, é que a intenção agressiva no paciente encontre o apoio de uma idéia atual de nossa pessoa...* (p. 111).

*"Certamente é verdade que o sonhador é arguto demais, mas isso não é por minha causa...⁹⁹". [Não é ele (o intérprete) o destinatário de tal recriminação; ele não tem nada a ver com isso] ...a crítica é justa sempre que se refira ao sonhador, e, se estende essa observação ao intérprete dos sonhos, esconde unicamente uma reprovação...[O analista dos sonhos sai do campo e denuncia uma intenção agressiva] se meus sonhos parecem tais, isso não se deve à minha pessoa... [evitando que ela encontre apoio em sua pessoa] "Todos os sonhadores são igual e insuportavelmente argutos, e precisam sê-lo"...são **forçados** a sê-lo..., "porque estão sob pressão e porque a via direta lhes está barrada.*

"Se você acha necessário, incluirei uma observação nesses sentido em algum lugar¹⁰⁰. A evidente argúcia de todos os processos" (e os leitores podem se convencer de que os sonhos de meus pacientes provocam, em grau igual aos meus, e ainda mais, a impressão de chistosos) "está intimamente relacionada com a teoria do chiste e do cômico".

Interessa-me aqui ressaltar que é pela via desse chistoso que Freud pode denunciar, em Fliess, esse "erro de pessoa". Freud não é igual a Freud, e leio essa "denúncia" como uma reivindicação de que esse não-saber inconsciente seja tomado como uma forma elaborada do saber¹⁰¹. Freud insiste em se fazer autenticar por isso que ele não sabe, e que o **força** a parecer chistoso:

O que me desagrada é o estilo, que foi totalmente incapaz de uma expressão digna e simples, sem resvalar para circunlóquios espirituosos, no esforço de buscar as metáforas. Sei disso, mas a

⁹⁹ As citações entre aspas são retiradas de uma carta de Freud a Fliess, de 11 de setembro de 1899 - in *A correspondência...* op. cit., p. 371-2. As citações sem aspas são trechos do livro dos sonhos, op. cit., p. 304 (grifo meu).

¹⁰⁰ Freud inclui essa carta em nota, no capítulo VI de *A interpretação dos sonhos*, à qual acrescenta ainda uma nota (em 1909), remetendo ao livro dos chistes. Na *Conferência XV* ("Incertezas e críticas"), analisando o que chamou de "um sonho-trocadilho", acrescenta: *muitas vezes sucedeu atribuírem-se ao intérprete trocadilhos que eram de autoria do sonhador* (in: *Obras Completas de Sigmund Freud*, trad. de Elias Davidovich, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v. 8, p. 265). No capítulo VI de *El chiste*, op. cit., p. 165, o comentário está no corpo do texto.

¹⁰¹ Remeto aqui a uma passagem do texto de Jacques Lacan, "Variantes do tratamento padrão", nomeada: *O que o psicanalista deve saber: ignorar o que ele sabe*, in *Escritos*, op. cit., pp. 351-364.

*parte de mim que o sabe e sabe como avaliá-lo é, infelizmente, a parte que não produz.*¹⁰²

Que um comentário aparentemente tão inofensivo, como o de Fliess, possa assumir uma importância maior, só pode ter algum sentido à luz da consideração de que o inconsciente não é uma consciência barrada, um limite da consciência representativa, algo que não *passou pela cabeça porque não estava no "centro da atenção"*, mas algo que, afirma Freud, *efetivamente não se sabe*¹⁰³. Isso, que não se sabe, é nele a parte que fala.

4. O saber forçado

No anexo III de *Les vérités de la Palice*, Michel Pêcheux aponta, nesse não reconhecimento do que *não se sabe*, um ponto que, em seu próprio trabalho, vai *marcar o lugar de um emperamento teórico e prático*¹⁰⁴.

Pêcheux observa, nesse anexo¹⁰⁵, um suplemento acrescentado à edição inglesa sete anos depois da publicação, que havia introduzido no livro grande número de chistes, reconhecendo então que, de certo modo, viu-se **forçado** a isso¹⁰⁶. Era o único meio para expressar *o que o momento de uma descoberta tem fundamentalmente a ver com o desequilíbrio de uma certeza*.

¹⁰² Carta de 11 de setembro de 1899, in *A correspondência...* op. cit., p. 371 (grifo meu).

¹⁰³ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 156.

¹⁰⁴ Michel Pêcheux, *Les vérités de La Palice*, trad. para o português como: *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, trad. de Eni Pulcinelli Orlandi et al, Campinas: Editora da Unicamp, 1988, p. 296.

¹⁰⁵ Cf. Nina Leite, *Discurso: o acontecimento na estrutura*, Rio de Janeiro: Campo matêmico, 1994, especialmente o capítulo 5, parte III. Pêcheux encerra sua introdução ao livro ("Uma simples nota prévia") afirmando: *O leitor encontrará no anexo III (p. 293) um texto redigido durante o inverno político francês de 1978-9. Esse texto inicia a necessária retificação de certos aspectos das teses desenvolvidas nas partes III e IV, bem como na conclusão da presente obra*.

¹⁰⁶ O reconhecimento desse "ser forçado a", aparece também em Ferdinand de Saussure. O lingüista, lidando com os anagramas, acaba por se perguntar se não *seria um jogo voluntário do poeta* [3957], mas observa também que: *fazer versos com anagrama é, forçosamente, fazer versos segundo o anagrama, sob o domínio do anagrama* [3963] - Cf. Jean Starobinski, *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*, trad. de Carlos Vogt, São Paulo: Perspectiva, 1974, pp. 87 e 23 (grifo meu).

*Isso reforça, acrescenta depois, que o pensamento é fundamentalmente inconsciente ("isso [ça] pensa!"), a começar pelo pensamento teórico*¹⁰⁷.

Os chistes que apareceram em *Les vérités de la Palice* acabaram por irritar mais de um leitor, o que nos leva a concluir que tais chistes, assim como aqueles do "sonhador", aparecem como chistes que não deram certo, que "não têm graça", como uma fabricação artificial, o que teria feito com que Fliess se perguntasse se não teria sido produzida pela engenhosa arte do intérprete, forçando suas interpretações. A resposta de Freud, no capítulo VI dos chistes, de certo modo, encerra a questão:

*Se a uma pessoa que o ignore, ou não esteja habituada, comunicamos a análise de um sonho em que se evidenciem esses caminhos singulares, chocantes para o pensamento de vigília, que constituem as alusões e deslocamentos de que se serviu o trabalho do sonho, esse leitor experimenta uma sensação desagradável e declara tais interpretações "chistosas"; mas é manifesto que as considera, não chistes bem sucedidos, mas malogrados, forçados e que, de certo modo, infringem as regras do chiste.*¹⁰⁸

No texto de Pêcheux, essa infração, essa falha do chiste, é suprida (ele mesmo o aponta) por um sintoma: *um sintoma recorrente que soava de maneira oca: estou querendo designar o prazer sistemático, compulsivo (e incompreensível para mim) que eu tinha em introduzir [no livro] a maior quantidade possível de chistes*¹⁰⁹. Esses chistes acabam por provocar uma irritação, assim como o sonho chistoso do sonhador provoca nos leitores uma sensação desagradável. Ora, se um chiste é feito para proteger o prazer, que chistes são esses, baldios para o riso? A resposta já está dada: são chistes forçados. E forçar é não somente levar alguém a fazer algo contra sua vontade, mas, também, dar uma interpretação descabida, desviar. A língua diz melhor, e ela força a barra, mas o chiste precisa estar acordado, não é como um sonho,

¹⁰⁷ M. Pêcheux, *Semântica e discurso*, op. cit., p. 303 (grifos meus).

¹⁰⁸ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p.165-6 (grifos meus). É importante notar que, no livro dos chistes, Freud não cita nominalmente Fliess (Fliess é citado numa nota do tradutor). No livro dos chistes, embora se possa saber, devido a uma nota no livro dos sonhos, que se trata de Fliess; aqui, Freud fala de *uma pessoa*, retomada anaforicamente como *esse leitor*.

¹⁰⁹ M. Pêcheux, op. cit., p. 303.

que pode se fazer **para** uma escuta; um chiste só se faz **com** ela, porque só (se) conta com ela.

Se não faz acorde com a escuta, desafina, e isso, que se teria feito chiste, se faz sintoma, lapso, ato falho. Inibido em seu alvo, isso dá lugar ao desprazer¹¹⁰. É então, somente pelos **efeitos** provocados, que se pode dizer que um chiste *terá sido* bem sucedido, ou não terá sido um chiste. Reconhecido nesse tempo do só-depois, só tem um modo de existir: a existência {*Entstellung*¹¹¹}, o que parece conduzir exatamente ao lugar de um emperramento teórico e prático, apontado por Pêcheux: uma teoria do chiste será necessariamente uma teoria de seus efeitos, e terá como único fundamento efetivo os efeitos da teoria.

De acordo com Jean-Claude Milner¹¹², os chistes (enquanto jogos de língua¹¹³) podem ser considerados uma maneira particular de construir paradigmas de exemplos, e com uma vantagem: enquanto o diferencial constitutivo dos paradigmas define-se, de modo geral, em termos de *correção ou aceitabilidade*, no caso dos chistes, valem *o sucesso ou o fracasso*¹¹⁴ (no caso específico do chiste, como veremos na parte II deste trabalho, só vale o sucesso). Como ambos são *manifestos, evidentes*, isso *lhes confere um tipo de independência [...] que vai permitir-lhes funcionar como substitutos de observatório*¹¹⁵. Segundo Sírio Possenti, os chistes são *dados do tipo crucial*

¹¹⁰ Cf. Sigmund Freud, *Inibição, Sintomas e Angústia*, trad. de Odilon Gallotti, in OC, op. cit, v. X, pp. 226-311. *Nesses casos*, diz Freud, *a pulsão encontrou, apesar do recalçamento, uma substituição, se bem que muito diminuída, deslocada e inibida, sendo impossível reconhecê-la como satisfação. Sua realização não produz então prazer algum e, em troca, toma um caráter obsessivo* (p. 233).

¹¹¹ A tradução de *Entstellung* por *ex-sistência* é proposta por Jacques Lacan em "A direção do tratamento", in *Escritos*, op. cit. p. 635. A partícula *Ent* tem o sentido de subtrair, tirar fora; *Stelle* é lugar, posição.

¹¹² J-C Milner, *Introduction à une science du langage*, Paris: Seuil, 1989, p. 286.

¹¹³ Idem, ibidem. Importa notar que Milner diz, em nota, que uma parte dos *Witze* coincide com a classe de jogos de língua que não requerem *senão propriedades da língua para serem percebidos - o que não quer dizer* (continua) *que essas propriedades bastem para explicá-los*. Essa ressalva, entretanto, força-me a perguntar o que significa "perceber" um chiste e qual a sua relação com a insuficiência desse "explicar".

¹¹⁴ É esse o critério posto em uso por J. L. Austin no seu estudo dos atos de fala. Para um performativo, não vale o critério da verdade/falsidade. É fundamental que ele dê certo. O critério é a felicidade/infelicidade do ato (Cf. *How to do things with words*, Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1975).

¹¹⁵ J-C Milner, *Introduction à une science du langage*, op. cit., p. 287.

para testar teorias [...], para testar seus limites¹¹⁶, o que significa, tanto para Milner, quanto para Possenti, reconhecer uma independência do chiste com relação à abrangência, à com-preensão das teorias lingüísticas.

No entanto, é possível fazer desse lugar de *emperramento* (apontado por Pêcheux) um tempo de passagem. E Freud o demonstrou, fazendo o elogio (*eu-logos*), a louvação do trabalho do inconsciente, que uma teoria lingüística precisaria considerar para dar conta do chiste. Nessa "demonstração", destaco, no momento, o lugar do suplemento {*Nachtrag*} e de seu tempo retroativo {*nachträglich*}; a necessidade de levar em conta a participação efetiva do ouvinte {*Hörer / Zuhörer*} no trabalho (inconsciente) do chiste; o papel da força da resistência {*Widerstandskraft*} e da inibição {*Hemmung*} nesse trabalho.

¹¹⁶ Sirio Possenti, *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*, São Paulo: Mercado das letras, 1998, p.24.

PARTE II

O CHISTE NO MÉTODO...

O noivo faz sua primeira visita à casa da noiva, junto com o casamenteiro. Enquanto esperam na sala a apresentação da família, o casamenteiro aponta para um armário onde estão expostos finíssimos objetos de prata.

— Veja você; essas coisas já lhe podem dar uma idéia de quão rica é essa gente!

— Mas, será que não pediram essas coisas emprestadas para dar essa impressão de riqueza?

— Nem pense nisso! Quem é que emprestaria alguma coisa a essa gente!

(chiste relatado por Sigmund Freud)

1. O *álibi*¹ do método

No capítulo II, "O método de interpretação dos sonhos", Freud estava abrindo um caminho. Escreveu a Fliess que não iniciou um só capítulo sabendo onde ele ia acabar², interpretando seu caminho tateante com um chiste:

—Itzig, para onde você vai?

—E eu sei! Pergunte ao cavalo!

No livro dos chistes, entretanto, parece ter as rédeas nas mãos, bastando-nos acompanhá-lo, como diz Lacan, *nos meandros admiravelmente insistentes desse livro*³.

Para demonstrar que os sonhos são suscetíveis de uma interpretação, Freud apresenta explicitamente seu abrir caminho⁴, construindo-o passo a passo, até chegar à interpretação do sonho da Injeção de Irma. Começa mostrando que os livros orientais de sonhos interpretavam os elementos

¹ O *álibi*, de *alius* ("outro de mais que dois") + *ubi* (lugar).

² Carta de 22-12-1897, in *A correspondência*, op. cit., p. 288.

³ J. Lacan, "Função e campo da fala e da linguagem", in *Escritos*, op. cit., p. 271.

⁴ Segundo Jean Allouch, o metódico, em Freud, não se reduz a um procedimento segundo uma via já traçada. Seu novo método se caracteriza como "método de interpretação", um método de abordagem que não se limita ao procedimento médico (Cf. J. Allouch, *Freud, et puis Lacan*, op. cit., p. 39 e sgs).

oníricos não por uma determinada simbologia (que permanecia presa aos significados, e que ficava na dependência da arte do intérprete), mas pela via da homofonia e pela semelhança entre as palavras. *Os sonhos acham-se tão ligados à expressão verbal* [Freud observa em nota], *que Ferenczi observa justificadamente que cada língua tem seu idioma onírico próprio*⁵. Acontece, diz então, que as traduções desses livros, impondo-se a *lei econômica da palavra*⁶, eliminavam justamente esse "parentesco", essas ressonâncias, tornando essa interpretação incompreensível (Freud acrescentará, anos depois, que o sonho depende tão estritamente da expressão lingüística que é, em geral, intraduzível⁷). Além disso, recomenda, é preciso trabalhar como o poeta épico, *cujas finalidades* [Schiller diz a Goethe⁸] *reside já em cada ponto do seu movimento; por isso, não se precipita impaciente para um alvo, mas pára, com amor, a cada passo, tomando tais fragmentos oníricos um a um, isolando, no fio da narrativa, a voz das musas*⁹: a cada um, seu deciframento, sua leitura; assim, de cada vez, o método se inventa¹⁰. Mais uma vez, Freud dá razão a Mallarmé: *todo método é uma ficção*.

1.1. a ficção

Diferente dos chistes, que parece ter tido prazer em colecionar, foi-lhe difícil selecionar o corpus para a análise dos sonhos, porque tinha a ver com sua própria análise, com a exposição, com a publicação. Freud *teve que*

⁵ S. Freud, *La interpretación...*, op. cit., p. 121.

⁶ Segundo Jacques Derrida, a tradução se impõe *respeitar a quantidade verbal como quantidade de palavras, em que cada uma é um corpo que não pode ser decomposto, a unidade indivisível de uma forma sonora, incorporando ou significando a unidade indivisível de um sentido ou de um conceito [...]. É a lei econômica da palavra que define a essência da tradução no sentido estrito*. In: *O que é uma tradução "relevante"?*, trad. de Olívia Niemayer, 1999, inédito.

⁷ Jean Allouch chama a atenção para a especificidade da palavra "tradução" quando utilizada a propósito da interpretação dos sonhos. Nesse caso, trata-se de um *deciframento*, de um acesso à literalidade de um texto, não se detendo em uma transmissão de sentidos (in *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1995, p. 14).

⁸ Cf. Wolfgang Kayser, *Análise e interpretação da obra literária*, rev. de Paulo Quintela, Coimbra: Arménio amado Ed., 1967, v. II, p.243.

⁹ Idem, p. 256.

¹⁰ J. Allouch, *Freud, et puis Lacan*, op. cit., p.45.

vencer o compreensível horror de revelar coisas íntimas¹¹. Como será o livro dos sonhos? Escreve a Fliess. A escolha de um sonho seu ou de outro vai levá-lo sempre às mesmas coisas difíceis de serem publicadas. A solução do dilema é então apontada:

—Rabino, só temos um galo e uma galinha, e queremos matar um deles para a ceia. Mas, se matarmos a galinha, o galo adoecerá. O que fazemos?

—Matem o galo.

—Mas, então, a galinha definhará.

—Sim, é verdade, então matem a galinha!

—Mas, rabi, aí o galo vai definhar!

—Pois que definhe!¹²

O capítulo da técnica abre-se, sem o mínimo rodeio, com a interpretação do chiste do *familionär*: *Abandonemo-nos ao acaso e escolhamos o primeiro exemplo de chiste que se nos apresentou no capítulo anterior*. Estranha conjunção de acaso e escolha. Maquiavel¹³ diz que quando um príncipe se apóia totalmente no acaso, arruína-se; mas Freud escolhe e, com essa escolha, intervém, traçando um caminho (*hodos*¹⁴), que terá sido o único possível para ele. Uma vez que esse caminho só se reconhece retroativamente, quando se o reconhece, ele tem o aspecto de um "não poderia ter sido de outro modo"- resultado dessa *cooperação* entre contingência e necessidade.

Por que técnica e não método do chiste? Nesse capítulo, Freud já antecipa o VI capítulo - "O vínculo do chiste com o sonho e com o

¹¹ S. Freud, *La interpretación de los sueños*, op. cit., p. 126.

¹² Carta de Freud a Fliess, de 28 de maio de 1899, op. cit., p. 353. Para Erik Porge, a *pointe* desse chiste está na palavra empregada por Freud - *kranken* é sofrer, mas Freud usa *sich kränken*, que tem um sentido mais próximo de "mortificar". O galo não vai sofrer por ter perdido a galinha, mas por não ter sido escolhido para o sacrifício. Nessa perspectiva, Porge considera que Freud sacrifica seu amor próprio, oferecendo-o em sacrifício. Renuncia a esse *selbst* íntimo e privado e se identifica a um *selbst* exterior e público (Cf. Erik Porge, *Clínica del psicoanalista*, op. cit., pp. 18-19.).

¹³ N. Maquiavel, *O Príncipe*, cap. XXV: "De quanto pode a fortuna nas coisas humanas e de que modo se deve resistir-lhe" (Os pensadores), trad. de Lívio Xavier, São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 103-4.

¹⁴ Do indo-europeu *sed-* (ir) > **sod-o*, em Grego *hodos* = caminho, jornada. Método, "ir em busca", "perseguir"; *meta* (após) + *hodos* = caminho, jornada.

inconsciente", e dá às técnicas os mesmos nomes daquelas já encontradas no capítulo VI do livro dos sonhos ("O trabalho do sonho"): condensação, deslocamento, figuração indireta, etc. Freud diz que o trabalho de condensação, quando escolhe como objetos palavras e nomes, produz como resultado *criações léxicas cômicas, verdadeiros caprichos verbais*, em que as sílabas se compoem e decompõem, e *que nos servem, na vigília, para grande número de gracejos*, aqueles notados e criticados por Fliess, e que levaram Freud a comparar a técnica do chiste com o trabalho do sonho.

Tratar-se-ia, então da mera aplicação de um método já assegurado? De certo modo, o método não está manifestamente em questão; a trilha está aberta com os sonhos, e Freud vai se dedicar a explorar as técnicas descobertas ali¹⁵. Trata-se, então, de um procedimento segundo uma via já inaugurada. Esse é um caminho possível de leitura: ler para corroborar uma hipótese, mas talvez se deva resistir a tal tentação.

1.2. método do objeto e método de abordagem

Freud elege um método para abordar os chistes, mas sem deixar de considerar, um instante sequer, que no chiste mesmo há um método (uma vez que toma esse saber inconsciente do chiste como agente: ele trabalha, e trabalha de acordo com determinadas leis), e é essa disparidade (entre os métodos) que, segundo Allouch¹⁶, impede que se possa fundar o segundo sobre o primeiro. Mantendo essa disparidade, continua o autor, Freud inscreve em seu método um *ponto suicidário, um traço que, aplicado, é suscetível de recusar, a cada instante, os resultados*¹⁷. Assim, gera-se uma tensão que vai impedir, entre outras coisas, a redução dos chistes a uma taxonomia.

¹⁵ Condensação e deslocamento.

¹⁶ Jean Allouch, *Freud, et puis Lacan*, op. cit., p. 43. Para Allouch, o fato de a psicanálise freudiana se interditar a aplicação de um método ao caso, *permite ao caso contestar, se isso ocorrer, o saber freudiano* [respondendo, assim, a K. Popper]. Allouch assinala ainda que o *desconhecimento desse traço essencial ao método freudiano corresponde exatamente ao fato de que não se soube diferenciar psicanálise e medicina*. In *A Etificação da psicanálise*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997, p. 41.

¹⁷ J. Allouch, *Freud, et puis Lacan*, op. cit., p. 44.

Essa leitura de Allouch permite-me, ainda, arriscar um passo a mais. Freud reconhece um método no chiste, e conta com um método de abordagem (depreendido de sua análise do sonho), mas o chiste introduz uma nova complicação: uma "condição subjetiva". Logo na introdução, Freud diz que *parece indicado tomar como objeto de indagação os exemplos de chiste que, em nossa própria vida, nos fizeram rir mais*, acrescentando, a respeito dos chistes dos judeus da Galícia (chistes que tratam da aversão desses judeus ao banho), que não exige de seus exemplos nenhum título de nobreza, basta que *sejam capazes de nos fazer rir e dignos de nosso interesse teórico*¹⁸. Parece-me que o problema está em como separar a *capacidade de fazer rir* e o *interesse teórico*. Aparentemente, a condição subjetiva estaria retrita a essa capacidade de fazer rir, entretanto, o interesse teórico, contemplativo, exterior ao fenômeno, acaba por tornar-se um inter-essere; afetado, ele também, por essa condição.

No capítulo das técnicas, quando analisa pela primeira vez essas histórias de casamenteiros judeus, Freud fica na dúvida entre denominá-las chistes ou histórias cômicas. Será que se pode dizer que essas histórias são chistes? Quando passa à análise das tendências do chiste e retoma as histórias de casamenteiros, coloca-se mais uma vez em dúvida. Mas, agora, já pode tirar uma conclusão definitiva: se, para os outros, os não-judeus, as histórias de casamenteiros podem não passar de simples farsas, anedotas grosseiras, enquanto, *para mim*, são chistes, *só é chiste o que reconheço como tal*¹⁹. Nesse *para mim*, não se separam o ouvinte e o observador. Nesses chistes de judeus sobre judeus, diz Freud, a crítica se volta contra a própria pessoa que é, no caso, uma pessoa que participa (do processo psíquico), uma pessoa por *acumulação*, *Sammelperson*, identificada com seu povo (nesse caso, está fora de dúvida que a fronteira individual/social se mantenha). E aí está a condição subjetiva do chiste, em decorrência da qual está definitivamente excluído que Freud pudesse tratar do chiste (teoricamente, apreendendo-o, abrangendo-o, tomando-o como um todo, de uma posição de exterioridade) sem tratar com ele (sem interessar-se, sem o reconhecimento de sua pertença ao povo judeu). Entre o que se transmite e

¹⁸ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 48.

¹⁹ Idem, p. 99. Histórias de judeus, *Judengeschichten*, para outros; para Freud, são *Judenwitze*.

o modo de transmissão há um vínculo irreduzível, uma tensão entre método e estilo.

O sonho, diz Freud²⁰, nasce como um compromisso entre forças psíquicas que lutam entre si, nada tendo a comunicar a outro. Permanece incompreensível para a pessoa em que nasce e, por tal razão, carece de interesse para outra, e é sempre a realização de um desejo (ainda que irreconhecível). O sonho é um *produto psíquico* {*seelisches Produkt*} para o outro. O chiste, para que seu trabalho leve ao reconhecimento de um desejo, para que tenha êxito, exige que outra pessoa tome parte no *processo psíquico* {*seelischer Vorgang*} que suscitou, ocupando nele a posição que ele determina (como observou Fischer, o chiste *não se manifesta sob o olhar da observação exterior* {*äussere Betrachtung*}, excluindo uma aproximação objetiva).

1.3. um ensaio do método

Tudo isso me leva a pensar, num primeiro momento, que os métodos (o método de abordagem e o método do objeto) como que se invadem, qual fenômeno de pororoca, numa espécie de confronto de forças. Contra a força do mar, a precipitação do rio. Mas esse *como que*, por demais hiperbólico e fazendo valer a oposição dual do confronto, corre o risco de destruir a preciosa *secreção do molusco homem, o gozo depositado em pérolas e coral*.

O fato de que se trata de posições (posição oferecida/forçada pelo próprio processo de formação do inconsciente e posição do ouvinte - chamado a ocupá-la como seu *Publikum*), levou-me a buscar um modo de tornar visível esse cruzamento, essa acumulação de posições. Em primeiro lugar, trata-se de um funcionamento lingüístico que permite fazer valer uma terceira posição, a posição daquele que (como "observador") vai ocupar o lugar que lhe foi "destinado", e de onde sanciona o trabalho do chiste. Ou seja, ao observador não é permitida a própria posição de observador - observar de fora, sem participar ativamente. Digo que se trata de posições, mas é preciso não esquecer que, sendo um processo, não há posições

²⁰ Idem, p. 171.

estabelecidas de antemão. De fato, terão sido estabelecidas a posteriori (por retroação) e, nesse instante, são tomadas em um sistema de oposições - daí eu ter sido levada a pensar em confronto.

Tomando como ponto de apoio o estudo de Jean-Claude Milner²¹, sobre as frases, e considerando que essa relação entre os métodos seja lida (sempre retroativamente) como uma relação em um sistema de posições, tomo como hipótese que aí se dê algo como uma relação hipotáxica²². Na parataxe, as frases entram em relação sem que seja necessário levar em conta o sistema de posições interno a cada uma. Na hipotaxe, a relação passa pelo sistema de posições, ela requer que uma frase ocupe uma posição, como no caso, por exemplo, das completivas em "que". A completiva é uma oração que é definida como a que completa uma oração principal, exercendo nela o papel de um constituinte (por exemplo: *Pedro disse que Joana saiu cedo*). O "que" pertence, portanto, aos dois domínios, funcionando, segundo Milner, como uma espécie de eclusa, de comporta.

É importante notar que a frase é elencada por Benveniste²³ como um nível lingüístico pro-blemático (etimologicamente falando) — último nível da língua, constituinte, que não pode integrar nenhuma unidade mais acima e, ao mesmo tempo, lugar onde se articula o discurso. Entretanto, antes de ser um nível, numa hierarquia de relações, a frase é um sistema de antecipações e retroações, tendendo para seu fechamento pressuposto, que pode, no entanto, ser retardado (por um jogo de encaixamentos internos, relativizações), ou interrompido (frases inacabadas). Segundo Lacan²⁴, se tivéssemos uma orelha funcionando como um tipo de máquina, a cada instante do desenrolar da frase se seguiria um sentido, mas o que a frase antecipa, é preciso que cheguemos a seu fim, para que saibamos do que se trata. Não há frase, continua Lacan²⁵, senão fechada. No caso da hipotaxe, a frase que vem complementar ocupa uma posição na outra que, só então, estará fechada.

²¹ J-C Milner, *Introduction à une science du langage*, Paris: Seuil, 1989, p. 499 e segs.

²² Tomo como referência a definição de *hipotaxe* apresentada por J-C Milner em *Introduction à une science du langage*, op. cit., p. 512-513. *Hypotaxis* é sujeição, submissão.

²³ Émile Benveniste, "Os níveis de análise lingüística", in *Problemas de lingüística geral*, trad. de M. da Glória Novak e M. Luiza Neri, Campinas: Pontes, v. I, 1991, pp. 134.

²⁴ J. Lacan, Seminário *As psicoses...* lição de 6 de junho de 1956.

²⁵ Idem.

Comparando esse movimento dos métodos e das frases, é necessário destacar, ainda, que não se trata de propor algo como uma "mistura" de domínios (permitida pela primeira comparação), mas de acentuar o caráter aberto, não-todo, do método e das frases. Milner fala em violação do domínio. No processo psíquico dessa formação do inconsciente (o chiste), abre-se um lugar para o qual o ouvinte é subornado (como diz Freud, *bestochen*²⁶). Por um lado, é da ordem do inesperado, supõe uma ruptura (violação) e, portanto, uma certa ilegalidade. Entretanto, se sua identidade é pública, precisa da garantia do ouvinte (o *Publikum*, dividindo-se entre o que ouve e o que o sanciona - com sua escuta/riso- que terá havido um chiste), supõe já um contrato, submissão (forçamento) a uma lei, portanto, uma legalidade.

1.4. a suposição no método

Entretanto, esse colocar-se no processo psíquico de outra pessoa como um terceiro, só vai ser discernido por Freud, com absoluta precisão, no momento em que vai tratar do *ingênuo* (no capítulo VII), considerado como variedade do *cômico*. É buscando a diferença entre um dito *naïf* e um chiste que Freud ilumina, no vão dessa porta de vai-vem que é o chiste, sua *entrada* no inconsciente.

Dois irmãos, uma menina de 12 anos e um garoto de 10, representam uma peça de teatro para seus familiares. No primeiro ato, um pobre pescador parte em seu bote em busca de fortuna, despedindo-se ternamente da mulher. No segundo ato, anos depois, regressa muito rico e, parado na porta da cabana, começa a contar a sua mulher todo o trabalho que teve para ganhar esse dinheiro. Nesse momento, ela o interrompe orgulhosa: "Eu também não fiquei todo esse tempo sem trabalhar", diz, e abre a porta (cortina), deixando ver doze bonecas arrumadas, como se fossem crianças dormindo.²⁷

²⁶ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 94.

²⁷ Idem, p. 175.

Nesse ponto, a platéia explode num vendaval de risos, enquanto o casal de atores permanece atônito, com cara de quem não entende a razão de tanto barulho. O que há de curioso é que nisso, que poderia não passar de um absurdo, de uma ingenuidade, Freud reconhece algo que se poderia apresentar como um verdadeiro chiste. Onde está a diferença? Pergunta-se. Nem no texto nem na técnica, mas *num fator*, à primeira vista muito distante de ambos. Para o ingênuo, é suficiente que suponhamos que ela (a criança), de boa fé e baseada na sua ignorância não corrigida, pretendeu extrair daí uma conclusão séria. Para o chiste, basta supor que o falante quis fazê-lo. No caso, presentifica-se necessariamente uma suposição de que as crianças não eram tão ingênuas assim. Esse "fator", a suposição de um saber, permite a Freud enunciar: *É a primeira vez que temos notícia de semelhante situar-se {sich hineinversetzen²⁸} da outra pessoa {der anderen Person} no processo psíquico da pessoa produtora {der produzierenden Person}²⁹. Todos os caracteres do "naïf" não existem senão na concepção {Auffassung} da pessoa que escuta, que coincide com a terceira pessoa do chiste³⁰. Acumulam-se, numa "mesma" pessoa, a pessoa ingênua (em quem o chiste se faz) a terceira pessoa {dritte Person} (exigida pelo trabalho do chiste) e o ouvinte.*

É nesse ponto exato, nessa passagem do dito *naïf* para o chiste, que é possível observar o surgimento de uma *intersubjetividade* nunca d'antes observada. Freud diz que é a ignorância da criança que torna seu dito ingênuo, mas diz também que essa ignorância (suposta) *modifica, de maneira radical, o processo psíquico em ação nos ouvintes que compreendem³¹*. O ouvinte tem que tomar *por sua conta*, deixar-se afetar pelo estado psíquico da pessoa produtora e *situar-se nele³²*.

Entretanto, situando o ingênuo nessa fronteira entre cômico e chiste, Freud acaba por fazer desse *colocar-se no processo psíquico da pessoa produtora*, apenas um modo de estabelecer uma comparação entre dois processos psíquicos, que corresponderia ao que Jean Paul chamou de

²⁸ *Hinein* indica movimento para dentro.

²⁹ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 175 (grifos meus).

³⁰ Idem, p. 176.

³¹ Idem, *Ibidem*.

³² Idem, p. 178.

*contraste psicológico*³³: É evidente que o transportar-se para dentro, o querer compreender, não é outra coisa senão [...] o comparar o processo psíquico do outro com o seu próprio. Freud diz que, no cômico, a terceira pessoa não é necessária, não agrega nada de novo, assim, o processo de comparação (entre dois processos psíquicos) permite que se mantenha o ingênuo como uma variedade do cômico.

É provável que Lacan tenha razão quando diz que Freud estava a cem pés de sua perspicácia habitual quando tratou do cômico³⁴, porque, de fato, tudo o que ele (Freud) observa quanto ao ingênuo, de certo modo contraria essa retomada do *contraste psicológico* puro e simples, proposto por Jean Paul: Sugiro que nos concentremos, nesse enunciado de Freud, mais no *transportar-se para dentro*, do que no *comparar* e que acompanhemos Freud na seqüência desses "chistes".

O ingênuo surge [diz] quando a pessoa [a primeira] se coloca inteiramente mais além de uma inibição, porque essa não preexistiria nela, aparentando havê-la superado sem trabalho³⁵. Ou seja, no caso de uma pessoa ingênua (criança ou não), temos que ter certeza de que ela não possui essa inibição, ou ela não seria senão uma pessoa despudorada, atrevida. Acontece que é Freud mesmo quem diz que *não há garantia* de que a ingenuidade seja total, de que não seja fingida, aparentada, e que *as crianças têm o hábito freqüente de se fazerem de ingênuas, para gozar de uma liberdade que, de outro modo, não lhes seria concedida*³⁶. Assim, se o ingênuo depende de uma certeza dessa inocência, de uma certeza de que a criança não sabe, o terceiro (suposto saber, saber inconsciente) está sempre implicado. Como Freud mesmo conclui: o ingênuo é um caso limite (não se mantém como uma variedade do cômico).

Essa falta de saber do ingênuo, da criança ("patente", no caso das bonecas), conjugada ao saber inconsciente, realiza, segundo Erik Porge, o

³³ Idem, p. 179. Jean Paul diz que *O chiste é o pároco disfarçado que casa qualquer casal*, expressando de modo chistoso que o chiste tem uma aptidão para encontrar semelhanças ocultas (*Introdução*, p. 13).

³⁴ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, Seminário V, lição de 11 de dezembro de 1957 (inédito)

³⁵ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 174.

³⁶ Idem, p. 176.

*sujeito-suposto-saber*³⁷. Porge reconhece o que há de paradoxal em tais relações: *elas não se deixam delimitar por uma classificação fundada na oposição dentro-fora*³⁸ (o que exclui também a anterioridade dos termos a comparar, como independentes do ato que os compara). O situar-se no processo psíquico da outra pessoa não permite delimitar precisamente um dentro e um fora.

Para Lacan, *nada prova que para além dessa criança que tomamos por ingênua não exista um Outro - ele está ali, aliás - é esse que supomos para que isso nos faça rir tanto*³⁹. Primeiro, supomos um saber inconsciente (um saber sem sujeito); a esse saber, supomos um sujeito (também chamado *sujeito-do inconsciente*); esse sujeito suposto ao saber vai se tornar depois um sujeito suposto saber⁴⁰ (fundamental para o manejo da transferência). Essa suposição de um sujeito é, enfim, o que mantém o ingênuo como um caso limite. No caso do chiste, como veremos depois, não comparece o sujeito suposto saber.

2. a prova do Outro

*Quando alguém cai na risada com um chiste, não está precisamente na melhor predisposição para investigar sua técnica*⁴¹. Eis aí, segundo Freud, a maior fonte de dificuldades a enfrentar em seu trabalho. Ocasão em que também lhe aparece um exemplo de chiste que tem *indesejadas complicações, mas, por sorte, não são do tipo daquelas que até agora nos impediram de ver claro*:

*Um pobre reclama de sua miséria e pede dinheiro a um conhecido seu. No mesmo dia, o benfeitor o encontra num restaurante saboreando um prato de salmão com maionese.
— Como! Foi para isso que me pediu dinheiro?*

³⁷ Erik Porge, *Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan*, op. cit., p. 70 (Nesse capítulo, Porge traça uma evolução da noção de subjetividade em Lacan, do início de seu ensino a 1967).

³⁸ Idem, *Ibidem*.

³⁹ J. Lacan, *A relação de objeto, Seminário IV*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 303.

⁴⁰ Cf. Lacan, *Les non dupes errent, Seminário XXI*, lição de 19 de março de 1974, inédito.

⁴¹ Idem, p.48.

— *Não o compreendo (diz o pedinte). Quando não tenho dinheiro, não posso comer salmão com maionese; quando tenho, também não posso comer. Quando, então, vou poder comer salmão com maionese?*⁴²

Algumas páginas adiante, analisando as tendências do chiste dirá que é muito duvidoso que alguém que se deixe subjugar pelo chiste possa conhecer seu exato propósito⁴³. No capítulo IV ("O mecanismo do prazer e a psicogênese do chiste"), ao confessar que não sabe de onde vem o prazer, nem por que rimos, acrescenta: *se o chiste nos faz rir, estabelece em nós, além do mais, a predisposição mais desfavorável à crítica*⁴⁴. Não resisto a ler tais dizeres com o chiste acima contado:

— *Quando o chiste me faz rir, tenho o chiste, mas não estou em condições de teorizar (não posso). Quando não me faz rir, estou em condições de teorizar, mas não tenho o chiste (não posso). Quando, então, vou poder teorizar?*

Devo confessar, no entanto, que o fato de Freud declarar depois, analisando as tendências do chiste, que o chiste do Salmão é um chiste cínico, fez-me hesitar quanto a essa leitura.

Em dois longos parágrafos (num preciso discernimento do demasiado humano), Freud retoma a história do salmão, analisada antes como um deslocamento sofisticado. O que essa história enfim afirma é, diz Freud⁴⁵: *Sim, o homem tem razão, não há nada superior ao gozo, e não importa muito a maneira pela qual se o procura. A possibilidade de que esse homem tenha razão, continua, parece-nos repelente, e isso se deve ao fato de que a verdade é ilustrada com um gozo de qualidade inferior, que nos parece completamente prescindível.* No entanto, acrescenta, quanto a essa

⁴² Idem, *ibidem*.

⁴³ Idem, p. 98.

⁴⁴ Id., p. 127.

⁴⁵ Id., p. 103.

voz que se levanta contra os requerimentos morais, nenhuma arte de curar poderá silenciá-la. Frente a isso, Freud conclui:

não é possível (alguém) se dar o direito de satisfazer, de forma ilícita, as exigências de suas próprias necessidades; é preciso, pelo contrário, deixá-las insatisfeitas, porque só a persistência de tantas exigências não satisfeitas poderá permitir o desenvolvimento de uma força que modifique o regime social. Mas não todas as necessidades pessoais se deixam deslocar dessa maneira, e transferir-se a outras, e não existe uma solução universalmente válida para esse conflito.⁴⁶

Minha hesitação encontrava apoio numa certa ambigüidade da expressão acima sublinhada: *de forma ilícita*. Poder-se-iam impor às formações do inconsciente as reprovações da doutrina moral? Freud estaria dizendo que a única forma lícita é o recalque? Nesse caso, o que estou afirmando, nessa leitura com o chiste, é que Freud está sendo cínico?

Ora, tais questões pareceram-me, de repente, simplesmente equivocadas. Não estaria eu atribuindo a Freud um saber ciente de sua própria função, supondo que ele saiba antecipadamente o que está escrito e que há a ler? Tal como no caso do ingênuo, minha *suposição* de um saber pode fazer do texto de Freud um texto tendencioso, dissimulado? Prender-me unicamente ao que Freud *afirma, diz, observa, julga...* não seria deixar de lado exatamente o que está na *formação (inconsciente)* de sua escrita — isso que *não pensa, não calcula e não julga; limitando-se a transformar⁴⁷* — atribuindo-lhe uma intenção subjetiva, seja ela a do que se deixa enganar (e é feito de bobo pelo chiste), seja a do que nos engana? Enfim, pergunto-me se é possível, e mesmo se é preciso (será preciso?) escapar a essas suposições?

2.1. a ordem da perda

⁴⁶ Id., p. 104 (grifo meu).

⁴⁷ S. Freud, *La Interpretación del sueño*, op. cit., p. 498.

Colocando-se no lugar daquele que escuta o chiste e sanciona, com seu riso, que um desejo se fez reconhecer, Freud submete-se às *condições subjetivas* {*subjektive Bedingungen der Witzarbeit*⁴⁸} impostas pelo trabalho do chiste, mas trata-se de um submetimento interessado - lê o chiste inscrevendo-se em sua cena. A partir de então, não é mais possível dissociar o acontecimento (a performance) do chiste da constatação teórica do "observador".

O desejo se articula num discurso muito ardiloso, diz Lacan; é preciso então ler Freud, continua, seguindo-o *nos meandros que ele nos impõe e aos quais, não nos esqueçamos, deplorando-os ele próprio frente a um ideal do discurso científico* [uma vez que Freud não abdica do saber], *afirma ter sido forçado por seu objeto*⁴⁹. Essa submissão (deplorada ou não; principalmente deplorada) permite que o chiste se faça escutar, i(nte)rrompendo em seu fazer teórico, fazendo de seu próprio texto uma vestimenta {*Einkleidung*} chistosa, vestimenta que esconde o feminino que se dissimula, permitindo que o dom do chiste, aproveitando-se do próprio trabalho de constatação (desconsertando-o, assombrando-o {*verblüfft*}), imponha-se como acontecimento (ilumine-o {*erleuchtet*}), e algo se transmita.

Um judeu entra numa confeitaria e se deixa dar um doce {lässt sich eine Torte geben}. Ele pede, em troca do doce que se deu (e que devolve), um cálice de licor, que bebe e... vai saindo sem pagar. O dono do negócio o retém.

— O que você quer (de mim)? Pague o licor.

— Mas em troca dele dei-lhe o doce!

— Você também não o pagou.

— É, mas também não o comi!⁵⁰

Para que uma troca comece, é preciso que algo entre na roda da troca, e o judeu se deixa dar um doce. Esse circuito de trocas só se introduz,

⁴⁸ S. Freud, *Der Witz*, op. cit., p. 123.

⁴⁹ J. Lacan, "A direção do tratamento", in *Escritos*, op. cit., p. 626 (grifo meu). Lacan faz referência, em nota de rodapé, à correspondência entre Freud e Fliess (carta 118, de 11 de setembro de 1899.)

⁵⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 58.

então, por um tipo de dívida, e o que faz um objeto de troca (o doce), é um desvio, um truque, único jeito, diz Lacan⁵¹, de um desejo ser admitido pelo Outro.

O que entra na roda da troca não é um objeto de troca (é preciso deixar-se dar), vem antes dela, entra pela ordem do dom. Trata-se da lei, e a lei vem antes de qualquer contrato. É assim que, entre acaso e escolha, tem início o capítulo da técnica. Freud se deixa dar um chiste (o *famillionär*), recebe, portanto, esse *dado*, essa formação do inconsciente, como um dom, e troca-o por outro, e outro, e mais outro. Mais de setenta chistes depois, conta esse da Confeitaria, e se põe a duvidar: *é ou não é um chiste?* Comenta sua aparência lógica, que serve de fachada a uma falácia: o astuto cliente estabelece, entre a devolução do doce e o copinho de licor, um vínculo inexistente na realidade. A situação segue dois processos independentes entre si: um, para o vendedor; outro, para o cliente. Pode-se dizer, afirma Freud, que o cliente dá à relação "em troca de" um duplo sentido.

Nesse momento, Freud dirá: *Esta é a oportunidade para confessar algo que não é sem importância. Aqui nos ocupamos em explorar a técnica do chiste tomando como base exemplos e, portanto, deveríamos estar seguros de que os exemplos citados são realmente chistes genuínos*⁵². Freud vacila. A história da Confeitaria é ou não é um chiste? Mas percebo que essa dúvida já havia aparecido antes, com o chiste do Salmão com maionese, que apresenta a mesma dificuldade: um jogo com uma fachada lógica. Que ocasião é então essa, que Freud vai pegar pelos cabelos⁵³? Proponho acompanharmos letra a letra essa sua confissão.

Por certo, não dispomos de um critério [de identificação] antes que nossa indagação nos haja fornecido um... Nesse instante, a sua confissão, a explicitação do dilema, decide retroativamente sobre o valor de todo o seu trabalho. Este, como que se volta contra si mesmo, de acordo com uma lógica que não é a sua, mas a do chiste, tornando-se seu doublé. Se não

⁵¹ J. Lacan, *Les Formations de l'inconscient*, lição de 27 de novembro de 1957, inédito.

⁵² S. Freud, *El chiste*, op. cit. p. 59.

⁵³ Na quarta elegia, das *Elegias Romanas*, Goethe descreve a deusa romana Occasio. Fugaz e furtiva, engana quem não a reconhece a tempo e tenta agarrá-la cedo ou tarde demais - atrai e foge voando - é preciso ser presto no momento favorável, e, segundo o provérbio, agarrar a ocasião pelos cabelos. Cf. Manfred Kerkhoff, "Goethe: la diosa Ocasión", in *Diálogos*, 42, 1983, pp. 25-42.

havia um critério, o que terá presidido a *coleta de dados*? O riso de Freud? O riso que ele não sabe de onde vem? Se não havia um critério, como poderia ter dito *antes*, de cada um daqueles que se propunha a analisar, se era ou não era um chiste? Não poderia. E não poderia porque, tomando como ponto de partida uma pergunta do tipo "O que é um chiste?", tiraria de seu objeto a chance de seu acontecimento, de sua mo(n)stração. Se o seu trabalho não se coloca fora da lei que estabelece, a "definição" atesta, com seu fracasso, a força que a fez fracassar, talvez a mesma que tenha causado seu riso.

*...quanto ao uso lingüístico, não é confiável, é sua própria legitimidade que deve ser examinada*⁵⁴ (uma vez -que-serve ao chiste de vestimenta chistosa, de fachada); *para decidir, não podemos apoiar-nos senão numa certa "sensação" {Empfindung}*... Isso pode ser suficiente para fundamentar sua dúvida, mas sabe que não basta invocar essa "sensação" para obter uma certeza qualquer. Não tem como pagar pelo que se fez dar, e que é impagável, uma vez que a dívida é simbólica (Segundo Lacan⁵⁵, a verdade é que se está sempre pagando o copinho de licor com um doce que não se pagou). De fato, Freud confessa, *não sabemos em que reside o caráter do chiste*.

Em troca (abre o parágrafo seguinte e continua, mas... em troca de quê? É o que me pergunto. Do chiste que não era chiste? Que uso faz então, Freud, da relação "em troca de"? Será que ele faz como o judeu da confeitaria?), *o exemplo seguinte é, indubitavelmente* (de onde lhe vem agora essa certeza?), *um chiste, que exhibe, por assim dizer, a falácia complementar* (o que tal falácia complementa, a não ser , como diz Lacan no *Seminário sobre "A carta roubada"*, que aí se precipite uma decisão de se *antecipar à rapina oferecida nesse descobrir*⁵⁶?). E traz agora uma história de casamenteiros.

*O Schadjên defendê a mōcā, por ele proposta como noiva,
das críticas do jovem.*

⁵⁴ Respondendo a uma reclamação de Fischer sobre a indefinição dos *calembours*, Freud responde: *Tampouco o uso lingüístico traça distinções nítidas*. Cf. *El chiste*, op. cit., p. 46.

⁵⁵ J. Lacan, *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Seminário II, p. 294.

⁵⁶ J. Lacan, "O seminário sobre *A carta roubada*", in *Escritos*, op. cit., p. 17.

- Não gosto da sogra, diz o jovem, é uma pessoa má e estúpida.
- Ora, você não se casa com a sogra. Você quer é a filha.
- Sim, mas ela já não é tão jovem, nem tem um rosto bonito.
- Isso não importa. Se já não é jovem, nem bela, ainda mais fiel será.
- Também não tem muito dinheiro...
- E quem está falando de dinheiro? Por acaso você se casa com o dinheiro? Não é uma esposa que você quer?
- E além de tudo ela tem uma corcunda!
- Mas o que é que você quer afinal? Que não tenha nenhum defeito?⁵⁷

Essa aparência lógica, como aponta Freud, é feita para disfarçar uma falácia. O casamenteiro faz como se cada um dos defeitos tivesse sido eliminado através de cada uma de suas réplicas, recusando-se a fazer-lhes a soma. Ora, para a corcunda não há desculpas; admita-a, então, como o defeito que é preciso admitir em qualquer ser humano, como se dos defeitos anteriores não *houvesse subsistido um resto necessário*⁵⁸.

O leitor de Freud poderia então reclamar de cada uma de suas análises, de cada fio deixado solto pelo meio da trama... Da evanescência do fio vermelho goetheano que se entrança através dos chistes. E, mais ainda, ao dar-se conta de que, além de tudo, não havia um critério! Entretanto, Freud dá razão ao casamenteiro: *o pensamento não ousa fazê-lo a sério, e substitui essa seriedade pela aparência que o chiste apresenta... mas aqui, deixa transparecer o sério*⁵⁹. Na teleologia do projeto de fazer dos chistes um *todo orgânico*, o ultrapassamento da surpresa, o dom irrecusável, a escolha forçada, instauram a ordem da perda. Afinal, dirá adiante⁶⁰, os defeitos são inevitáveis, e a única qualidade que tornaria tolerável tal "matrimônio" seria a simpatia mútua e uma complacência em uma adaptação amorosa, da qual sequer se fala nesse trato.

⁵⁷ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 59.

⁵⁸ Id., p. 101.

⁵⁹ Id., *Ibid.*

⁶⁰ Id., p. 102.

2.2. os contratempos do desejo

No capítulo III de "A Interpretação dos sonhos", no *clarão de um conhecimento súbito*, Freud tem a *certeza antecipada*⁶¹ do que anuncia: *o sonho é um cumprimento {Wunscherfüllung – realização} de desejo*; mas, nem em sonho teria imaginado que seus leitores e colegas *se contentariam com reduzir o conteúdo do livro a esse lema: "cumprimento de desejo", que se retém com facilidade e se presta a tantos absurdos*⁶².

A primeira evidência de que o sonho realiza um desejo, Freud vai encontrá-la nos sonhos de crianças; sonhos sem disfarce, como os chistes inocentes. Mas acrescentará depois que as crianças de 4 e 5 anos já apresentam sonhos desfigurados. E, mais adiante, dirá ainda que não há sonhos inocentes, tais sonhos não passam de *lobos em pele de cordeiro*⁶³.

No capítulo IV - "A desfiguração onírica", Freud diz que *onde o cumprimento de um desejo é irreconhecível e está disfarçado, deve ter existido uma tendência à defesa contra esse desejo*⁶⁴. Devido à defesa contra o desejo, ele *não pôde expressar-se de outro modo senão desfigurado*⁶⁵. Tal fator, continua, está em ação na própria vida social, quando as regras da cortesia nos obrigam a dissimular agressões e injúrias, por meio de alusões. É um Freud cortês que dirá: *mesmo ao comunicar aqui, a meus leitores, as interpretações de meus sonhos, vejo-me forçado a realizar tais deformações*⁶⁶. A deformação onírica, diz em nota, apaga as mensagens que julga inaceitáveis, contrariando o desejo com um *murmúrio ininteligível*, como a censura postal, que suprime essas passagens com

⁶¹ Refiro-me aqui ao primeiro momento de evidência no sofisma do tempo lógico, apresentado por Lacan em "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma", in *Escritos*, op. cit. pp. 197-213. (Cf. parte III deste trabalho)

⁶² S. Freud, *La Interpretación*, op. cit., p. 153. Em 1932, na Conferência XXIX ("Revisão da teoria dos sonhos"), Freud dirá, a respeito da predileção por essa fórmula ("cumprimento – realização - de desejo"): *...porém, coisas tão importantes como a distinção fundamental entre o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos latentes do mesmo, a descoberta de que os sonhos de angústia não contradizem a função cumpridora de desejos do sonho, a impossibilidade de interpretar o sonho sem a ajuda das associações correspondentes do indivíduo e, sobretudo, a descoberta de que o mais essencial do sonho é o processo do trabalho onírico; tudo isso parece ser ainda tão estranho como há trinta anos atrás* (OC., op. cit., v. X, p. 8).

⁶³ S. Freud, *La interpretación*, op. cit., p. 198.

⁶⁴ Idem, p. 160.

⁶⁵ Idem, *Ibidem*.

⁶⁶ Id., *Ibid.*

traços de tinta. Talvez cause menos espanto esse trabalho do sonho, se lembrarmos que, não faz tanto tempo assim, o *murmúrio ininteligível* pôde ser cifrado, em nossos jornais, em receitas de bolo e palavras cruzadas, e que as vozes se disfarçaram, mudando de dono, para escapar à censura.

Dois capítulos por um. Tempo e contratempos. Aos desejos e seus disfarces, nos sonhos, responde, no livro dos chistes, o capítulo III, dedicado às tendências. Mas aqui a estratégia é outra. No livro dos sonhos, seus leitores contentaram-se com pouco. Reduzindo apressadamente o sonho a um lema, *não compreenderam sua língua*⁶⁷, não deram *prevalência ao texto*⁶⁸. Freud não deixará a este novo leitor *outra saída senão a entrada nele*⁶⁹.

Diferente de Lacan, que declara preferir que essa entrada seja *difícil*, Freud fará com que a entrada pareça fácil. Terá facilitado? Pode parecer que sim. Para começar, nada melhor do que os inocentes jogos de palavras, essas *expressões engraçadas que provêm da metáfora*, como explica

⁶⁷ Referência epigramática de Lacan aos cadernos de Leonardo da Vinci em "A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud", in *Escritos*, op. cit., pp. 491-533.

⁶⁸ Idem, p. 491.

⁶⁹ Idem, Ibidem. Na abertura do seminário V, *Les formations de l'inconscient*, 1957-8 (inédito), dirigindo-se a seu público, Lacan lhes dirá que, com a leitura de "A instância da Letra no inconsciente" (publicado no volume 3 de *La Psychanalyse*, Paris: PUF, 1957), eles *estarão melhor situados que os outros* [que não leram] *para acompanhar aquilo de que vai se tratar...* porque, enfim, *tendo-o escrito para vocês [...], sou forçado a supor que já o conhecem* (Lição de 6 de novembro de 1957). Nos *Escritos*, em 1966, Lacan remete o texto da Instância a um apêndice, o último texto do livro: "A metáfora do sujeito". Reescrita (1961) de uma intervenção proferida em 1960, em resposta a Chaim Perelman, esse texto chega "a tempo" (diz Lacan), para suplementar estes *Escritos*. Para mim, esse texto tem sua importância acentuada por três motivos. Em primeiro lugar, não é a essa fala de Perelman, perante a Sociedade de Filosofia, que Lacan responde. Criticando seu excesso de prudência na defesa da retórica, Lacan o adverte afirmando: *foi a partir das manifestações do inconsciente, das quais me ocupo como analista, que vim a desenvolver uma teoria dos efeitos do significante na qual reencontro a retórica* (p. 903). Em segundo lugar, interessa destacar que Lacan se dirige, de fato, ao que chamou de *ponto mais ardente do pensamento* de Perelman: o trabalho com a metáfora, tratada pelo filósofo como uma operação de quatro termos, separando-a decisivamente da imagem, nas *páginas admiráveis do Traité de l'argumentation* (Paris: PUF, v. II, pp. 497-534). Finalmente, o espanto. A Catedral Submersa (que Lacan faz ressoar nessa metáfora do sujeito) com que Debussy põe a tonalidade em suspensão ressoa em vão para os editores dos *Escritos*. O nome de Chaim Perelman não aparece no índice de nomes citados e, no índice ponderado dos principais conceitos, nenhuma remissão a esse texto sob o nome "metáfora". É oportuno lembrar que, entre o corpo do livro e esse apêndice (de número II), insere-se um Comentário Falado (Apêndice I), de Jean Hyppolite, sobre a *Verneinung* (denegação) de Freud.

Aristóteles no livro terceiro da *Retórica*, e de uma certa *mistificação*⁷⁰ notada em seguida pelo ouvinte; ele apreende tanto mais manifestamente que ficou sabendo alguma coisa, quando o objeto é muito diferente do que ele esperava. O espírito parece dizer consigo: "como é verdade! Eu é que estava enganado!"⁷¹. Com essa entrada pelos jogos de palavras, Freud só deixa aberta uma via, *por onde o significante se define como agindo, antes de mais nada, como separado de sua significação*⁷², acentuando seu caráter literal, que nos conduz, de saída, a uma posição de deciframento, e que exige um percurso, um trabalho, um *colocar algo de si*.

2.3. as tendências inconscientes

Aparentemente, Freud acredita, num primeiro momento, numa independência das técnicas (trabalho do chiste) em relação às tendências (funções intrapsíquicas), levando-o a discernir entre chistes inocentes e tendenciosos (disfarçados pelas fachadas lógicas e/ou cômicas). Assim, em todo o capítulo dedicado ao estudo da técnica, insiste nas formações literais do chiste, decifrando-as como charadas de cabeça pra baixo: nas charadas⁷³, a técnica é dada e o texto se oculta; nos chistes, a técnica precisa ser adivinhada, mas o texto é dado. Benevolência do chiste, diz Freud, *as palavras são um material plástico, com o qual se pode fazer todo tipo de coisas [...] e a técnica do chiste pode aproveitar tais constelações de material lingüístico*⁷⁴. Freud insiste nessa resiliência do material verbal, esvaziado de significação, puro jogo de palavras. No entanto, esse

⁷⁰ É importante observar que, no capítulo 2 (livro III) da *Retórica* - *Das qualidades do estilo* - Aristóteles afirma que são as homonímias (de que vão se servir os chistes inocentes) que permitem aos sofistas as *habilidades desonestas*, com que enganam o ouvinte. Aqui, no capítulo 11 - *Dos meios de tornar o estilo pitoresco* - dirá: *Quanto aos jogos de palavras, o interesse deles é significarem, não o que parece quererem dizer, mas o que significa a palavra na sua forma alterada*, avaliando positivamente uma certa mistificação, como um lugar possível da verdade.

⁷¹ Aristóteles, *Arte Retórica*, III, 11, 6.

⁷² J. Lacan, "A ciência e a verdade", in *Escritos*, op. cit., p. 890.

⁷³ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 32, nota 22..

⁷⁴ Idem, p. 35.

"inocente" está pontuado por tendências diversas, marcadas sempre por um desvio, que sugiro chamar de metódico, em relação às técnicas. Desvio, buscando ater-se ao diálogo lúdico das letras, no qual, só-depois, seduzido o leitor, surpreenderá as contrariedades do desejo.

Já na análise do primeiro chiste, o do *familionär* (incluído por Fischer na categoria de simples trocadilho), Freud reconhece que é preciso supor ali a atuação de uma força compressora {*zusammendringende Kraft*} desconhecida, e de algo que cede, algo menos resistente {*resistent*⁷⁵}; nesse confronto, algo nos faz rir. Notamos, diz então, que esse é um problema outro, cujo tratamento temos o direito de adiar, até que possamos encontrá-lo um acesso. Por ora nos deteremos na técnica do chiste⁷⁶; mas, ainda no mesmo parágrafo, menciona outro chiste de Heine, em que reconhece em *Millionarr - Narr* = louco - *um pensamento colateral reprimido* {*unterdrückt*}⁷⁷, atrás do qual o desejo se oculta.

Freud confessa que para o esclarecimento teórico do chiste deteve-se na técnica e nos jogos de palavras, porque, *neles, escapamos ao perigo de que nos confunda sua tendência ou que engane nosso juízo*. Com um material desse tipo, conclui, *pode ser que nossa pesquisa faça um novo progresso*⁷⁸. O perigo de surpreender pelo engano, *habilidade sofisticada desonesta* que se prende aos jogos com a homonímia⁷⁹ é deslocado para as tendências, inocentando, num primeiro momento, os chistes que se aproveitam "apenas" do material lingüístico. No entanto, Freud dirá numa carta a Fliess⁸⁰ que a tendência à irrupção do recalcado se vale justamente dessas palavras ambíguas, dessa *indefinição verbal*, ou, como dirá depois Milner⁸¹, desses *nomes indistintos*.

⁷⁵ O tradutor Denis Messier observa que esse adjetivo - *resistent* - pertence ao vocabulário das ciências naturais. É também esse adjetivo que Freud utiliza no livro dos sonhos (op. cit., p. 459).

⁷⁶ S. Freud, *Il chiste*, op. cit., p. 21 (grifo meu).

⁷⁷ Idem, p. 22.

⁷⁸ Idem, p. 89. Freud adota esse mesmo procedimento quando analisa os atos falhos: posterga as tendências (intenções) que eles perturbam. (Cf. *Introdução à psicanálise*, in OC, v. VIII, p. 37).

⁷⁹ Cf. Aristóteles, *Retórica*, op. cit., III, 2, 7. Cf. também Armando Plebe, "O chiste retórico", in *Breve história da retórica antiga*, trad. e notas de Gilda Maciel de Barros, São Paulo: EDUSP, 1978, pp. 52-3.

⁸⁰ Carta de 22 de dezembro de 1897 (op. cit., p. 288).

⁸¹ Refiro-me ao trabalho de Milner "Sens opposés et noms indiscernables: K. Abel comme refoulé d'E. Benveniste", in *La linguistique fantastique*, op. cit., pp. 311-323.

*O senhor sempre teve olhos tão bonitos! É o que lhe diz em sonhos a Sra. E. L. pondo a mão sobre seu joelho... Trata-se de um sonho de Freud, numa reunião, numa mesa de hotel, frente a um prato de espinafre⁸². Nesse anexo, *Sobre o sonho*, sua análise toma esse primeiro sonho em seu valor literal, não se deixando seduzir pelo cochicho insinuante das significações. As coisas não lhe são dadas assim, pelos seus belos olhos, podem ser pagas com um mau olhar, e nem seus bonitos olhos de criança permitiram-lhe recusar a comida da qual não provava - *kosten* - sem custos - *kosten* ("nur ein bisschen kosten" / "prova só um bocadinho") - nada lhe é dado sem um custo - *ein Kosten*. Na língua do sonhador, que desejo se disfarçava? *Conhecer uma vez amor que nada custasse*.*

A música do sonhador só tem uma clave, a do desejo; e, enquanto fogem sobre o teclado, os dedos⁸³ produzem uma "melodia" que exige uma escuta que resista à tonalidade que a recalca. Para ouvir algo mais que o *correr dos dedos ao acaso*, é preciso justamente desviar-se da escuta melódica, dispor-se à escuta dos microtons, resistindo ao apelo do pulso, e ouvir enfim, como lembra Wisnik⁸⁴, *a voz que vem do coração. A voz de um certo alguém / Que canta como que pra ninguém*⁸⁵.

Freud ouve, e quer dar a público sua escuta, mas, num primeiro momento, precisa disfarçar, na própria escuta tonal, os trítonos que nela se engendram, o elemento de demonismo⁸⁶, o diá-bolo em contratempo com o

⁸² Cf. *La Interpretación*, op. cit., p. 60 7 (anexo acrescentado em 1901 - "Sobre o sonho").

⁸³ Idem, p. 608. Freud diz que aquele que sonha não tem maior pretensão de sentido e significação do que talvez a *série de sons que os dez dedos de uma pessoa completamente ignorante em música produzem, quando passam sobre as teclas de um instrumento*. A analogia deve ser levada em conta considerando somente a "pretensão de sentido e significação", ou seríamos levados a pensar que aí imperariam somente as leis do acaso. Mas é o próprio Freud, diz Edith Lecourt, quem afirma depois que o sonho é como uma partitura que é preciso aprender a decifrar, e é porque as notas parecem soar automaticamente dos dedos do virtuose que dão a impressão de que os dedos correm à toa pelo teclado (Cf. Edith Lecourt, *Freud et le sonore: le tic-tac du désir*, Paris: L'Harmattan, 1992, p.176-9). Freud diz ainda, numa conferência pronunciada em 1904, que *o instrumento psíquico não é nada fácil de se tocar*, e cita Hamlet, que oferece a um dos enviados do rei, que queriam arrancar-lhe o segredo de sua melancolia, uma flauta, pedindo-lhe que toque. O cortesão recusa, alegando ignorar tal arte, e Hamlet exclama: *Julgas que me tocarás com mais facilidade que a uma flauta? Não, toma-me pelo instrumento que quiseres; por mais que me manejes e te esfalfes, não conseguirás tirar de mim o menor som* (ato III, cena 2).

⁸⁴ Cf. José Miguel Wisnik, *O som e o sentido: uma outra história das músicas*, São Paulo: Cia das Letras, 1989, p. 199.

⁸⁵ Versos da canção *Alguém cantando*, de Caetano Veloso (LP *Bicho*).

⁸⁶ Cf. *La interpretación*, op. cit., anexo sobre o sonho, p. 602. Freud diz que o elemento de demonismo cooperou para o estabelecimento da explicação do trabalho do sonho. O trítono

símbolo. Desvia-se, então, num primeiro momento, das tendências e do riso. Do riso, porque, subjugado ao prazer do chiste, não tem acesso àquilo que o provoca; das tendências, justifica-se no capítulo III, porque *só um chiste que tem tendência* (embora seja aquele que provoca as mais sonoras gargalhadas, o maior prazer) *pode tropeçar com pessoas que não querem escutá-lo*⁸⁷, tal como acontecia com os chistes do sonhador, que irritavam, provocando o desprazer, em vez de fazerem rir. Freud se desvia de tudo o que possa provocar o desprazer, levantar de vez as resistências do leitor. Vai preparando o caminho: aqui, uma força estranha; ali, uma insinuação de sabor picante...

Para fazer escutar na fala do inconsciente a voz e o ritmo do desejo, Freud se desvia das fachadas lógicas (que não passam de um engodo), e se concentra primeiro na matéria verbal que sua leitura revela, atendo-se às letras, ao jogo com a palavra {*Wortwitz*}, cuja forma mais realizada é a homonímia. De que o chiste está no próprio texto, Freud está absolutamente seguro. Tanto é assim que conta: *Eu mesmo proporcionei, inadvertidamente, o material para um chiste*. É importante observar (e não só considerando o chiste que vem a seguir) que Freud não diz que proporcionou uma *palavra*, mas um *material*. Comentando com uma senhora sobre os méritos de um pesquisador que considerava injustamente desconhecido, ouviu dela:

- *Esse homem merece então um monumento!*
- *É possível que um dia o tenha [diz Freud], mas, momentaneamente, faz muito pouco sucesso.*
- *Desejemos-lhe então um sucesso "monumentâneo".*⁸⁸

é um acorde que divide a oitava ao meio, e é igual à sua própria inversão (o espelho na música), projetando com isso uma forte instabilidade, "jogando para dividir". Evitado pela música medieval, esse acorde é conhecido pelo nome de *diabolus in musica*. Depois que a dissonância foi introduzida na música, a significação do tritono mudou, e foi preciso renegociar esse contrato faústico, que levou ao dodecafonismo de Schoenberg, *em que a obra luta contra a própria linguagem que necessita, ao mesmo tempo, fundar*. (Cf. José Miguel Wisnik, *O som e o sentido: uma outra história das músicas*, op. cit., p. 58 e 173-5).

⁸⁷ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 85.

⁸⁸ Idem, p. 23.

Freud comenta que a dama reuniu, condensou os dois opostos: monumento e momentâneo. O *mesmo* material (monumento/momentâneo - monumentâneo) está lá, no relato, na cadeia manifesta. Um chiste assim, à flor da pele... *Para que nos demos o trabalho de descobrir algo novo* (Freud se pergunta), *que teríamos podido recolher no mais superficial estudo sobre o chiste? É que aquilo que nos [demais] autores aparece como destinado a demonstrar o caráter de jogo do chiste, cai, em nossa abordagem, sob o ponto de vista da acepção múltipla do mesmo material*⁸⁹, ou seja, *sob o fenômeno da expressão lingüística*.

E aí está Freud, dando-se conta de que essas "palavras" têm sua autonomia lingüística submetida à autonomia de [uma outra estrutura], que condensa e desloca esse material: a estrutura do inconsciente⁹⁰. À reclamação de Fischer, de que os trocadilhos (entre os quais lista o *famillionär*) são péssimos jogos de palavras, porque não jogam com as palavras como tais, mas apenas como sons, Freud responde, antecipando-se a Saussure: *também no jogo [puro] de palavras, a palavra é para nós somente uma imagem acústica, com a qual se conecta este ou aquele sentido*⁹¹. Os *Wörtwitze* (neles incluídos os *Klangwitze*) sucedem-se, então, numa longa lista, desviando o leitor/ouvinte das insinuações das tendências e ofuscando-o com o brilho da chistosa vestimenta de letras.

3. a inibição *in statu nascendi*⁹²

⁸⁹ Id., p. 36.

⁹⁰ Esse comentário é feito para fazer ressoar um outro. Falando de Saussure, Cláudia de Lemos diz: *Parece que Saussure deixou de lado seu trabalho sobre os anagramas. E antes de se ter dado conta de que tinha estado diante da homonímia. Isto é, do fato de que há palavras sob outras palavras [...] Do fato de que a operação pela qual se impõe uma delimitação à cadeia remete a algo mais do que o simbólico que a língua presentifica* (Cf. "A poética e o significante", *Traço 2*, Maceió, 1998). Mas a citação, por mim adaptada, pertence a um trabalho anterior: "A poética entre a fala e a linguagem", *Jornadas internas de 1996: Lacan no simbólico*, Campinas: Escola Lacaniana de Psicanálise, 1996, pp. 81-8.

⁹¹ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p.45-6.

⁹² Nas cartas a Fliess (op. cit.), a *inibição* é relacionada ao recalçamento, e a gênese do desejo é invocada por Freud como matéria sujeita a inibição; Lacan dirá *desejo de reter*. (Cf. carta de 1 de janeiro de 1896). *Hemmung*, termo usado por Freud, vem de *hemmen*, travar, pear (amarrar pelos pés). No seminário da *Angústia* (*L'Angoisse*, *Séminaire X*, 1962-3, inédito), Lacan se equilibra no fio da etimologia para traçar os "níveis" que discerne entre *Inibição*, *Sintoma* e *Angústia* (texto de Freud). Aqui, observa, *nossos sujeitos são inibidos quando nos falamos de sua inibição*, e então se serve, entre outros sentidos, de *impedicare*, o sentido mesmo visado por Freud (Cf. lição de 14 de novembro de 1962). *Inibição*, indo-

Num primeiro momento, levando em conta o "querer-dizer" de Freud, enunciado na introdução do livro, resta-nos acreditar que sua intenção primeira é, de fato, classificar. *Excessivamente preocupado com a cientificidade*, aplica aos chistes, diz Mannoni⁹³, um método das ciências naturais, herdado diretamente de Charcot: depreender, de um minucioso exame de uma coleção de exemplos, tipos que permitissem interpretar formas incompletas ou híbridas. O problema é que a taxonomia proposta para os chistes não se sustenta, as "classes" se misturam e alguns exemplos parecem não se encaixar em nenhuma delas. Segundo Mannoni, os resultados científicos ficam prejudicados porque, como Freud *gostava muito de histórias judaicas* (que colecionou durante muitos anos), deixou que seus exemplos se multiplicassem inutilmente⁹⁴, relegando a teoria a um segundo plano.

Mas retorno às promessas da *Introdução*. Freud declara que vai em busca do *nexo* entre as diversas definições (*disjecta membra*) que encontrou; daquilo que faria dos chistes um *todo orgânico* (teorizável). Seja devido às interferências dos afetos, como observa Mannoni, seja pelo fato de apoiar-se em "sensações", como Freud admite, esse método não parece funcionar muito bem [ou pode ser que funcione bem demais], porque os chistes resistem e a taxonomia manca. No entanto, Freud insiste nessa organização, e tenho a sensação de que a taxonomia (enquanto taxonomia) é feita para se jogar fora, uma vez que, mal acaba de propô-la, começam a aparecer contra-exemplos.

Por que Freud insistiria, então, em classificar esses chistes? Talvez seja útil esquecer, por um momento, o querer-dizer de um Freud cientista e nos concentrarmos nessa insistência, no que ela afinal objetiva. Uma resposta para tal questão poderia estar, não na classificação em si (que mascara, com seu *fracasso aparente*, o que há de precioso na *insistência* de

européu *ghabh-*, "dar" ou "receber" (*give, gift, gavel = tributo*); pelo latim *habere*, ter, possuir e *dēbere*, dever, reter (*The heritage illustrated dictionary of the English language*, William Morris, Ed., Nova Iorque: McGraw-Hill, 1973).

⁹³ Octave Mannoni, *Freud: uma biografia ilustrada*, tradução de Maria Luiza X. de A. Borges, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994, p. 116.

⁹⁴ *A tal ponto*, afirma o autor, *que muitas vezes o livro foi tomado por uma coletânea de humor, e, sua teoria, por um comentário, ficando, assim, relegada ao segundo plano*. Idem, *ibidem*.

Freud), mas tão somente no próprio ato de listar⁹⁵ e na seqüência em que os chistes se escrevem, para podermos tentar acompanhar seu *passo*, com suas antecipações e adiamentos, com suas súbitas paradas. Seduzindo a própria *stasis*, o texto exige que se acompanhe seu caminhar, cujo ritmo é determinado exatamente pelas *mancadas*, pelos tropeços, pelos *fios* que deixa soltos pelo caminho, pelos numerosos *loose ends*, que devem ser levados adiante, *plough ahead*⁹⁶, mesmo quando o arado escapa de seu sulco, de-lirando. Mais uma vez, valha a razão do casamenteiro:

O pretendente reclama que a noiva tem uma perna mais curta que a outra e que ela manca. O Schadjem o interrompe: — Você está enganado. Suponha que você se case com uma mulher de membros retos e são. O que ganharia com isso? Nunca poderia estar certo de que ela não vá cair, quebrar uma perna e ficar parálitica para o resto da vida. E depois, as dores, as perturbações, os honorários do médico! Mas, se casa com "essa", nada disso poderá suceder; é "assunto encerrado".⁹⁷

3.1. a lista de chistes

Segundo Allouch⁹⁸, a lista é correlativa da nomeação: nomeia o traço que regula o que lhe é pertinente. Esse traço pode estar implícito no começo do trabalho (Lembro que Freud declara que não tem um critério e trabalha

⁹⁵ Penso que é também o ato de listar, mais que a taxonomia proposta, que está em jogo em *How to do things with words*, op. cit. John Langshaw Austin insiste, em diversos momentos desse trabalho, na necessidade de listar os verbos performativos e aplicar aos exemplos o procedimento da redução (cap. VI, p. 68; IX, p. 109). É também esse o *método* usado para demonstrar a irredutibilidade desses atos (Cf. Kanavillil Rajagopalan, "A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor das tentativas taxonômicas", *Delta*, v. 8, n 1, 1992, pp. 91-133). Na última conferência, Austin chega a brincar (a sério/com a série), sugerindo uma lista de verbos de 10 elevado à terceira potência, em vez de 1000, que pareceria menos científico e menos preciso (diz em nota, p. 150), porque poderia ser lido simplesmente como "cerca de 1000", enquanto 10^3 permite uma folga, uma *boa margem*, que vai de 1000 a 9999 (Essa questão da lista foi tema de um trabalho meu, apresentado no GEL - Grupo de Estudos Lingüístico - de 1995: *Mil e um chistes e atos de fala: Freud e Austin* - inédito)

⁹⁶ São esses os termos de que Austin se serve para referir-se a seu trabalho na XII (e última) conferência (op. cit., p. 148).

⁹⁷ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 60.

⁹⁸ J. Allouch, *Letra a letra*, op. cit., pp. 81-3. O tratamento dado à lista pelo autor permite uma leitura desse "arranjo", proposto por Freud, que não o reduza a uma taxonomia falhada.

com uma "sensação", baseada nas técnicas em vigor no trabalho do sonho), mas a lista pode tornar necessária sua revelação, permitindo decidir se um novo candidato é ou não admissível por ela. Tomando como referência um estudo de Jack Goody⁹⁹, é possível depreender que a lista importa, no trabalho de Freud com os chistes, porque permite uma praticabilidade: uma lista pode ser invertida, introduz a questão da exaustividade, permite pôr em correlação duas listas produzindo uma terceira, além de remeter ao fato de escutar (*listening*), ao desejo (*lusting*), a um fato de borda, limite (*liste*), a um lugar de combate, "entrar na liça" (*to enter the lists*)¹⁰⁰.

Uma lista com mais de 120 chistes não se organiza pacificamente. *Esta sátira não teria sido tão mordaz, se seu autor houvesse tido mais para morder*¹⁰¹. É mais um duplo sentido comum do que um genuíno jogo de palavras, Freud admite, *mas quem poderia ater-se aqui a fronteiras tão incisivas?* Quem? Quando alguns chistes parecem formar uma classe, um novo chiste faz valer a lei do suplemento: força um rearranjo, provoca desvios no percurso, obriga a rever a rota, surpreende. *Freqüentei uma escola onde tive que suportar muito latim, surras e geografia*, conta Heine, tornando a enumeração chistosa. O chiste que correu de boca em boca, quando Napoleão III, como primeiro ato de seu governo, decretou a expropriação dos bens dos Orleans, "*C'est le premier vol de l'aigle*", aparece como duplo sentido propriamente dito, mas, não seria um caso de condensação, resultado de uma tendência à compressão? *Acomoda-se em uma, em nenhuma e outra "classes"; em balde, em verso, em mágoa*, na *Palavra* da canção¹⁰².

⁹⁹*The domestication of the savage mind*, 1977, trad. para o francês em 1979, pela Ed. Minuit, sob o título *La raison graphique* (apud Allouch, op. cit., p. 82).

¹⁰⁰ Interessante notar que J. Goody se aproveita da homofonia (um procedimento freudiano, como diz Allouch), ignorando que *list* (lista) vem de *leizd-*; *list* (listening) vem de *kleu-*; e *list* (lusting) vem de *las-*. Vale o chiste filo-lógico, e não a etimologia do verdadeiro (*etumon*). Aqui, como diz Jonathan Culler, a etimologia é sancionada por sua qualidade chistosa (punlike quality) (Cf. *On Puns: the foundation of letters*, Nova Iorque: Basil Blackwell, 1988, p. 2). Remeto também ao trabalho de Kees Versteegh, "La grande étymologie d'Ibn Ginní". A palavra árabe para etimologia, diz o autor, é *ištiqâq* - literalmente, "fissura". É assim que é tomada por Ibn Ginní, que procede a uma distribuição anagramática dos radicais, num procedimento inteiramente sincrônico, que não tem a conotação da reconstrução de um processo histórico (in Joseph Clims Ed., *La linguistique fantastique*, Paris: Denoël, 1985, pp. 44-50).

¹⁰¹ Freud cita Heine, *El chiste*, op. cit., p. 37-8.

¹⁰² Chico Buarque de Holanda, *Uma palavra* (cd. Uma Palavra).

Às técnicas (mais ou menos) encontradas nesses jogos de palavras (condensação {*famillionär*}, acepção múltipla do mesmo material {*traduttore / traditore*}, duplo sentido {primeiro *vol* - roubo/vôo da *águia*}), Freud acrescenta as técnicas do que nomeou chistes com o pensamento {*Gedankenwitze*}: o deslocamento e a figuração indireta, para serem trançados agora com as tendências, mas é o último chiste da lista que permitirá a passagem para essa outra cena. Trata-se de um chiste de Heine, em que o poeta compara um padre católico e um pastor protestante com negociantes: o primeiro, empregado de uma grande casa comercial, trabalha com pouco zelo, uma vez que o negócio não é seu, e o lucro é do patrão; o segundo, um pequeno comerciante autônomo, é obrigado a ser zeloso, alimentando sentimentos de inveja para com a grande casa de Roma.

Um chiste ou apenas uma comparação? Freud confessa que *lhe escapa por completo o que presidiria o caráter chistoso desse símile*¹⁰³. Não podendo decidir, decide deixar o problema sem solução, e suspende a busca das técnicas, para retomá-las, com o sonho, no capítulo VI.

3.2. a declaração da inibição

Logo no início do capítulo III, Freud declara que, ao registrar esse símile de Heine, sentiu uma inibição que queria forçá-lo a não utilizar esse chiste, e que isso o levava a pensar que poderia haver, entre seus leitores, alguns mais piedosos que ficariam indignados. Tomado pela indignação cristã, e não pelo prazer, o leitor cairia *num estado afetivo que lhe arrebataria todo o interesse* na distinção do caráter chistoso do símile¹⁰⁴. Se, como já dissemos antes, um chiste *terá sido* (só-depois) bem sucedido, é preciso que seus ouvintes não se oponham às tendências a que o chiste quer servir, ou seja, é preciso *algum grau de cumplicidade, ou certa indiferença, para que colabore no acabamento do processo do chiste*¹⁰⁵. O trabalho do inconsciente precisa contar então com a cumplicidade *flutuante*

¹⁰³ Idem, p. 83.

¹⁰⁴ Idem, p. 85.

¹⁰⁵ Id., p. 138.

dessa escuta, com essa *transferência*, com a escuta desse *Outro* (como o nomeia Lacan). Shakespeare é posto em cena:

*A jest's prosperity lies in the ear
Of him that hears it, never in the tongue
Of him that makes it....*¹⁰⁶

Ora, enquanto ouvinte do chiste/símile de Heine, Freud não se declara piedoso, inibido (se assim fosse, seu *interesse* não se teria mantido). É o Freud intérprete que sente a inibição? Estranha inibição, para quem é capaz de rir da (tele)visão do rabino de Cracóvia.

No templo, orando com seus discípulos, o rabino N. de repente solta um grito: *Acaba de falecer o grande rabino L. em Lemberg!* A comunidade, penalizada, fica de luto. Acontece que, cada vez que perguntam, a quem chega de Lemberg, "Como morreu o rabino?", ninguém sabe nada disso: *Quando saí de lá, gozava de perfeita saúde*, é o que se ouve. Enfim, é mais do que certo que ele não morreu no momento em que o rabino de Cracóvia sentiu sua morte à distância. Um estranho aproveita então a ocasião para gozar da performance telepática do rabino:

— *Foi mesmo uma grande sacada que seu rabi tenha tido a visão da morte do rabino L., em Lemberg. Infelizmente, ele está vivo até hoje.*

— *Que importa! [replica o discípulo] seja lá como for, a tele-visão {Kück¹⁰⁷} de Cracóvia a Lemberg foi algo magnífico!*

Isto posto, não é de todo impossível uma *Kück* de que a inibição que Freud atribui ao leitor/ouvinte não é aquela que deveras sente, mas é assim que o previne da existência desse poder inibitório, que poderá ser depois levantado pelo trabalho do chiste, provocando o riso. Colocando em ação essa resistência inibitória, Freud, de fato, coloca em jogo uma tendência: o

¹⁰⁶ (Id. *ibid.*) *Love's labor's lost*, ato V, cena 2, fala de Rosaline.

¹⁰⁷ *Kück* (nota do tradutor) é uma palavra Yiddish, proveniente do alemão *gucken* = mirar, daí "mirada penetrante", "mirada à distância". *Idem*, p. 61. Cf. também *Psicoanálisis y telepatía*, (coleção Amorrortu), v. XVIII, p. 179.

leitor se prepara, levantam-se suas objeções, produz-se uma oposição em um plano dual¹⁰⁸, que vai funcionar como uma fachada que permitirá a passagem para as tendências. *Essa disposição à inibição [diz Freud], que devo considerar como despesa real, análoga à mobilização num campo militar, será, nesse momento, reconhecida como supérflua ou tardia e, portanto, descarregada in statu nascendi pelo riso*¹⁰⁹.

Blitz, corisco, flash, o chiste não se entrega. Sempre surpreendendo, sempre tendencioso, nunca está onde Freud o procura, só se deixa "pegar" quando já passou. No entanto, começar com os chistes tendenciosos tê-lo-ia levado a enfrentar, de saída, um obstáculo duplo: se o leitor fica imediatamente indignado, o chiste se perde, seu trabalho não se completa; por outro lado, se o leitor cai na risada, fica impossível decidir se ele riu devido ao jogo de palavras ou devido a uma tendência a menosprezar as religiões (determinadas religiões). *De uma oração chistosa*, conclui Freud, *recebemos uma impressão global em que não somos [ainda] capazes de distinguir o que nos chega do conteúdo do pensamento e do trabalho do chiste*¹¹⁰. Assim, nem a indignação nem o riso podem ser diretos, imediatos. *Dispondo-se à inibição*, buscando despertá-la no outro, Freud intervém, ralentando o tempo entre essa *disposição*, e o ato que ela vai induzir — fazê-la surgir no outro — e aí estão dadas as condições para que se faça o dom do chiste: o levantamento da inibição.

Encerrando o capítulo das técnicas, Freud confessa que uma *incerteza* (é um chiste ou só uma ironia? é um chiste ou só uma alusão?) *questiona as bases de sua indagação*¹¹¹. *Será que temos a certeza de que não escapou a nossa indagação nenhuma técnica possível do chiste? Certamente que não*, mas já tem material suficiente para formar um juízo sobre a natureza desse *processo psíquico*. Importa agora estabelecer a

¹⁰⁸ Em "A agressividade em psicanálise", Lacan diz que *devemos pôr em jogo a agressividade do sujeito a nosso respeito*; essa agressividade tem uma eficácia comprovável no processo analítico, porque permite conceber a *imago* formadora da identificação narcísica, *instalada permanentemente no plano de sobredeterminação simbólica a que chamamos inconsciente do sujeito, com sua correlação intencional*. Assim, a *constância da tensão agressiva comporta a sujeição à estrutura* (onde, segundo Lacan, reina a inibição) e está sempre presente *em todos os graus de realização humana em sua pessoa*. (Cf. *Escritos*, op. cit., pp. 110 e 121).

¹⁰⁹ *Idem*, p. 142.

¹¹⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 88-9.

¹¹¹ Cf. *El chiste*, op. cit., p. 78.

concordância entre os recursos do trabalho do chiste e os do trabalho do sonho: a condensação (presente nos *Wörterwitze*), remete à formação do sonho; as técnicas dos *Gedankenwitze* - falácia, deslocamento e figuração indireta, reaparecem no trabalho do sonho. A concordância não pode ser casual, Freud a reconhece como concordância de leis estruturais comuns, remetendo-a, então, ao capítulo VI do livro dos sonhos e dos chistes. Decide suspender a busca das técnicas - determinando um resto, na impossibilidade de apreendê-las todas.

PARTE III

...E O RISCO DA EXPERIÊNCIA.

O que nos emociona numa obra não é o que ela representa de esforço, nem o que, sem se dar conta, o autor deixou passar [...], é o lugar a ocupar que ela nos oferece àquilo que se esconde em nós de problemático, na nossa própria relação com o nosso desejo.

Jacques Lacan

Nota 33: O livro dos chistes é dividido em 3 partes: analítica, sintética e teórica. Na parte analítica, Freud faz um estudo das técnicas e das tendências dos chistes. Na parte sintética, une técnicas e tendências para discernir os mecanismos do prazer e apresenta o chiste como processo social. Finalmente, na parte teórica, trata das relações do chiste com o sonho e com o inconsciente, distinguindo-o do cômico e do humor.

O capítulo das técnicas (que nos interessa no momento) está dividido em 12 partes. Nas partes 1, 2 e 3, Freud distingue nos *Wörterwitze* (*chistes de palavras*) as técnicas de *condensação*, *acepção múltipla do mesmo material* e *duplo sentido* (reunidas depois como casos de *condensação* {*Verdichtung*}); na parte 4, apresenta e discute essa primeira taxonomia, construída sob a égide do conceito de *economia*: investimento {*Besetzung*} e desinvestimento {*Entsetzung*} de energia psíquica, descarregada livremente {*Abfuhr*} pelo riso. O prazer buscado pelo chiste é, então, nesse momento do trabalho de Freud, o resultado de uma economia de gasto psíquico; a parte 5 traz os *trocadilhos* {*Klangwitze* – *chistes pelo som*}, incluídos por Freud (excluídos pelos demais autores) entre os "verdadeiros" jogos de palavras.

Nas partes 6 a 12, entram em cena os chistes que não se encaixam na primeira tentativa de classificação: chistes com fachadas, *falácias*, os chamados *chistes no pensamento* {*Gedankenwitze*}, e ainda chistes de *unificação* e *figuração indireta* (ironias, alusões, símiles), reunidos sob o nome mais geral de *chistes por figuração indireta*. Freud reconhece neles a ação do *deslocamento* {*Verschiebung*} que, como vimos no capítulo anterior, *desviam* (seu próprio pensamento) *do pensar normal* (exigindo uma participação subjetiva), tal como se daria com as *falácias sofisticadas*, que exigem que se repitam suas etapas de raciocínio para que se obtenha uma solução. Com o deslocamento, Freud inutiliza a divisão *Wörter / Gedankenwitze* - vai fazer valer a articulação significante, agora, no registro da metonímia.

A nota que introduz este capítulo foi, originalmente, uma longa nota de rodapé (parte dela), cuja finalidade era pôr em destaque um chiste em especial: o *chiste da experiência*. A nota era uma tentativa de reduzir o

Tempo para compreender, enquanto buscava fazer do Tempo Lógico¹ de Lacan um princípio de leitura das teses de Freud. Volto um pouco no tempo para que se possa ver como é que essa nota veio parar aqui e que tempos são esses.

1. Uma nota justa

Em sua leitura de *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma*, Erik Porge² refaz o percurso do ensinamento de Lacan, pela via do sofisma. Um sofisma que, *apesar de sua solução, continua a questionar*. Manter esse nome - sofisma - diz Porge, mesmo quando se encontrou sua solução, atribui-lhe um caráter exemplar: *a solução nada é sem o meio de chegar a ela*, porque esse meio é o tempo que se leva para alcançá-la, e aí se contam as paradas, hesitações, erros e precipitações. É preciso *conhecer o passo* de cada um (o que pode ser outro modo de dizer que é preciso abordar cada caso como se fosse o primeiro, como disse Freud). Nesse passo (que não vai sem suas *mancadas*), é preciso ainda reconhecer o momento oportuno do passe, do corte que liga o ato à retórica, o tropo à ocasião. E se uma retórica ligada ao ato (à pulsação temporal) excede a dedução e o raciocínio, como afirma Porge³, é porque o ato é necessário para que a dedução ocorra.

O chiste é uma formação do inconsciente que exige a alteridade, exige um *Publikum* como parte integrante de sua efetuação, colocando em questão a fronteira exterior/interior (em um processo psíquico), individual/social (numa instância mais além da comunitária) e trazendo um problema de contagem: quem conta, quem se conta, o que se conta, no

¹ Jacques Lacan, "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada: um novo sofisma", tradução de Vera Ribeiro, in *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 197-213.

² Cf. *Psicanálise e tempo*, op. cit. parte I, cap. 3. pp. 35-8. A análise de Erik Porge sobre o tempo lógico de Lacan, juntamente com seus trabalhos (já mencionados aqui) sobre a transmissão da psicanálise e suas ligações com a retórica, co-incidentem nesta leitura do chiste, menos pelos temas abordados (que certamente dão provas de um saber fundamentado) que pelo tratamento *francamente retórico* que confere a esses textos. Assim, em diversos momentos deste percurso, que seria o de um tempo para compreender, faço referência a seus trabalhos, ainda que não chegue a alcançar o rigor com que o autor trata essas questões.

³ Idem, p. 38.

fugaz instante em que um chiste se faz. Para Erik Porge⁴, o texto do *Tempo lógico* de Lacan é o único que apresenta a forma ficcional do sofisma para articular temporalmente a relação de sujeito(s) a sujeito(s) e de sujeito a si com a unicidade de um sujeito, e sirvo-me dessa estrutura de ficção para ler os capítulos IV (*O mecanismo do prazer e a psicogênese do chiste*) e V (*Os motivos do chiste. O chiste como processo social*) do livro dos chistes. Nesta parte do trabalho, ensaio a possibilidade de fazer do tempo lógico de Lacan um princípio de leitura da tese de Freud sobre a origem do prazer provocado pelos chistes.

Em *Psicanálise e tempo*, Porge faz também um levantamento histórico buscando construir uma origem possível do tempo lógico de Lacan. Uma delas é um trabalho, publicado em 1936, em que Lacan dirige uma longa crítica à obra de E. Minkovski intitulada "Le temps vécu". Porge destaca desse trabalho uma citação que retomo aqui:

É mesmo apesar dessa linguagem (inadequada à experiência vivida) que se trata de penetrar a realidade dessa experiência, apreendendo, no comportamento do doente, o momento em que se impõe a intuição decisiva da certeza, ou a ambivalência suspensiva da ação, e encontrando, por nosso assentimento, a forma sob a qual se afirma esse momento⁵.

Lacan apresenta o sofisma do tempo lógico⁶ na forma de um apólogo, que resumo a seguir: O diretor de uma prisão escolhe três prisioneiros e oferece-lhes a liberdade nas seguintes condições: apresenta-lhes três discos brancos e dois pretos, escolhe três deles e prega-lhes nas costas. Cada um dos prisioneiros pode olhar os discos dos companheiros, mas não tem acesso ao seu. Além disso, não podem comunicar-se, não podem comunicar uns aos outros o resultado de suas observações. O primeiro que puder deduzir sua própria cor será libertado. Ao cabo de algum tempo, os três;

⁴ Idem, p. 11.

⁵ Idem, p. 22 (grifo meu). O artigo de Lacan a que Porge se refere é "Psicologia e estética", e foi publicado em *Recherches philosophiques*, 1935-1936, p. 424-431.

⁶ J. Lacan, "O tempo lógico...", in *Escritos*, op. cit., pp. 197-8.

juntos, precipitam-se para a saída. Cada um conclui separadamente que é branco.

O que cada um deduziu? Algo como: "Dado que meus companheiros eram brancos, achei que, se eu fosse preto, cada um deles poderia ter inferido o seguinte: *Se eu também fosse preto, o outro, devendo reconhecer imediatamente que era branco, teria saído na mesma hora, logo, não sou preto.* E os dois teriam saído juntos. Se não estavam fazendo nada, é que eu era branco como eles".

A solução apresentada é a solução perfeita, deixando de lado o fato de poder ser ela atingida ou não na experiência. A Lacan interessa o valor sofisticado da solução, passando-à discussão do fato de que todo sofisma se apresenta como um erro lógico. Qual é o problema? Se A é cada um que se decide ou não a concluir por si mesmo, B e C são objetos de seu raciocínio. Considerando que A pode ou não imputar-lhes um raciocínio falso, só lhe é possível basear-se no comportamento deles. Se, durante o processo, por duas vezes, os prisioneiros se precipitam e hesitam por um instante, suas paradas e sua precipitação precisam ser integradas ao processo. Esses lapsos de tempo e a pressa são significantes e constituem o processo do sofisma, estruturando-o. É preciso então que se examine a qualidade desses tempos.

Lacan distingue então três tempos que correspondem aos três momentos de evidência e aos três modos de subjetivação dos personagens. É preciso levar em conta a simultaneidade dos raciocínios, mas, para apresentá-los, é preciso recorrer ao modo linear (mesmo que seja *inadequado à experiência vivida*).

O primeiro é um momento de evidência de valor instantâneo (que corresponderia à operação intelectual do *insight*⁷). É preciso tomar essa evidência como já obtida diretamente pelos dados do problema: se B e C são pretos, eu sou branco. Temos aqui o *instante de ver*, que corresponde a um sujeito impessoal: sabe-SE que, diante de dois pretos, só é possível ser branco.

O segundo momento subjetiva-se no *tempo para compreender*. Na situação de ver dois brancos, raciocina: *se eu fosse preto, os dois brancos que estou vendo não tardariam a se reconhecer como sendo brancos e*

⁷ Cf. A. Lacan, *Les quatre concepts...* Seminário XI, op. cit., p. 48.

teriam saído. A questão, para Lacan, é: como medir esse tempo? Ele supõe uma diacronia, leva um certo tempo, mas esse tempo pode reduzir-se ao instante de ver. Por outro lado, esse *ver* pode incluir, em seu instante, o tempo necessário para compreender.

Essa modulação do tempo, segundo Lacan, corresponde a sujeitos que só se definem por sua reciprocidade, ou seja, o que cada um é para os outros: a menor disparidade, diz Lacan, evidencia *o quanto a verdade depende, para todos, do rigor de cada um*. E se, *nessa corrida para a verdade, é apenas sozinho, não sendo todos, que se atinge o verdadeiro, ninguém o atinge, no entanto, a não ser através dos outros*⁸.

O *momento de concluir*, uma vez captado, apressa o prisioneiro em direção à saída. Ele se antecipa à sua certeza por um ato, que se confirma na precipitação produzida em razão da tensão temporal. O ato de concluir surge como uma necessidade temporal interna, e só *a posteriori* {*nachträglich*} o sujeito dessa asserção verificará que sua conclusão *terá sido* (na forma de um futuro anterior) a boa conclusão.

2. A tese se ex-põe

No terceiro capítulo do livro (*As tendências do chiste*), depois de acompanhar uma lista de chistes e suas explicações, ora bem ora mal sucedidas (de acordo com o que se espera de uma explicação, do sentido que se atribui a seu fracasso), cheias de hesitações e de retomadas, deparo-me com o enunciado de uma tese⁹ que fecha o segundo capítulo, mas escrita já com o terceiro em andamento. Acontece que Freud apresenta-a como uma segunda tese; uma segunda tese que, em suas próprias palavras, *não ensinou nada de novo* em relação à primeira, para a qual eu sequer havia atentado e que volto atrás para procurar, uma vez que há uma indicação da página em que ela se encontra (p. 19). Para mim¹⁰, ela abre o

⁸ J. Lacan, "O tempo lógico", op. cit., 211-212.

⁹ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p 90.

¹⁰ Digo *para mim* porque, considerando a paginação da edição francesa que consultei (cf. bibliografia), essa primeira tese estaria no parágrafo anterior (a página indicada é a 58). Justifico minha decisão: Freud cita a versão parafrástica proposta por Theodor Lipps para o chiste do *famillionär* e, em seguida, propõe outra versão. O parágrafo que segue a apresentação dessas versões (e ao qual remete a edição francesa) vai comentá-las, chamando a atenção para o fato de que ambas as versões, fiéis ao sentido, não podem ser qualificadas de chistosas, porque (é o teste que Freud propõe) são incapazes de fazer rir. O

segundo parágrafo: *Então, se o caráter do chiste de nosso exemplo não adere ao próprio pensamento, havemos de buscá-lo na forma, no texto de sua expressão. O parágrafo continua:*

Não nos falta senão [uma vez que as premissas são tomadas como admitidas] estudar a particularidade desse modo de expressão, para captar o que se pode designar como técnica nas palavras, ou técnica expressiva deste chiste, e que, por força, há de vincular-se à essência do chiste, uma vez que tanto seu caráter quanto seu efeito desaparecem, se substituirmos aquele modo {famillionär} por outro. Estamos, além disso, de pleno acordo com os autores ao atribuírem tanto valor à forma lingüística do chiste...

e termina com uma citação do poeta Jean Paul: *Tanto é verdade, que vence a simples posição {die blosse Stellung}, seja a do guerreiro ou a das frases {der Sätze}. Com esse dito, o poeta declara e demonstra justamente a natureza do chiste¹¹. O chiste, reconhecido em seu próprio texto, é então uma questão lingüística e, mais precisamente, uma questão de posição (syntassein quer dizer "colocar em ordem, alinhar - uma companhia de soldados - em ordem de batalha"), mas, levando em conta a contagem dos tempos, faz-se necessário considerar que se trata, nesse caso, de uma certa sintaxe ligada ao tempo, à pulsação temporal, que introduz, no arranjo codificado da armada, o *happening* (*happen/happy*) do chiste.*

Entretanto, entre essa, que só-depois vai se escrever como primeira tese, e aquela, que é dita segunda (e que lê a primeira), passa-se um tempo, um tempo em que são analisados mais de 120 chistes, aqueles de que Freud experimentou o saber e o sabor.

Continuação da nota 33: Na parte 9, a propósito do chiste da experiência ("A **experiência** consiste em que se **experimenta** o que não se deseja **experimental**"), Freud retorna às técnicas de condensação, apontando um novo processo que chamará de **unificação** {Unifizierung}: a *experiência* é

parágrafo seguinte (em que se terá escrito a primeira tese) abre-se com *um entimema demonstrativo, que consiste* (Aristóteles, *Arte Retórica*, II, 22, 15) *em concluir a partir de premissas* (não explícitas, mas supostas) *admitidas pelo adversário* (apresentadas no parágrafo anterior). *Para mim*, está aí traçado o que vai ser lido (com uma segunda tese) como primeira tese.

¹¹ Idem, p. 19. Esse trecho é uma citação de Fischer.

definida pela própria matéria de linguagem {*Sprachmaterial*} que serve para nomeá-la. Assim, "experiência" e "experimental" se descrevem mediante um vínculo recíproco entre as representações, que corresponde à semelhança entre as palavras. Esse vínculo se faz, diz Freud, *por referência a um terceiro termo comum* (p.64): "o desejo de não experimentar".

Entre o livro dos sonhos e o dos chistes, o que Freud nos descobre é *a incidência de um saber que se subtrai à consciência, mas que nem por isso está menos estruturado: um saber inconsciente*. E o inconsciente *não é uma noção*, diz Lacan¹², *é suficiente dizer que o inconsciente é, nem mais, nem menos, e que ele se julga pela experiência*. Uma experiência que não diz respeito ao conhecimento, à consciência, e de que não se quer mesmo saber, mas que acontece à minha revelia.

O que é essa experiência, *se não podemos rir do chiste que nós mesmo {selbst¹³} fazemos¹⁴?* É que não há prazer sem outro, sem alteridade, e o prazer vem *pelo efeito retroativo desse outro sobre mim¹⁵*, e aí só posso achar, para brincar um pouco com as palavras, que terá sido gozado (nessa temporalidade chamada *futuro anterior* (de que falaremos no final desta parte), captada em toda a sua sutileza pela *Nachträglichkeit* freudiana).

Uma prova dessa solidariedade do chiste (não há chiste solitário, diz Lacan em algum lugar) é que *o esforço de comunicá-lo a outro é inseparável de seu trabalho*. Só a comunicação a uma outra pessoa, uma *comunicação* que Freud qualifica de *imperiosa*, uma *pulsão {Trieb} a comunicar*, um *esforço-pressão {Drang}* nesse sentido, proporciona um gozo¹⁶ (que excede o prazer). É assim que um chiste, *isso se conta de novo* (e esse novo é estrutural, diz respeito a uma mudança de posição) a outros que não o conhecem, e essa repetição não é uma reprodução do mesmo, porque conta com a surpresa, portanto, corre sempre o risco de (não) dar certo, de virar outra coisa. De cada vez é preciso pôr-se à espreita da escuta, da escuta desse Outro, que o próprio chiste constitui.

¹² J. Lacan, "Radiophonie"- *Scilicet*, Paris: Seuil, 1970.

¹³ Erik Porge chama a atenção para o fato de que esse adjetivo indefinido - *selbst* - deve ser traduzido no singular (embora esteja associado ao pronome "nós" {*wir*}, valorizando a coexistência de uma unicidade do sujeito e de sua multiplicidade (In *Psicanálise e Tempo*, op. cit., p. 11).

¹⁴ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 148.

¹⁵ Idem, *Ibidem*.

¹⁶ Idem, p. 137.

Para quem conta, repete o chiste (e não pode contar com o próprio surpreender-se, não pode contar-se), o gozo está ausente; no entanto, comunicando o chiste a outro, *recupera um fragmento de possibilidade de gozo {ein Stück der Genussmöglichkeit}*¹⁷, *ausente pela falta de novidade*¹⁸. É assim que é capaz de produzir, entre o valor de uso e o valor de troca do material lingüístico, uma mais-valia, que Lacan nomeou *mais-gozar*¹⁹ (Isso que cai nessa síncope, isolando-se, *ao mesmo tempo, como causa do desejo em que o sujeito se eclipsa e como suporte do sujeito entre verdade e saber*²⁰: o que Lacan nomeara *objeto a*).

O que é essa experiência feita de palavras e que, no entanto, vai trazer tantas transformações para *seus sujeitos*²¹? A expressão "seus sujeitos", assim, no plural, diz respeito à multiplicidade necessária para que se complete o trabalho do chiste. A pessoa em quem o chiste se faz (no enunciado da qual ele irrompe como enunciação) percebe-se ultrapassada por essa fala que não reconhece (de imediato) como sua, da qual nada sabia e nem quer saber (e que vem de Outro). Para a pessoa que escuta e ri (e que produz naquela, em que o chiste se fez, *par ricochet*, um riso), essa fala oferece um prazer, dado como um dom (a troca de nada); nada devendo, portanto, às intrigas do querer.

No tropeço, no ato falho, no lapso, no chiste, no sonho, comparece um saber que uma fala ainda por-vir já sabia, e que o sujeito (a quem ela ultrapassa, dividindo-o) não é suposto saber. São restos de um saber. Isso, diz Lacan²², é o inconsciente. Isso pensa, isso fala e isso goza sem sujeito. Essa *produção de saber sem sujeito é atualização do inconsciente. Afinal, toda formação do inconsciente é uma operação que exclui o domínio de um*

¹⁷ Cf. Mayette Viltard, verbete "gozo" - *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, Pierre Kaufmann, ed. trad. de Vera Ribeiro e Maria Luiza X de A Borges, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. Segundo Viltard, é no livro dos chistes que Freud conceitualiza o gozo pela primeira vez.

¹⁸ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 147.

¹⁹ Cf. M. Viltard, *Dicionário*, op. cit., verbete "gozo". Segundo a autora, Lacan retoma a energética freudiana, tal como apresentada no livro dos chistes, e faz dela uma leitura via "O trabalho e sua valorização", de Marx (in: *O Capital*, parte III, cap. V). Cf. também J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, final da lição de 27 de novembro de 1957 (inédito)

²⁰ J. Lacan, "Abertura desta coletânea", in *Escritos*, op. cit., p. 11.

²¹ Retomo com detalhes essa triplicidade constitutiva do chiste na parte IV deste trabalho.

²² J. Lacan, *O Saber do Psicanalista*, seminário inédito, 1971-72.

*sujeito*²³, e irrompe em sua fala, ultrapassando-o. Ora, isso também é o mesmo que dizer que algo que nos é exterior, ao mesmo tempo, faz parte de nós. Vislumbre de uma outra cena, na batida fora de fase de um tempo de síncope dos sentidos, em que o objeto a causa o desejo e convoca essas divisões de sujeitos.

A *experiência*, por sua própria *formulação textual*, é correr o risco - (ex)per(iência) - *per* é perigo, risco, tentativa. Experimentar é, portanto, enviar-se ao risco, sair de si e expor-se ao acontecimento. Se o inconsciente se julga por essa experiência, é preciso, como o faz Freud, experimentar. Mas é preciso levar em conta que essa experiência *que se formula textualmente* difere radicalmente do conceito empírico de experiência²⁴, entendida como recepção, por um sujeito já constituído, de um dado objetivo. A diferença fundamental está precisamente nessa constitucionalidade subjetiva.

Analisando esse chiste (será um chiste?) da experiência, Freud observa que *se passa um segundo*, antes que nos demos conta de que aí se *disfarça o lugar comum*²⁵. Nesse instante, nesse *Blitz*, quem fala é Outro, produzindo uma síncope desse sujeito-primeira pessoa, que só-depois se dá conta de que não (se) terá dito *nada de mais*. Acontece que a operação é *certeira* e, nesse *nada*, essa fala nos diz *mais* do que aquilo que já sabemos: diz que não desejamos nos arriscar, diz que a experiência nos experimenta, que ela nos desloca. Não se trata da experiência que podemos manipular, sobre a qual temos um controle, mas de uma experiência que nos ex-põe. Quando Freud, não tendo mais a que recorrer, afirma: *só é chiste o que considero como tal*²⁶, arrisca tudo, e é no *arriscar tudo de sua mensagem* [diz Lacan] *que está a totalidade de sua descoberta*²⁷.

2.1. o instante de ver o momento de concluir

No momento em que vai tratar das tendências do chiste, Freud retoma o trabalho de Fischer, citado na *Introdução* do livro. *À liberdade estética* - diz

²³ Cf. Ângela Vorcaro, *A criança na clínica psicanalítica*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997, p. 174.

²⁴ Embora no radical grego *peiria* também se inscreva esse arriscar-se.

²⁵ Sigmund Freud, *El chiste*, op. cit., p. 87.

²⁶ Idem, p. 99.

²⁷ J. Lacan, "A instância da letra no inconsciente", in *Escritos*, op. cit., p. 513.

o filósofo - *consiste em abordar as coisas jogando com elas [...]. E a conduta estética para com um objeto é então singularizada pela condição de que não lhe demandemos satisfação alguma de nossas necessidades sérias [...], trata-se de um gozo puramente estético, que tem seu fim em si mesmo*²⁸. Para Freud, essa pode ser a condição que responde pelo representar estético, mas, quanto ao chiste, a meta é inequívoca: produzir prazer no ouvinte, obter prazer a partir dos processos psíquicos. Aliás, dirá, *duvido muito de que sejamos capazes de empreender alguma coisa que não tenha um propósito*²⁹.

Mas de onde vem o prazer e a que interesses serve? Essa é a questão. Freud quer a cumplicidade de seu leitor, quer que nada o indisponha à escuta, quer *interessá-lo*; então, escolhe um chiste bem simples, o *mais inocente possível*:

Uma moça está fazendo sua toilette, quando lhe anunciam que chegou uma visita. Imediatamente, suspira:

*— Que pena! Que pena que não posso me deixar ver justo no momento em que estou mais {*anziehend*} atraente! [justo no momento em que estou me vestindo!]*³⁰

Preciso de duas palavras para traduzir. *Rasurado o significante*³¹, o chiste não ilumina; dá xabu. A economia de *anziehend* não permite seu transporte. Pertence a outra paróquia, outro *oikos*. Ossos do ofício. *Anziehend*, ao mesmo tempo, "vestindo-se" e "atraente". Moça um tanto *des-vistosa* para um chiste inocente. Não seria tendencioso? E se Freud abrisse a porta e a surpreendesse agora, desvelaria o segredo do chiste? Descobriria o que ela esconde sob a vestimenta chistosa? Mas, e se ela ficasse vermelha de vergonha? Não, não seria de *bom-tom*, e Freud, sendo um gentleman, não cometeria tal lapso. Afinal, se o segredo invisível que

²⁸ Idem, pp. 12 e 90.

²⁹ Idem, p. 90.

³⁰ Idem, p. 89.

³¹ Quanto ao *trabalho fatigoso* das traduções de chistes, sonhos e poemas (e lapsos, e nomes esquecidos...), vale a *pena celerada* de Haroldo de Campos em "O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua: Freud, Lacan e a escritura", in *Correio*, n. 18/19, 1998, pp. 136-162.

sua vestimenta esconde conta com seu desejo de desvelá-lo para que se possa transmitir, cortês, deixará que ela se desvele por si, abra a porta e o surpreenda, vestida para seduzir.

Mas, agora, não é mais possível supor qualquer inocência, qualquer ingenuidade. Pode-se fingir que nada aconteceu, mas, atribuindo-lhe uma ingenuidade de faz de conta, o chiste se tornará definitivamente tendencioso³². Não, dirá Freud, *não tenho esse direito*³³. Relutante, recolhe (inibe) o gesto, a mão estendida frente à porta fechada, renuncia ao gozo, faz valer seu desejo de não desvelar, e se dirige à sala de jantar. Vai buscar um chiste de sabor menos picante, mais doce, mais envolvente.

A sobremesa é um *roulard*, um rocambole, um-prato que exige - e ele não deixa de notar - uma certa habilidade da cozinheira. Enquanto o saboreia, escuta um dos convidados perguntar ao dono da casa:

— *Feito em casa?*

— *Com certeza! É um home-roulard [Home-Rule]!*

Thrift, thrift, Horatio! Faça-se a economia. É a regra da casa. Não se trata (ao menos para esta paróquia), de um chiste mais "barato" (como diz Freud, assim entre aspas, dos trocadilhos), trata-se de um *chiste a cobrar*³⁴. O trabalho do chiste produz um *socius*; faz política, aproveitando a ocasião de adular a cozinheira, mas *a ocasião é a do a propósito, adapta-se à audiência e à situação*³⁵, o que coloca em jogo um fator imprescindível em qualquer trabalho com o chiste: a questão do momento oportuno, da atualidade {*Aktualität*}.

³² Lacan observa que, também no caso do ingênuo infantil, basta supor que a ingenuidade não seja completa para que o chiste se torne tendencioso. Isso o leva a perguntar até que ponto o ingênuo é intersubjetivo, partindo do princípio de que a ingenuidade é **atribuída** à criança por nós. Cf. *A relação de objeto, O Seminário, livro 4*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, pp. 301-2.

³³ *de dizer que esse chiste é desprovido de tendências.* (*El chiste*, op. cit., p. 89)

³⁴ Como diz meu tio, João Batista Torres Veras, sobre esses chistes que marcam um gol, e que o goleiro, aturdido, só percebe depois que a galera levantou. A cobrança aqui é outra, mas a expressão é magnífica. Cf. *Penso, logo é chiste!*, Fortaleza: New Print, 1996, p. 6.

³⁵ Verdadeiro trabalho de uma sofística do inconsciente. Cf. W.K.C. Guthrie, *The Sophists*, Cambridge University Press, 1979, p. 272.

Há alguns chistes, observa Freud, que podem ter um interesse perene (como os chistes que a escrita poética eterniza³⁶), mas de modo algum se pode atribuir o prazer que provocam ao *redescobrimto do já sabido*³⁷, como o queria Gross. Mesmo nesses casos, é preciso que se atribua a esse *já sabido a propriedade do fresco, do recente e não tocado pelo esquecimento*; assim como acontece com o sonho, *que tem uma predileção pelo recente*³⁸. O chiste é então sempre atual, mas avesso à celebridade, só vale para a estação em que é lançado, como a moda³⁹, mas sempre, ao mesmo tempo, sofisticada e popular, feita sob medida e *prêt-à-porter*. Talvez esses chistes de época, que saíram de cartaz, só se prestem mesmo para *remakes*, exigindo as glosas que lhes tiram o sabor. Talvez eu devesse procurar um rocambole caseiro, desses que *andam nas cabeças, andam nas bocas*, mas preciso desse *home-roulard*, porque aqui Freud não se pergunta pela técnica, mas por um outro fator, *por certo*, afirma então, *o mais importante*.

Voltemos à sala de jantar. Vislumbra-se nesse tempo para compreender um momento de concluir. *Escutar esse chiste improvisado agradou os presentes - eu mesmo me recordo muito bem - e nos fez rir*⁴⁰. Com essa escuta, Freud traz o ouvinte {*Hörer*}. Nesse caso, de um chiste assim, inocente, o prazer não pode ter origem na tendência, portanto, só resta uma possibilidade: relacioná-lo com a técnica. São, portanto, os recursos técnicos (técnica lingüística, verbal) que têm a capacidade de provocar o prazer no ouvinte.

Estamos à escuta. E escutar, acomodar nosso ouvir às palavras, *é já ser mais ou menos obedientes a elas*. Freud não permite que o conteúdo do pensamento, significações, sentidos, sobreponham-se à materialidade lingüística. *Obedece, e obedecer não é outra coisa*, diz Lacan, *é ir ao*

³⁶ Essa *eternização*, diz Lacan, deve-se ao fato de que essa escrita se caracteriza por uma concatenação particularmente bem feita da matéria da linguagem {*Sprachmaterial*}, permitindo que possamos *ainda e, provavelmente, indefinidamente*, dar-lhe, *até o fim dos séculos, sentidos plausíveis* (Cf. *Les formations de l'inconscient*, lição de 20 de novembro de 1957 (inédito)).

³⁷ Cf. parte I deste trabalho.

³⁸ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 119.

³⁹ A relação do chiste com a moda, em relação à brevidade de seu tempo, é proposta por Mauro Mendes Dias em *Psicanálise, Moda e Tempo*, 1994, mimeo.

⁴⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 89 (grifos meus).

encontro, numa audição⁴¹. Levantada e isolada a inibição, Freud nos tem agora numa disposição especial. É então que enuncia:

Desta maneira tão simples, obtemos a segunda tese para o esclarecimento do chiste; a primeira dizia (p.19) que o caráter do chiste depende da forma da expressão. Mas reparemos que esta segunda tese, na verdade, não nos ensinou nada de novo. Só isola o que já estava contido em uma experiência que fizemos antes.⁴²

Trata-se, enfim, de uma *segunda tese*. Mas onde está a primeira? Ele indica a página, e volto atrás para poder lê-la (aqui mesmo neste trabalho, na página 71). Posso dizer que a segunda é uma repetição da primeira, mas eliminando seu caráter hipotético: é a forma(ção) que faz rir, que produz prazer.

De uma tese para outra, tudo não parece passar de uma repetição do mesmo. Enfim, a primeira tese já estaria dada e a segunda viria apenas re-presentá-la para nós: lendo o que já estava escrito. Mas não se trata de uma repetição do mesmo, e Lacan me permite dizê-lo ainda de outro modo:

[A] segunda [tese] não completa a primeira para fazer duas, mas, sim, repete a primeira para permitir que ela [a primeira] exista. É preciso que a segunda constitua a primeira que ainda não surgiu antes que a segunda apareça.⁴³

Enfim, a segunda é causa da primeira.

⁴¹ Só na letra é possível acordar o espírito que dorme: *ob* = na direção de; *audire* = ouvir, *obey*. Eis o trecho de Lacan a que me refiro: *A participação do ouvinte do discurso com aquele que é seu emissor é absolutamente permanente, ou seja, há um vínculo entre o ouvir e o falar que não é simplesmente externo, no sentido de que nos ouvimos falar, mas que se situa no próprio nível do fenômeno da linguagem, no nível em que o significante acarreta a significação; o ouvir e o falar estão nesse nível, e não no nível do fenômeno em que são como o direito e o avesso. Escutar as falas, acomodar seu ouvir a elas, é já ser mais ou menos obediente a elas.... Cf. As Psicoses, Seminário III, op. cit., p. 159.*

⁴² S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 90 (grifos meus).

⁴³ J. Lacan, "Da estrutura como intromistura de uma alteridade, anterior a qualquer que seja o sujeito", in R. Macksey e E. Donato, *A controvérsia estruturalista*, São Paulo: Cultrix, 1976, p. 203.

Se a primeira tese só faz sua *aparição* em cena citada, constatada, declarada, escrita; é a segunda que, repetindo-a, lendo-a, vem atestar que essa primeira se terá dado (e temos aqui, mais uma vez, o futuro anterior), e é desse modo que ela *chega a seu destino* (que é, como diz Lacan na *Abertura de seus Escritos, sua destinação*): vemos nela o que Lacan chamou de uma *asserção de certeza antecipada*⁴⁴, como se Freud, numa Kück, a tivesse *visto de um só golpe*, com a mera leitura do que *se diz* (dizeres de Heymans e Lipps) sobre um único chiste, o do *famillionär* (e antes mesmo de verificar sua técnica: a condensação com formação substitutiva). Volto atrás uma página.

Em uma parte do *Reisebilder*, de Heine, intitulada "*Die Bäder von Lucca*", o vendedor de bilhetes de loteria, Hirsch-Hyacinth *vangloria-se ante o poeta de suas relações com o rico barão de Rothschild, dizendo, por fim*:

— *E assim, verdadeiramente, senhor Doutor, quis Deus conceder-me toda a Sua graça. Sentei-me ao lado de Salomon Rothschild, e ele me tratou como a um dos seus, de um modo completamente familiar {famillionär}!*⁴⁵

O que faz desse dito um chiste? Freud se pergunta. Das duas uma: ou o chistoso está no sentido, no pensamento que se expressa nessa frase, ou adere à expressão que o sentido achou na frase. No primeiro caso, trata-se de um sentido que pode encontrar diversas formas de expressão; o mesmo dito de diversas maneiras. Esse *mesmo* poderia também ser dito assim: Heine quer dizer-nos que Hyacinth foi tratado de modo completamente *familiar*, mas, do modo como o faz um *milionário*, ou seja, essa condescendência tem algo de incômodo para quem a experimenta. Ora, essa versão do chiste (proposta por Lipps), fiel ao sentido, não faz rir; pelo contrário, encerra nela uma certa amargura, até mesmo um desprazer. A conclusão se impõe de imediato: se dizer de outro modo não faz rir, então, eis a certeza antecipada de Freud, nomeada por Lacan *instante de ver*: o que faz rir é o próprio dizer, sua forma, seu texto.

⁴⁴ J. Lacan, "O tempo lógico", in *Escritos*, op. cit., pp. 197-213.

⁴⁵ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 18. Esse chiste é retomado nas páginas 134-6, quando terá analisadas suas condições subjetivas.

Esse *instante* tem o valor *instantâneo de sua evidência* (dado que o chistoso não está no sentido; está na forma). Freud age, antecipa-se à sua certeza, e se precipita em direção a tal conclusão. Essa seria o que Lacan chamou de *a solução perfeita* para o sofisma⁴⁶ (vê, compreende e conclui - na dimensão da sincronia), mas a coisa não se encerra aí, porque é preciso contar outras instâncias do tempo: as paradas (dúvidas, hesitações) ou *moções suspensas*, determinadas pelo próprio processo lógico. Enquanto analisa a técnica dos chistes, por diversas vezes, Freud pára, hesita: *será que este é um chiste? Não seria somente uma história cômica?* Acontece que esses atos (suspensivos) *só desempenham esse papel após a conclusão do processo*⁴⁷ (afinal, volta-se atrás para ler), assim, faz-se necessário restabelecer a sucessão dos tempos (dos chistes), tomando a própria sucessão como acontecimento, reconhecendo-lhe um percurso, ele próprio determinado pelo modo de objetivação desses tempos. O sofisma só se resolve, diz Porge, se todas as etapas de raciocínio forem, de cada vez, percorridas.

Aqui é preciso cautela. Será que o que estou dizendo é que, afinal, tudo o que Freud tinha a dizer sobre o prazer do chiste já estava escrito antes (da segunda tese)? Que ele já sabia? Que todas as análises de chistes que fez em seguida à tal primeira tese tinham um caráter de demonstração daquela verdade? Digo que não. Digo também que, no momento, não é possível fazer a prova dessa resposta. Por enquanto, vamos devagar, voltemos ao texto da segunda tese.

2.2. um tempo para compreender o instante de ver

Mas reparemos que esta segunda tese, na verdade, não nos ensinou nada de novo. Só isola o que estava contido numa experiência que fizemos

⁴⁶ Erik Porge observa que, embora Lacan encontre uma solução para o problema lógico, continua a chamá-lo de *sofisma*. Mantém esse nome porque o sofisma implica, para ser solucionado, que o ouvinte nele se envolva e o retome por sua conta (tal como os chistes forçaram Freud a se envolver). (Cf. *Psicanálise e tempo*, op. cit., cap. III, pp. 36-7).

⁴⁷ J. Lacan, "O tempo lógico", in *Escritos*, op. cit., p.201. Porge chama a atenção para o fato de que, entre as modificações que Lacan traz ao texto do Tempo Lógico (versão 1945) para inseri-lo entre os *Escritos*, em 1966, está a substituição da expressão *progresso lógico* por *processo lógico*, acentuando seu aspecto sincrônico, assim como seus efeitos retroativos. Cf. *Psicanálise e tempo*, op. cit., cap. VI, pp. 95-102.

antes. Nada de novo (a não ser que se considere novo esse *nada*, que escapuliu entre os dois momentos de iluminação). Mas *agora* (por ocasião dessa segunda tese) é preciso levar em conta essa experiência, experiência que inclui outros⁴⁸ em seu percurso, e que toma um certo tempo, obrigando, em determinados momentos, a voltar atrás, porque não sabemos mais localizar quem fala, que falas somos chamados a escutar.

Em seguida ao anúncio da primeira tese, Freud dirá: *Não nos falta senão estudar a particularidade desse modo de expressão para compreender o que se pode designar como a técnica [...] desse chiste [do milionário], pois tanto seu caráter quanto seu efeito desaparecem, se substituirmos aquele modo por outro*. Assim, o que se transmite e o modo de transmissão não podem ser separados.

De que experiência se trata? Da experiência com os sonhos, que foi de onde Freud partiu, mas, a primeira coisa que salta aos olhos é a experiência do experimento, da aplicação, a cada chiste, do processo de redução {*Reduktionsverfahren*}: conduzir uma coisa a seus elementos mais simples, decompô-la, analisá-la. Para expressar o pensamento contido nesse chiste, Freud sente que é necessário *agregar* outro elementos:

1. *R. me tratou como um dos seus, de modo inteiramente familiar*
2. *ou seja, como o faz um milionário*
3. *R. me tratou como um dos seus, de um modo milionário*

E assinala que foi isso mesmo que tentaram Heymans e Lipps. No chiste, diz Freud, a restrição contida na frase 2 desaparece, mas deixando um substituto, a partir do qual ele pôde reconstruí-la: a *palavra neoformada* {*familonär*} [...] *sub-roga o elemento Millionär, da segunda frase e, portanto, toda ela, habilitando-nos, assim, a coligir essa segunda frase omitida com o texto do chiste*⁴⁹.

Como explicar, segundo que regras gramaticais, esse colapso que faz surgir o milionário? Que sintaxe é essa que sai da linha (aparente), fazendo com que o pobre Hyacinth, querendo se vangloriar, acabe representando o bufão? Freud pede então que suponhamos que *uma força*

⁴⁸ O leitor, por exemplo, a quem Freud conta os chistes; o próprio Freud, na posição de observador, na posição daquele que testemunha com seu riso que um chiste terá se dado, daquele que "chama de chiste" aquilo que o fez rir, daquele que é forçado por seu objeto.

⁴⁹ S. Freud, *El chiste*, op. cit., 20.

compressora se aplica sobre as frases 1 e 2, e que a primeira, menos resistente {*resistent*}, desaparece, enquanto a segunda, em que aparece o *Millionär*, capaz de se rebelar contra essa repressão {*Unterdrückung*}, funde-se à primeira, através do elemento desta que lhe é semelhante, o *familiär*, favorecendo o *sepultamento* dos restos da fusão (*mili* e *är*)⁵⁰.

O que Freud tentou fazer com o chiste do milionário foi reduzi-lo, tentando anular o processo de condensação, acrescentando de volta os restos que se teriam perdido no processo de sua formação. Ora, a versão reduzida não causa prazer e não faz rir. Freud sugere agora, partindo de uma redução, produzir uma condensação.

"Viajei tête-à-tête com ele"⁵¹. A-única redução possível desse chiste, diz Freud, seria: "Viajei tête à tête com X" e "X é uma bête (besta)". Mas nenhuma dessas proposições é chistosa. Tenta, então, condensá-las numa única: "Viajei tête à tête com a bête (besta) do X". Mas essa frase revela-se, na verdade, injuriosa, não possuindo nenhum espírito. No chiste, a tendência agressiva, embora não se perca, uma vez que lhe é constitutiva⁵², é sempre desviada. Assim, não é qualquer condensação que faz rir. E Freud conclui: o chiste não se fabrica {*stellt sich her*} senão a partir do momento em que a expressão "bête" é deixada de lado, e se encontra um substituto graças à transformação do "t", de um dos dois "tête", em "b"; modificação mínima, graças à qual o elemento "bête", inicialmente reprimido {*unterdrückt*}, encontra-se de novo expresso⁵³.

O processo de que se trata no chiste, Freud diz em seguida, é um *processo particular*, um *processo psíquico*⁵⁴ que exige, além do mais, uma participação subjetiva para que seu trabalho se complete. Ora, o *sujeito* que o experimenta não é, então, um sujeito já constituído, cujo *querer dizer* produziria o chiste. Trata-se de uma subjetividade condicionada, autorizada pelo trabalho do chiste; uma subjetividade nascente com o processo, uma subjetividade em seu vir-a-ser e, portanto, ainda não nascida. Assim, o

⁵⁰ Idem, p. 21.

⁵¹ Idem, p. 26.

⁵² Lembro que são as tendências do chiste (hostis, obscenas, cínicas e céticas) que Freud **desvia**, durante todo o primeiro capítulo, "conformando" seu próprio texto às exigências do chiste. Lacan chama a atenção para o fato de que a própria metáfora tem origem numa dimensão de injúria (Cf. "A metáfora do sujeito", in *Escritos*, op. cit., pp. 903-7 (p. 905).

⁵³ Idem, *ibidem* (grifos meus).

⁵⁴ Idem, p. 29.

experimento da condensação dado pela consciência, no processo de redução, não serve de medida. A condensação do chiste não se confunde com um poder de síntese operado por um indivíduo. Trata-se, insiste Freud, de processos inconscientes, estruturados, e que, segundo Lacan, *recobrem, de maneira exaustiva o que a análise lingüística permite determinar como sendo os modos de formação essenciais do sentido, enquanto esse sentido é engendrado pelas combinações de significantes*⁵⁵. A noção de significante permite, continua Lacan, *tomar a linguagem ao nível de um certo registro elementar, nomeado cadeia (estrutura)*. É justamente aí, diz Lacan, nas formações do inconsciente, que Freud nos mostra que os efeitos de engendramento de sentidos *não são senão o ponto-de-junção do campo da lingüística com o campo próprio da análise*⁵⁶. A fabricação do chiste, falando em termos lacanianos, *liga-se à combinação significante (a que Freud se referiu sempre como texto, literalidade, matéria lingüística, etc.), a toda a economia do que está registrado no inconsciente; e isso pode levar-nos longe, até às leis estruturantes primordiais da linguagem*⁵⁷, porque, *se há algo que a experiência freudiana nos traz é que somos determinados por essas leis estruturantes [...], reassumidas por uma certa escuta do outro, por um modo de homologar ao nível de um valor significante próprio*⁵⁸.

Podemos dizer então, com Lacan, que aquele que homologa o chiste deve ser um *vivente real, que escuta e entende a língua*, e deve possuir *um estoque* de usos, empregos, locuções, provérbios, etc., *em estado de desconexão*, permitindo trocas, condensações e deslocamentos⁵⁹. Esses materiais estocados, restos que constituem o que Lacan nomeou depois *lalangue*, são tomados como elementos isolados de seu valor de código, dos sentidos do dicionário, verdadeiros *ready-mades*, que Freud já distinguira no livro dos sonhos, *tratados como matéria-prima, fragmentados, levemente modificados, mas, sobretudo, arrancados de seu contexto*⁶⁰.

⁵⁵ J. Lacan, *Les Formations de l'inconscient*, lição de 20 de novembro de 1957 (inédito).

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Que Lacan nomeará, a partir do trabalho de Jakobson, funções metafóricas e metonímicas. Cf. *Les Formations de l'inconscient*, Seminário V, lições de 13 e 20 de novembro de 1957 (inédito).

⁵⁸ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 27 de novembro de 1957 (inédito).

⁵⁹ Idem, lição de 11 de dezembro de 1957.

⁶⁰ S. Freud, *La interpretación de los sueños*, op. cit., p. 199.

A análise desse chiste do *tête-à-bête* merece um comentário especial. Na montagem da primeira taxonomia (parte 4), Freud distingue os chistes de duplo sentido com alusão (caso do chiste do *Vol de l'aigle*, em que a condensação não deixa restos, parecendo tornar supérflua a substituição). Na parte 11, aparecem chistes por alusão (entre os quais *tête-à-bête* reaparece), mas que não apresentam duplo sentido (do tipo *vol* = *vôo* e *roubo*). Freud observa que, aparentemente, o nexos utilizado para que entre em jogo a substituição é a assonância, uma relação de semelhança entre palavras: *tête* / *bête*, mas, levando em conta esses chistes da parte 11, afirma que, nesses casos, *não se trata da assonância entre duas palavras, mas entre frases inteiras, entre conexões características de palavras*⁶¹ (segundo Lacan, entre *cadeias*). Freud toma então, entre outros exemplos, um chiste de Lichtenberg: *Neue Bäder heilen gut* (Banhos novos curam bem), *que nos traz imediatamente o provérbio Neue Besen kehren gut* (Vassouras novas varrem bem), frase com a qual tem em comum, além da primeira e última palavras {*Neue, gut*} e a primeira sílaba da segunda {*Bä-, Be-*}, toda a estrutura da frase⁶² {*adj / subs / verbo / adv*}. O provérbio ressoa por trás do chiste, permitindo-nos ouvir o timbre, materializado, como diz Cláudia de Lemos, no jogo de espelhos dessa sintaxe⁶³. Retomando o chiste do *tête-à-bête*, a partir do trabalho de De Lemos⁶⁴ sobre os processos metafóricos e metonímicos, podemos dizer que o elemento substituído - *tête* - não desaparece, e vai deixar vestígios de sua presença latente - na cadeia *tête-à-tête* - como posição na qual está inscrito. Essa presença latente é a condição para que *tête-à-bête* nos traga, como diz Freud, *imediatamente*,

⁶¹ S. Freud, *El chiste*, op. cit., pp.72-3.

⁶² Idem, p. 72.

⁶³ Cf. "A sintaxe no espelho", in *Cadernos de estudos lingüísticos*, n. 10, Campinas: Unicamp, 1986, pp. 5-15.

⁶⁴ Retomando os trabalhos de Jakobson e Saussure, a partir de sua reelaboração por Lacan, Cláudia de Lemos opõe aos processos reorganizacionais de desenvolvimento da linguagem (reorganizações sucessivas de estados de conhecimento da língua pela criança), os processos metafóricos e metonímicos, enquanto mecanismos *descritivos* e *explicativos* dos ciclos dessas reorganizações representados pelas teorias interacionistas na Curva-em-U (ciclos de acertos, erros e acertos finais), exigindo que nela se inclua *uma outra empiria*, que dê conta da estruturação da criança como falante. *Na relação do falante com sua língua materna, não há como eliminar nem a fala do outro e seu efeito, nem o movimento da língua e seu efeito tanto de estabilização quanto de ruptura e estranhamento*. Cf. "Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna", mimeo (trab. apres. em *The Trento lectures and workshop on metaphor and analogy*. Istituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica, Trento, 18-21 de junho de 1997).

tête-à-tête, como suporte do elemento que o substituiu⁶⁵; ele transparece, fazendo-nos ouvir, sob *tête-à-bête*, o andamento (umoroso) da língua.

primeira escansão suspensiva

Quando dá início à análise dos chistes por deslocamento, Freud encontra uma dificuldade. Esses chistes de fachada lógica dependem principalmente da tendência e, como mostramos no capítulo anterior, exigem, de forma inquestionável, que Freud se submeta a seu trabalho, que neles se envolva. São chistes irreduzíveis (também a quaisquer dos grupos propostos na primeira tentativa taxonômica), só podem ser repetidos, exigindo que se refaça, para cada um, o seu percurso.

Levando adiante essas análises, Freud acaba por repetir, no seu próprio texto, aquilo que o chiste lhe impõe, e que faz com que seu trabalho de teorização se desloque para lhe dar lugar. E o que essa experiência exige é *ter passado por ela, ter se submetido a ela*⁶⁶. Trata-se agora de uma experiência que o ultrapassa, obrigando-o a acolher essa alteridade na própria teoria, a fazer de seu texto uma vestimenta chistosa, para o que terá sido uma teoria do chiste.

Mas essa "experiência do chiste" também pode ser dita segundo as leis do significante, pelo *chiste da experiência*⁶⁷, a que Freud retorna, logo após a análise desses chistes denominados *falácias sofisticas*: *A experiência {Erfahrung} consiste em que se experimenta {erfährt} o que não se deseja experimentar {erfahren}*⁶⁸. Um chiste mais fino, diz Freud, mais eficaz, *em que a "experiência" se descreve por sua própria formulação textual*. Trata-se de uma unificação {*Unifizierung*}, em que a palavra é definida pela própria matéria de linguagem {*Sprachmaterial*} que a nomeia. Freud vai retomá-lo pouco antes de enunciar a segunda tese: *definir a experiência quase exclusivamente pelo emprego da palavra "experimentar" nos engana de tal*

⁶⁵ C. de Lemos, "Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio", in *Substratum*, v. 1, n. 1, 1992, pp. 121-135.

⁶⁶ Cf. J. Lacan, "Conférence à Genève sur le symptôme", in *Bulletin de l'association freudienne internationale*, Paris, 1975, pp. 3-12 (p.5). Lacan fala da dificuldade em obedecer à regra freudiana de tratar cada caso como se fosse o primeiro. É que, afirma Lacan, o *próprio da experiência é, evidentemente, preparar uma casuística*.

⁶⁷ (antiga nota 33, agora no início desta parte)

⁶⁸ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 63.

*modo que*⁶⁹[...] *cremos ter escutado uma verdade nova e passa-se um segundo antes que reconhecamos aí o disfarce do lugar comum*⁷⁰.

Quem é que experimenta o que não deseja experimentar? Que experiência se descreve, entre uma tese e outra, por sua própria formulação textual? Freud só podia nos fazer acompanhá-lo em seu percurso não transformando seu saber em conhecimento, mas deixando emergir essa *verdade* (não toda, porque não pode ser dita de uma vez por todas) do inconsciente. Se não há *experiência* sem risco, ela vem sempre pela primeira vez, contando o tempo que Freud leva para compreender, para apreender o alcance de sua certeza antecipada, o alcance de sua intuição inaugural.

segunda escansão

No final do capítulo das técnicas, analisando o último chiste da lista, Freud pára e *admite uma incerteza que questiona as bases de [sua] indagação*: acumulam-se exemplos já analisados, a respeito dos quais não consegue decidir, não consegue identificar se são ou não verdadeiros chistes. A incerteza chega a seu ápice quando toma um chiste/símile de Heine, que vai forçá-lo a decidir, de uma vez por todas, que são os recursos técnicos do trabalho do chiste que produzem o prazer. (Entretanto, essa certeza foi obtida deixando de lado — *para simplificar e obter mais transparência*⁷¹ — as tendências dos chistes). Mas os chistes tendenciosos não podem ser deixados de lado nessa indagação sobre o prazer que eles provocam, exatamente porque são aqueles que mais impressionaram Freud (como ele diz na introdução do livro), que o fizeram rir com mais ganas. Assim, sacudido pelo riso, Freud irá, em seguida, analisar esses chistes.

2.3. o momento de concluir o tempo para compreender

O momento de concluir é o momento necessário para fechar o tempo para compreender e demarcar a certeza de um ponto de parada. No tempo nomeado instante de ver, Freud vislumbrou uma lingüística, quando A

⁶⁹ Idem, p. 88 (grifo meu).

⁷⁰ Id., p. 87.

⁷¹ Id., p. 91.

Lingüística ainda não existia, enunciando as leis do inconsciente, discernindo, no trabalho do chiste e do sonho, numa outra cena, uma estrutura de linguagem.

Como teria Freud reparado nela, pergunta-se Lacan⁷², uma vez que essa estrutura, por Ferdinand de Saussure, só depois foi articulada? Se ela recobre seus próprios termos, só faz ser mais espantoso que Freud a tenha antecipado. Mas, onde foi que ele a descobriu? Num fluxo significativo cujo mistério consiste em que o sujeito não sabe sequer fingir que é seu organizador.

A segunda tese, que *nada ensinou, e apenas isola o que já estava contido em uma experiência* feita antes, permite-me formular o que a sua teorização tem de agudeza. Nesse *isola*, corta, Freud discerne, na experiência do chiste, esse sentido *Absenz*, sincopado, em que se surpreende um sujeito, como falta-a-ser (como diz Lacan) e de que brota o riso. Um sentido que passa fora (na leitura lacaniana, *ab-sens*) do jogo do sentido/não sentido, fora do jogo da significação. O paradoxal dessa teorização é que nenhuma das análises de Freud *isola*⁷³, de fato, nessa experiência do nada, do vazio, um saber do chiste que se torne consciente e se transmita, a chistidade do chiste. Esse momento de concluir fecha o tempo para compreender que a experiência freudiana articula, pela via do sofisma, a impossibilidade de um tratamento do chiste que não considere suas relações com o inconsciente.

3. Um tempo a propósito

O trabalho que trago a seguir é uma tentativa de formalização do tempo denominado *futuro anterior*, essa temporalidade do *só depois*, do *nachträglich* freudiano. O autor, Henri Portine, instigado pela análise proposta por Nicolas Beauzée, pela sutileza com que esse autor capta o que Lacan chamou acima de *momento de concluir* - precipitado pelo intervalo que se abre nessa temporalidade - procura um modo de formalizar o que

⁷² J. Lacan, "A direção do tratamento", in *Escritos*, op. cit., p. 629.

⁷³ *Isolar*, em Química, é obter uma substância pura, de forma não combinada; do latim *insulātus*, convertido em ilha, separado de qualquer comunicação, livre de contágio, posto de quarentena; que não conduz eletricidade nem calor, que não ressoa.

chamou de *incomensuralidade dos data temporais* que encontra no futuro anterior. Na sua tentativa de formalização, como ele mesmo reconhece, o intervalo permanece irreduzível. Para mim, entretanto, o que importa trazer aqui é o gesto do intérprete, deparando-se com a impossibilidade de encontrar, na significação construída, recorrendo ao tempo gramatical considerado, qualquer medida para os dois instantes dados.

Henri Portine⁷⁴ retoma a análise proposta por Nicolas Beauzée na *Grammaire Générale*, para explicitar de que modo as análises desse filósofo tratam as inscrições do tempo nas estratégias discursivas. Sua primeira precaução é, ouvindo Beauzée, não confundir o tempo, tal como se manifesta nas análises do filósofo (*o mais distanciado das opiniões correntes e o mais abstrato*⁷⁵), e o tempo de nossos relógios (*marcado pela inelutabilidade da morte*).

Para Portine, a visada de Beauzée parece sustentar-se numa concepção subjacente geometrizante⁷⁶. Toma, então, como ponto de partida a noção de *flecha do tempo*⁷⁷, que permite recorrer a um eixo, como um conjunto de pontos discretos ou contínuos, representando geometricamente o tempo e fornecendo uma possibilidade de correlação entre os pontos. O interesse de Portine é trabalhar com mais de um eixo temporal, construindo um referencial que permita, justamente, pôr em evidência ao menos dois instantes que não estão em correlação.

O recurso a sistemas poliaxiais, entretanto, não é o novo que Portine traz para este trabalho. Meu interesse em sua proposta prende-se às suas tentativas de análise, seguidas de suas hesitações e dúvidas, e a seu modo de lidar com o trabalho de Beauzée, evitando, até o fim, eliminar sua diferença em proveito de uma formalização.

⁷⁴ Henri Portine, "Beauzée et le futur antérieur: les axes du temps", in *Histoire Epistémologie Langage*, n. 18, 1996, pp. 7-27.

⁷⁵ Beauzée, *Grammaire Générale*, introdução, apud Portine, op.cit., p. 8.

⁷⁶ Essa concepção, segundo Portine, teria sido responsável pelas dificuldades de abordagem da proposta de Beauzée para a análise dos tempos verbais. O autor indica, entre outros, os trabalhos de P. Swiggers (1986), S. Auroux (1985-6), M. Wilmet (1994).

⁷⁷ Proposta por A. Eddington, em 1929.

Dentre os esquemas propostos e recenseados por ele, está, por exemplo, o esquema de W.E. Bull⁷⁸, aqui retomado para tornar evidente a diferença que Portine tão bem discerniu na análise de Beauzée:

E = evento
 PP= ponto presente
 PR= ponto retrospectivo
 PA= ponto antecipado
 PRA= ponto retrospectivo antecipado

Enquanto eixos, cada um desses pontos define um triplete < -V, oV, +V> a que o autor associa < terminado, momento atual, porvir >. As inter-relações entre os eixos são escritas como "<", que se lê "anterior a".

Temos, então:

(ponto presente) **PP < PA** (ponto antecipado)
 (ponto retrospectivo) **PR < PP** (ponto presente)
 (ponto retrospectivo) **PR < PRA** (ponto retrospectivo antecipado)

Nesse esquema, o *futuro anterior* se encontraria, de acordo com a aplicação de A. Klum⁷⁹ ao Francês, em E (PA -V). O problema, segundo Portine, está na relação entre o evento atual E (PP oV), também chamado To, e o futuro anterior.

⁷⁸ W.E.Bull, *Time, tense and the verb: a study in theoretical and applied linguistics, with particular attention to Spanish*, Berkeley: University of California Press, 1960, apud H. Portine, op. cit. pp. 10-11.

⁷⁹ A. Klum, *Verb et adverb*, Stockholm, Almqvist & Wiksell, 1961, apud Portine, op. cit. pp. 11-12. Portine remete, ainda, a outras análises (S. Kripke, A. Culioli, P-F Cintas, por exemplo), mas considera que somente a representação proposta por Bull e retomada por Klum permitem uma aproximação à análise proposta por Beauzée.

Se $E(PP\ oV) < E(PA\ oV)$
 e $E(PA\ -V) < E(PA\ oV)$,
 então, nenhuma dedução é possível.

Ou seja, nada se pode dizer da relação entre To e o *futuro anterior*. Na verdade, o aspecto geométrico encontra-se apagado, na aplicação proposta por Klum, nada dizendo das propriedades do *futuro anterior*.

Portine analisa, então, um fragmento do artigo de Beauzée, presente na *Encyclopédie*⁸⁰. Retomo o fragmento na íntegra por dois motivos: em primeiro lugar, para poder acompanhar passo a passo os pontos discutidos por Portine; num segundo momento, para destacar nele os pontos que interessam para este trabalho.

Um outro erro desse escritor célebre [Lancelot] é crer que *caenavero* (terei ceado) marque minha ação de *cear* como **futura em si**, e como **passada**, em vista de uma outra coisa que viria a seguir⁸¹. *Caenavero* não exprime absolutamente senão a segunda dessas duas relações e, **longe de exprimir a primeira, sequer a supõe**. Eis aqui a prova, num arrazoado de um autor que não se poderá acusar de escrever mal, ou de não sentir a força dos termos de nossa língua: M. Pluche.

"Se a tumba, diz Pluche (*Spectacle de la nature, disc. prélim. du tom. VIII, pas. 8 & 9*), é para ele (o homem) o fim de tudo; o gênero humano se divide em duas partes, das quais uma escapa impunemente ao crime, e a outra se prende de modo infrutífero à virtude... Os voluptuosos e os velhacos... serão assim os únicos com a cabeça no lugar ("têtes bien montées") e o Criador, que introduziu tanta ordem no mundo corpóreo, não TERÁ ESTABELECIDO nem regra nem justiça na natureza inteligente, mesmo após ter-lhe inspirado uma tão alta idéia da regra e da justiça".

⁸⁰ *Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers para une société de gens de lettres, mis en ordre et publié par Mr***, Tomo 16*. A Neufchâtel, Chez Samuel Faulche, 1765 [Reedição: Stuttgart-Bad Cannstatt, F. Frommann, 1967], apud Portine, op. cit. p. 14.

⁸¹ Beauzée contesta aqui, segundo indicação de Portine, o fato de Lancelot ter considerado o *futuro anterior* como indicando, ao mesmo tempo, uma ação futura **em si** e uma ação passada em relação a uma outra ação que é futura (Arnauld e Lancelot, (1660) *Grammaire générale et raisonnée*, Paris: Paulet, 1969, cap. 15 (os grifos no texto de Beauzée são meus).

Desde o começo desse discurso, encontra-se uma época posterior, fixada por um fato hipotético: *se a tumba é para o homem o fim de tudo*, ou seja, em termos claramente relativos ao porvir, *se a tumba deve ser para o homem o fim de tudo*: quando se acrescenta, em seguida, que *o Criador não TERÁ ESTABELECIDO nem regra nem justiça*, o que se quer é simplesmente designar a **anterioridade** desse estabelecimento, em vista da época hipotética, e é indubitável que **não se trata aqui de estatuir alguma coisa sobre os atos futuros do Criador, mas de concluir**, a partir de seus atos passados, contra as suposições absurdas que tendem a aniquilar a idéia da Providência. O verbo *terá estabelecido* não exprime, portanto, nenhuma futuridade, e se poderá mesmo dizer que *o Criador não estabeleceu nem regra nem justiça*; o que exclui inteiramente e incontestavelmente a idéia de porvir. Mas preferiu, com razão, o Pretérito Posterior, porque era essencial tornar sensível a ligação dessa consequência com a hipótese da destruição total do homem, que se supõe futura; e nada convém melhor a isso que o Pretérito Posterior, que exprime essencialmente relação a uma época posterior.

Trata-se, então, de uma certeza que é antecipada pelo uso desse tempo verbal. Beauzée aponta a estratégia discursiva de Pluche: com a introdução do pretérito posterior (ou futuro anterior), impõe-se que se tire uma conclusão. De acordo com a proposta de Lacan, podemos dizer que a tensão do tempo se inverte numa tendência ao ato - uma pressão tornada pressa. O ato de concluir surge como uma necessidade temporal interna e esse tempo que ele leva para concluir é ele mesmo parte da conclusão.

Com a ajuda de um eixo, Portine⁸² traduz a análise contestada por Beauzée no início do fragmento. Para Lancelot, no exemplo: *Quando eu tiver ceado, ele entrará*, o cear, que ainda não aconteceu, será passado; enquanto a entrada, que também ainda não aconteceu, será presente. Os três eventos estão ordenados e o *futuro anterior* é futuro em relação ao *agora* da fala.



⁸² H. Portine, op. cit., p. 15.

T^0 , o *agora* do ato de fala

T^1 , *locus* temporal do evento "ação de cear"

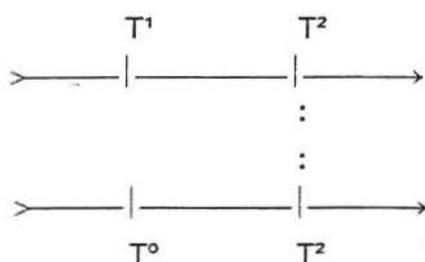
T^2 , *locus* temporal do evento "ação de entrar"

Retomando o exemplo trazido por Beauzée, o fato de a tumba ser o fim de tudo seria representado, no eixo por T^2 , como um fato hipotético futuro; e a ação do Criador, que lhe é anterior, receberia a notação T^1 . Isso nos dá, segundo Portine:



O problema é marcar, nesse eixo, o lugar de T^0 . Portine observa, atendo-se sempre à análise de Beauzée, que o verbo TERÁ ESTABELECIDO não exprime em si nenhum futuro, e descreve uma ação passada em relação a T^0 , mas isso só se sabe, acrescenta, porque sabemos que a criação divina é anterior a todo evento temporal. Ora, é esse saber, afirma Portine, e não o emprego do futuro anterior, que nos dá a chave dessa relação temporal. O *futuro anterior* em si nada nos diz sobre a relação entre T^0 e T^1 .

Atendo-se a essa constatação, Portine apresenta, então, sua proposta de análise: *somos, então, obrigados a recorrer a dois eixos*:



O esquema mostra que se sabe que T^1 é passado em relação a T^2 , e que T^0 é passado em relação a T^2 , mas não se sabe que relação entretêm T^0 e T^1 . Portine nomeia essa ausência de relação lingüística *ausência de correferenciação*. O que Beauzée põe em evidência, conclui Portine, é *um caso de incomensurabilidade. Para dois instantes dados, nenhuma medida pode ser encontrada na significação construída, recorrendo ao tempo gramatical considerado*⁸³. Tal como no sistema de eixos de Bull, é impossível deduzir qualquer ordem que seja.

Portine elenca, então, alguns dos tratamentos dados à análise de Beauzée, tendo em vista dar conta disso que chamou de uma *temporalidade opaca*: S. Auroux⁸⁴, J-C. Couquet⁸⁵ e M. Vilmet⁸⁶.

A tentativa de Auroux é multiplicar os eixos (um eixo para cada instante), buscando reconstituir o movimento da consciência na representação do tempo. Para Portine, considerando que é esse movimento da consciência que faz com que o *futuro anterior* exprima uma anterioridade em relação a um objetivo (daí Beauzée chamar esse tempo não de *futuro anterior*, mas de *pretérito posterior*), a abordagem de Auroux pareceria, antes de tudo, fenomenológica, buscando descrever uma apreensão do tempo *pela* linguagem (ora, para Portine, essa tentativa repousa na crença de que o tempo é algo que se acrescenta à estrutura de modo extrínseco, quando ele é justamente o que constitui a estrutura). Assim, tomando como parâmetro as *Ideen*, de Husserl⁸⁷, Portine acena com a possibilidade de uma articulação entre uma abordagem geometrizante (tal como ele mesmo propõe) e uma abordagem fenomenológica, que buscaria compreender de que modo a objetividade temporal pode se constituir, como propõe Husserl, na consciência subjetiva do tempo.

Partindo da consideração de que os *data* temporais estão ligados ao tempo objetivo, Portine observa que o primeiro *datum* põe em relação o mundo e o tempo objetivo (eventos representados como passados ou

⁸³ Idem, p. 16.

⁸⁴ Portine refere-se ao artigo: "Innovation et système scientifique: Le temps verbal dans la grammaire générale", *Hommage à J-T. Desanti*, Paris: TER, 1991, pp. 55-86.

⁸⁵ "Temporalité et phénoménologie du langage", *Sémiotiques* 5, 1993, pp. 9-29.

⁸⁶ "La famille de Beauzée: l'exemple du verbe", in J. De Clercq e P. Desmet, *Florilegium historiographiae linguisticae*, Louvain: Institut de Linguistique de Louvain, 1994, pp. 247-262.

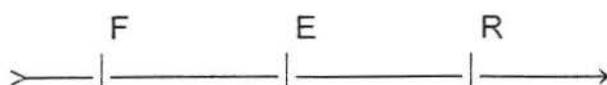
⁸⁷ E. Husserl, *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*, Paris: Presses Universitaires de France, 1964, apud Portine, op.cit. pp. 20-1.

futuros), enquanto o segundo apreende o momento da fala (presente), e repousa sobre a percepção da instantaneidade de T^0 (o momento da fala em perpétuo surgimento). Ora, observa Portine⁸⁸, tempos verbais do tipo *futuro anterior* e *mais-que-perfeito* exigem um terceiro termo que não pode ser um *datum*, e sim, algo que os colocasse em relação, que estabelecesse entre esses tempos uma comparação. Nesses casos, torna-se necessário um modo de determinação do tempo que permita situar os dois *data* temporais num único fluxo, que constituiriam, na verdade, dois fluxos unificados. Essa unificação estaria *ancorada*, segundo Coquet⁸⁹, na *instância enunciante*, que daria lugar ao *tempo subjetivado* e à sua dupla orientação.

Finalmente, Portine retoma o trabalho de Wilmet⁹⁰, para prestar uma homenagem a Beauzée. Wilmet considera que Beauzée anuncia Reichenbach; para Portine, no entanto, a análise de Beauzée tem um alcance muito mais geral que a de Reichenbach⁹¹, aqui brevemente retomada:

E = ponto do evento, equivalente a T^1 ;
 R = ponto de referência, que equivale a T^2 ;
 F = ponto de fala, equivalente a T^0 .

Para o *futuro anterior*, o esquema proposto por Reichenbach é:



⁸⁸ Idem, p. 21.

⁸⁹ Idem, ibidem.

⁹⁰ Idem, p. 22.

⁹¹ H. Reichenbach, *Elements of symbolic logic*, Nova Iorque: The Free Press, 1947, p. 290, apud Portine, op. cit., pp. 22-23.

associado a três fórmulas⁹² que, aparentemente, corresponderiam ao esquema proposto por Portine para dar conta do exemplo analisado por Beauzée:

Estrutura	Nome atual	Nome tradicional
F — E — R		
F, E ——— R	Futuro Anterior	Futuro do Pretérito
E — F — R		

Acontece que as três fórmulas de Reichenbach só dizem que existem três casos que correspondem ao futuro anterior, nada dizendo sobre a relação de T^0 e T^1 . O esquema de Reichenbach não corresponde, então, ao proposto por Portine, e se revela, afinal de contas, um esquema monoaxial. Cada um dos autores tenta expor a sucessão cronológica reduzindo o discurso a uma linearidade.

Considerando o sofisma do tempo lógico de Lacan, essa solução não estaria apta a captar o processo, simplesmente devido ao sincronismo que essas três possibilidades implicam: elas são vistas de um só golpe. Reichenbach não é capaz de captar esse tempo do futuro anterior, permanecendo na tentativa linear, porque, de acordo com o próprio texto de Beauzée, é preciso colocar-se de saída no "só depois". Essa é a perspectiva imposta (*se a tumba é para o homem o fim de tudo... refere-se a um tempo posterior, e o discurso de Pluche começa por aí*). Essa modulação do tempo, segundo Lacan⁹³, introduz a fórmula que se cristaliza nesse discurso como hipótese autêntica: se o fim do homem é a tumba, então... Para que a demora não gere o erro, o sujeito se antecipa à sua certeza, e sua certeza se confirma nessa pressipitação para a conclusão.

A proposta poliaxial de Portine, embora esbarre na incomensurabilidade dos instantes, escapa à linearidade. Vejamos qual seria seu ganho teórico em relação à proposta de Reichenbach. A proposta

⁹² Reichenbach, apud Portine, op. cit., p. 297.

⁹³ J. Lacan, "O tempo lógico", in *Escritos*, op. cit., p. 205.

monoaxial deixa de fora uma propriedade da linguagem apontada por Beauzée: *o poder de nada dizer sobre certas relações, de deixá-las na sombra*, de sequer supô-las⁹⁴. O eixo duplo de Portine, embora não dê conta de *todas as sutilezas da análise de Beauzée*, como ele mesmo constata, permite mostrar com precisão um laço entre formas gramaticais e estratégias discursivas; a inscrição de um uso gramatical numa estratégia discursiva dada, ou, o que ele chamou de uma retórica inscrita na língua (De acordo com Damourette e Pichon⁹⁵, *o que chamamos de tempo dos verbos não exprime uma noção unívoca do tempo (o presente pode designar um fato presente, passado, futuro, intemporal) e se relaciona a procedimentos de enunciação que nada têm a ver com a idéia de uma medida ou de uma adequação às coisas*. A própria gramática, então, segundo esses autores, contraria o tempo unidimensional —cuja única dimensão é a duração — Freud, portanto, inova, quando apresenta sua teoria do só-depois).

A dificuldade desses trabalhos, tomando por base o estudo de Porge⁹⁶, está em que buscam situar os acontecimentos em função do tempo e não tomar o próprio tempo como acontecimento. O tempo lógico tem como conclusão uma certeza antecipada por um ato: o ato de concluir, necessário para que a dedução ocorra.

Volto, então, ao trabalho de Portine, para acompanhar sua reflexão sobre a necessidade da abordagem geométrica. A complexidade do domínio conceitual nomeado *tempo* ou *temporalidade* é determinante, afirma no início de seu trabalho, de uma certa necessidade de associação entre campos do saber os mais diversos, em geral, não associados. Assim, vai buscar captar a *visada* de Beauzée através de um esquema geométrico. Retomo aqui o enunciado de sua proposta:

Essa concepção, de tipo geométrico, será explicitada por meio de formulações atuais. Será necessário, então, atentar para o seguinte fato: uma geometria de espírito cartesiano não se formulava do mesmo modo na época de Beauzée e na nossa.

⁹⁴ Portine chama a atenção para a afirmação de Beauzée sobre o exemplo de Lancelot, em que o futuro anterior exprimiria futuro e passado: ... *não exprime absolutamente senão a segunda dessas duas relações e, longe de exprimir a primeira, sequer a supõe.*

⁹⁵ apud Erik Porge, *Psicanálise e tempo*, op. cit., p. 92.

⁹⁶ Idem, p. 84.

*A formulação que iremos adotar não acarretará distorções porque ela permanece de tipo cartesiano*⁹⁷.

Ora, é justamente permanecendo *de tipo cartesiano*, que sua análise não acarretará a *distorção* necessária. Não é disso que se trata (de não provocar distorções) e o que me parece é que o raciocínio deveria ser o inverso: sua análise correta, que se propõe a não distorcer, não captará, justamente, a distorção apontada por Beauzée. O recurso à geometria não lhe permitirá representar essa incomensurabilidade, que, em suas próprias palavras, *parece enviar "a um intervalo aberto", a "uma falta"*. Finalmente, afirma que seria preciso *um modo de determinação do tempo que permitisse situar os dois data temporais (passado/futuro referenciais do processo e momento da fala) num fluxo único constituído, de fato, por dois fluxos unificados*⁹⁸.

É assim que vejo emergir, nesse trabalho, uma necessidade conceitual: o recurso à topologia. A topologia pode intervir, como afirma Granon-Lafond⁹⁹, do ponto de vista epistemológico, como uma construção auxiliar. Se, como intui Portine, a incomensurabilidade parece enviar a uma fenda, um corte, este só pode obter seu pleno alcance apelando para as superfícies topológicas. Além disso, na topologia, como veremos a seguir, o sujeito (que Wilmet invocou como *instância subjetiva*) está implicado de outro modo - o que os objetos topológicos dizem, diz Porge¹⁰⁰, não está em contradição com sua maneira de dizê-lo, portanto, a topologia permite inscrever o tempo numa lógica do ato.

A banda de Moebius é um objeto topológico (geometria flexível, resiliente) que permite justamente captar esse fluxo unificado (dois em um) de que a geometria poliaxial de Portine não pode dar conta. Essa banda permite captar o problema da transformação contínua, uma vez que contempla questões de vizinhança e fronteiras.

Ao contrário das superfícies euclidianas, que são biláteras, a banda de Moebius é unilátera, não divide o espaço, não tem dentro nem fora. Para

⁹⁷ H. Portine, op. cit., p. 9.

⁹⁸ Idem, p. 21 (grifos meus).

⁹⁹ Jeanne Granon-Lafond, *A topologia de Jacques Lacan*, trad. de Luiz Carlos Miranda e Evany Cardoso, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990, p. 19.

¹⁰⁰ E. Porge, *Psicanálise e tempo*, op. cit., p. 91-2.

construir uma banda de Moebius, basta tomar uma tira de papel, aplicar-lhe uma meia torção e colá-la sobre si mesma (ver figura 1).

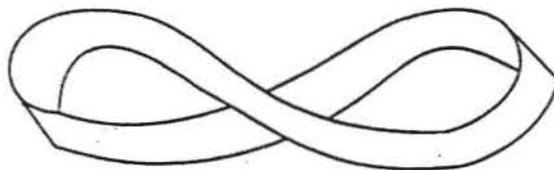


Figura 1

Essa operação tão simples, põe em evidência diversos paradoxos, e subverte¹⁰¹ nosso espaço comum de representação: uma vez que sua apreensão não é imediata, ela exige que se reconstrua seu percurso.

Observa-se, de saída, que o avesso e o direito dessa tira passam a se encontrar em continuidade, um contido no outro (portanto, duas dimensões redutíveis a uma superfície; ou, nas próprias palavras de Portine: *dois fluxos unificados em um único*). Se você seguir a tira com o dedo, após ter dado toda a volta, retornará a seu ponto de partida, e terá passado pelo avesso/direito, sem ter ultrapassado a margem da tira (Observe que, numa banda bilátera, para passar do direito para o avesso e retornar ao ponto de partida, você tem que ultrapassar a margem da tira duas vezes e que, cortando-a ao meio - figura 2 – você obtém duas bandas, cada uma com seu avesso e direito)

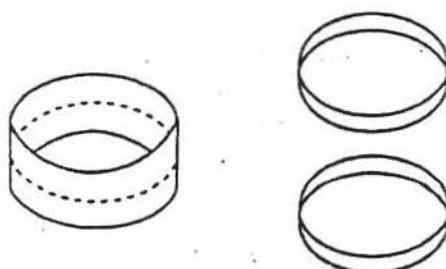


Figura 2

¹⁰¹ Jeanne Granon-Lafond, op. cit., cap. II, p. 25.

A questão que se coloca então é: nesse caso, da banda unilátera, o que diferencia avesso e direito? Se há apenas um lado, como fazer comparecer a dicotomia? Façamos de novo o percurso da banda, desta vez com um lápis, deixando a marca dessa passagem. Percebemos que o que diferencia avesso e direito é apenas o tempo que se leva para fazer o trajeto da banda. Assim, é o tempo, como um contínuo, que vai fazer a diferença entre as duas faces.

Acontece que, deixando-a ao sabor desse tempo sempre fluindo, essa diferença sempre escapa. Se nos imaginarmos percorrendo a banda, reduzidos ao tamanho de uma formiga¹⁰², nossa visão faz sempre superfície e apela a uma terceira dimensão - veremos que o horizonte, o ponto em que a banda revira, é sempre percebido como profundidade, cuja medida é o tempo que se leva para alcançar o ponto de torção. Ora, esse ponto nunca é atingido, porque sempre vai se apresentar como profundidade.

Um modo de tornar sensível esse paradoxo é fazer com que, num instante qualquer desse percurso (traçando-o com um lápis, por exemplo), você perfure a tira, atravessando-a. Nesse instante, em que você pára e perfura, o que se tem são justamente seus dois lados: avesso e direito. A dicotomia é, então, literalmente, o corte em dois¹⁰³, mas um corte que não separa duas partes, destacando-as uma da outra, como vimos na figura 2. Cortar a banda no sentido longitudinal (basta seguir com o lápis, fazendo, agora, do risco, um corte) torna a banda bilátera, ou seja, ela passa a ter avesso e direito, mas continua sendo uma.

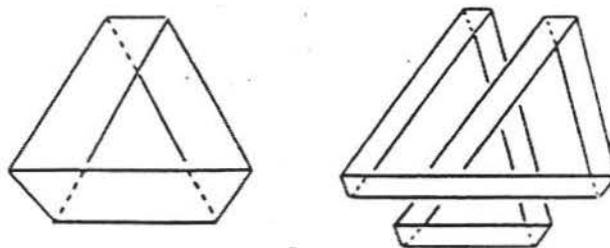


Figura 3

¹⁰² Granon-Lafond apela para essa metáfora clássica a que recorrem os topólogos (pp. 13 e 14) e que retomamos aqui.

¹⁰³ Dicotomia, de *dwó-* pelo Grego *dikho-*, de *dikha* = em dois e *tem-*, pelo Grego *temnein* = cortar. Em Astronomia, é a fase da lua quando metade do disco está iluminado.

O que é preciso fazer, nesse instante em que os dois eixos T_0 e T_1 se apresentam sem medida, uma vez que têm uma estrutura moebiana, é concluir. Ou seja, para evitar o eterno deslizar, é preciso cortar, fazendo aparecer, só depois, com o corte, com o ato, o avesso e o direito. É por isso que não é possível captar geometricamente essa zona de sombra, esse intervalo, essa falta; porque esse intervalo é um salto lógico, que exige o terceiro. Esse terceiro que, como intui Portine, não é um *datum*, é justamente esse elemento que desaparece entre o "estático" da abordagem geométrica e o "dinâmico" da abordagem fenomenológica.

PARTE IV

SE NON É VERO SON TROVATORE

Lais de Leonoreta

*Leonoreta
fin roseta
bela sobre toda fror
fin roseta
nem me meta
en tal coita nosso amor!*

*Das que vejo
non desejo
outra senhor se vos non
E desejo
tan sobejo
mataria un leon
senhor do meu coraçom.*

(João de Lobeira¹)

1. Resistências

O que Freud nos apresenta como formações do inconsciente (lapsos, chistes, sintomas, sonhos, atos falhos...) é a apreensão de um certo *primário*, diz Lacan²: *processos primários, em que detectou, de saída, sua estrutura de linguagem*; e tudo o que é manifestação desse primário se faz em outra cena, e dela só nos damos conta pelos efeitos, que só se apresentam como tendo vencido diversas barreiras, que lhes oferecem resistências.

Freud vai tentar fazer valer sua argumentação utilizando artifícios para superar as resistências: do leitor (que Freud reconhece nos leitores do livro do sonho³, especialmente em Fliess), do objeto de estudo, da teoria que tenta dar conta do chiste e as suas próprias, uma vez que é *forçado* por esse objeto; se é forçado, é que há nele, também, algo que resiste.

Para quem abre o livro dos chistes traduzido para o espanhol (meu caso, por exemplo), encontra, de saída, o dilema do tradutor. James Strachey (que o

¹ Trecho de uma cantiga de João de Lobeira, *Cancioneiro Collocci-Brancutti*, p. 103-4, apud Mendes dos Remédios, *História da literatura portuguesa: desde as origens até á actualidade*, Coimbra: Atlântida, 1930, p. 71.

² J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 30 de abril de 1958 (inédito).

traduziu para o inglês, afirma que o chiste *Traduttore-traditore!*, poderia figurar como lema no portal do volume⁴. A primeira providência de Freud está onde poderia passar despercebida: na escolha, que lhe é dada, pelo acaso do oportuno chiste-lapso do *famillionär*. Esse *familiar* tem de família um ar, e permite como que um riso ecumênico dessa paróquia européia⁵, uma certa domesticação do chiste, algumas vias facilitadas pelo *familiar*, nessa *tradução sem tradutor*⁶, uma vez que, nessa economia européia, os *milhões* também podem ser incluídos.

Segundo Derrida, *cada vez que há várias palavras em uma, ou na mesma forma sonora ou gráfica, cada vez que há efeito de homofonia ou homonímia, a tradução, no sentido estrito, tradicional e dominante desse termo, encontra um limite intransponível*⁷. No caso de um chiste, o problema tem ainda uma especificidade: nisso que resta da passagem de um chiste, do material submetido ao modo de funcionamento do processo primário, e que tem como efeito a presentificação do *famillionär*, por exemplo, pode-se reconhecer *uma* palavra da língua alemã? No sentido estrito, tradicional e dominante desse termo, não, não é uma palavra. Para Freud, é apenas a vestimenta (aparência essencial) do chiste (os paramentos do *pároco disfarçado que casa qualquer casal*, como diz chistosamente o poeta Jean Paul⁸). Para o tradutor do livro de Freud, trata-se de uma *palavra* estrangeira já ao alemão, à língua de partida e, de acordo com a lei do chiste, está vetado dizê-la com outras palavras. Só lhe resta, então (como o faço aqui), repeti-los, e acrescentar esta nota⁹.

³ No capítulo VI do livro do chiste, Freud diz que os leitores (seu público = *Öffentlich*) do livro do sonho reduziram-no ao lema "cumprimento de desejo" (Cf. *El chiste*, op. cit., p. 153).

⁴ J. Strachey, "Introdução" (à tradução para o inglês), in S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 6).

⁵ Apresento uma discussão dessa *tradução* e de outras traduções de chistes em "O passeio da tradução pelo jardim do mais amargo amor", Anais do VI Congresso Nacional de Tradutores, UFC, Fortaleza, Ceará, out. de 1996, pp. 283-289.

⁶ A expressão é de Derrida, referindo-se a essas palavras que se transportam de uma língua para outra. Cf. "O que é uma tradução *relevante*", op. cit. (inédita).

⁷ Idem.

⁸ J. P. Richter, *Vorschule des Ästhetik*, op. cit., § 51, apud S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 13.

⁹ James Strachey critica a tradução de A Brill, que substituiu chistes de Freud por chistes seus, para facilitar a leitura para os ingleses. Strachey quer manter-se fiel a seu propósito: *Freud, Freud e nada mais que Freud*. Fidelidade. Mas o chiste tem suas artimanhas: *mimetizando* o procedimento explicativo com que Freud vai demonstrando o regresso infinito a que leva a redução, Strachey

Para nos conduzir na apreensão desse primário, para falar dessa outra cena, Freud diz que não lhe é possível usar da evidência do raciocínio argumentativo:

não posso oferecer uma experiência mais clara, porque não possuo outras provas para minha concepção [do chiste]. Esta, obtive-a partindo do estudo da técnica [do chiste] e da comparação com o trabalho do sonho [...], mas trata-se de uma concepção deduzida. As provas, estão fora de nosso alcance. Se, com uma tal dedução, não chegamos a um domínio familiar, mas antes a um domínio estranho e novo para o pensamento, então, damos a tal dedução o nome de "hipótese", e, com justiça, não se considera a relação da hipótese com o material de que foi deduzida como uma "prova" [...]. Tal prova está fora de nosso alcance [...] No terreno nunca antes trilhado, em que nos encontramos, contentemos-nos em estender, de nosso posto de observação, uma única, estreita e precária (oscilante, não estável) plataforma {schwankes Brett} para o inexplorado.¹⁰

E é mesmo dessa plataforma precária que Freud vai se servir. *Schwank* é também *farsa*; e *Brett*, um *tablado*, onde vai colocar em cena para nós, não o objeto, mas a ficção de seu vir-a-ser, único ser que possui.

2. O romancero do inconsciente

Entre os chistes tendenciosos, Freud distingue dois grandes grupos: o chiste obsceno ou desnudador e o chiste agressivo (hostil). Decide começar sua investigação falando do *dito obsceno*, raramente digno de servir de objeto de estudo, *como se a repugnância inspirada pelo assunto se tivesse transferido para o próprio chiste*¹¹.

(assim como Etcheverry) repete a tentativa falhada do próprio Freud, iluminando-a. A transcrição, proposta por Haroldo de Campos ("O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua", op. cit.), não diz com outras palavras, toma o chiste letra a letra, mas, nesse caso, não será possível ler nela o percurso freudiano.

¹⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 170.

¹¹ Id., p. 91.

A técnica de que se servem os ditos obscenos, Freud esclarece de imediato, não é a técnica do chiste, mas estes se servem das mesmas tendências, cuja natureza é sexual. Há neles um jogo de exibição do sexual, mas que já apresenta uma mudança promovida pela linguagem: houve uma passagem do *tocar o sexual* para o *olhar desnudador, por meio do dizer*¹². No entanto, uma passagem "direta" do tocar para o dizer, não faria desse dizer algo necessariamente ob-sceno. Freud observa que uma conferência sobre os órgãos sexuais e sobre a fisiologia da concepção *não tem nenhum ponto de contato com o dito picante*¹³. É preciso que o sexual apareça de outro modo, que apareça como desnudado, ou seja, como tendo vencido uma resistência, e Freud fecha a cortina sobre os bastidores, criando o secreto, o escondido, a invisibilidade, fazendo aparecer o pudor, a vergonha.

2.1. o demônio do Aidós e o significante *pudor*

No mito de Protágoras, Prometeu rouba o fogo de Zeus para dá-lo aos homens. Estes, embora já possuam a fala e o fogo, não constituem uma sociedade, uma vez que só mantêm entre si relações de força. Com pena dos homens, Zeus chama Hermes e pede-lhe que leve a eles *Aidós* e *Dike*, geralmente traduzidos por respeito (ou pudor) e justiça. *O demônio do Aidós*¹⁴ {*Scham*¹⁵}, diz Lacan, *surge no exato momento em que, no mistério antigo, o falo*

¹² Id., p. 92.

¹³ Id. Ibid.

¹⁴ Heráclito diz, no fragmento 15: *Se não fosse a Dioniso que fizessem a procissão e cantassem o hino, (então) às partes vergonhosas desavergonhadamente se cumpriu um rito; mas é o mesmo Hades e Dioniso, a quem deliram e festejam nas Lenéias*. O tradutor, José Cavalcante de Souza, faz uma análise preciosa do que está em jogo nesse fragmento, a partir do significante *Hades*. Reproduzo, aqui, a nota completa: *Hades, o deus dos mortos. A forma grega Aïdes sugere aproximações etimológicas com aidō = eu canto, com as formas do tema de eidēnai = saber, e com os adjetivos aidēs = invisível e aïdelos = que torna invisível. Por outro lado, o que no grego corresponde às "partes vergonhosas desavergonhadamente" é aidōioisin anaidēstata. Todas estas aliteraões compõem com as palavras e as frases o sentido do texto. Hades (deus dos mortos), aidē (eu canto), aidēs (invisível),*

¹⁵ *Scham* é vergonha.

é desvelado. Ele se torna a barra que, pela mão desse demônio, cunha o significado, marcando-o com a progeneritura bastarda de sua concatenação significante¹⁶.

Em *Arte Poética*¹⁷, Aristóteles fala das origens da Comédia, termo derivado de κωμος, cantos (ditirambos) de convivas alegres em um banquete em honra de Dionísio (Os cantores fálicos teriam conservado o caráter indecente das mímicas). Freud extraiu sua referência ao *phallus* desse simulacro que aparece nas comédias.

O *phallus*, diz Lacan¹⁸, é esclarecido por sua função. Não é um fantasma (enquanto efeito do imaginário); não é um objeto; não simboliza o órgão (pênis ou clitoris). O falo é *um significante, destinado a designar os efeitos de significado*¹⁹. Sua saliência, sua relação à cópula e ao fluxo vital (que se transmite na geração), obscurecem o fato de que ele só pode desempenhar seu papel enquanto velado, a partir do momento em que é alçado {*Aufgehoben*²⁰} à função de significante²¹.

Segundo Lacan, *toda a fenomenologia da vergonha, do pudor, é engendrada pelo olhar*²². A partir do momento em que o olhar existe, já sou diferente, porque me torno um objeto para esse olhar e o outro sabe que sou um objeto que se sabe visto. A vestimenta {*Einkleidung*} se torna, então, o significante do pudor. *As roupas são feitas para esconder o que se tem, no sentido de ter ou não, mas também, precisamente, para esconder o que não se tem - esconder o objeto e a falta de objeto*²³.

É o *phallus*, então, que encarna o jogo do aparecer/desaparecer. E é introduzindo, no plano simbólico, o fenômeno da presença/ausência, que Freud

¹⁶ J. Lacan, "A significação do falo", in *Escritos*, op. cit., pp. 692-703 (p. 699).

¹⁷ Aristóteles, *Arte Retórica e Arte Poética*, op. cit., cap. III e IV.

¹⁸ J. Lacan, "A significação do falo", in *Escritos*, op. Cit., p. 696.

¹⁹ Idem, p. 697.

²⁰ *Aufgehoben*, suspende e, ao mesmo tempo, suprime e conserva.

²¹ Idem, 699.

²² J. Lacan, *Os escritos técnicos de Freud*, Seminário 1, texto estabelecido por J-A Miller, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979, p. 246.

²³ J. Lacan, *A relação de objeto*, Seminário IV, op. cit., p. 169.

produz, como diz Lacan²⁴, *esse jogo de ocultação para o nosso olhar, para reconhecemos nele o instante em que o desejo se humaniza*. A introdução do símbolo inverte as posições - a ausência é evocada na presença e a presença na ausência²⁵. Assim, tudo o que Freud pretende com seus mitos de origem, suas construções e psicogêneses, *é reafirmar que a Lei está aí desde sempre - a lei fundamental é uma lei de simbolização*²⁶.

2. 2. a graça da mulher

No capítulo IV, Freud vai buscar o segredo de fabricação do prazer, encenando uma psicogênese do chiste. Mas é no capítulo anterior, no capítulo das tendências, que a encenação tem início. E ela tem início com o dito obsceno, de que vai servir-se para produzir o fora-da-cena, os bastidores, pela entrada em cena do terceiro. Com o terceiro, entra também o riso, mas, nesse momento, Freud apenas acentuará que é o terceiro, ouvinte, quem ri.

O dito obsceno ou dito picante, em sua origem, é dirigido à mulher, com a intenção de seduzi-la, o homem quer provocar nela uma excitação igual à que sente. Escutando a indecência, ela tem notícia da excitação de quem a disse. Mas pode acontecer de, em vez de ficar excitada, ficar envergonhada, embaraçada, mas, diz Freud²⁷, qualquer que seja a reação da mulher, de aquiescência ou recusa, o dito picante terá atingido seu objetivo: provocar nela uma excitação sexual, porque seu embaraço será ainda tomado como uma reação a essa excitação. Tanto o sorriso discreto quanto a face ruborizada terão feito do dito um galanteio.

O sexual diz respeito ao que há de mais particular em cada um dos sexos e também ao que é comum a ambos, e àquilo a que se dirige a vergonha: o

²⁴ J. Lacan, *Os escritos técnicos de Freud*, op. cit., p. 200.

²⁵ Idem, p. 201.

²⁶ J. Lacan, *As psicoses, Seminário III*, op. cit., p. 100.

²⁷ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 92.

excrementício, que é o alcance que tem o sexual na infância²⁸ (quando o sexual e o excrementício estão ligados).

O dito obsceno, servindo-se da fala, funciona como um desnudamento {*Entblössung*}, constringindo a pessoa a quem se dirige a se representar a parte do corpo ou o ato em questão. Essa inclinação a desnudar é um dos componentes originários da libido e talvez substitua, remonte, a um prazer primário - tocar o sexual. Freud observa²⁹ que, num primeiro momento, o *ver* substituiu o *tocar*. Nos casos em que essa inclinação não conhece seu destino habitual — ser reprimida, velada — *desenvolve-se a perversão, conhecida como "esforço exibicionista"*³⁰. De modo regular, na mulher, continua Freud, sobrepõe-se a essa inclinação à exibição passiva a *grandiosa reação reativa do pudor sexual* {*sexuelle Schamhaftigkeit*³¹}, *mas não sem que lhe seja reservada no vestido uma portinha de escape* (um botão fora da casa, um fim de decote) - *medida de exibição permitida à mulher*.

É do dito obsceno que Freud passa ao galanteio, ao dito cortejante {*werbende Rede*}, que se insinua, despertando na mulher a inclinação ao desnudamento passivo. A diferença é sutil e é, afinal de contas, estabelecida por ela. Se a mulher aquiesce de cara, o dito obsceno revela-se efêmero e dá lugar à ação sexual. Quando se detém na provocação da excitação, pode fazer aflorar nela as reações defensivas. Nesse caso, torna-se um fim em si mesmo e extrai prazer de seus indícios na mulher. Tropeçando com um obstáculo, o dito obsceno torna-se hostil, agressivo, e entram em cena os componentes sádicos da pulsão sexual³².

²⁸ Idem, *ibidem*.

²⁹ Idem, p. 93.

³⁰ Idem, *ibidem*.

³¹ *Scham* é vergonha, tendência a ruborizar-se; *Schamhaftigkeit* refere-se às "vergonhas", às partes sexuais da mulher.

³² Idem, *ibidem*.

2.3. quando a trapaça é pura elegância

Para que tenha havido um galanteio, é preciso que se apresente um obstáculo, é preciso contar com a inflexibilidade da mulher, é preciso que ela, de certo modo, finja não ceder. Freud³³ diz que essa negação deve ser contada como mera posposição, ou seja, que não encerre o jogo, que permaneça uma promessa. *Tem que ser apenas ficção, aparência, mentira, disfarce*, diz Pommier, - exercício de ilusão que a salva³⁴. Ela se recobre, abotoa o vestido, mas deixando, sem querer, um botão fora da casa.

O galanteio, sussurrado à orelha, diz à mulher que ele sabe o que ela quer, forçando-a a entrar no jogo. E o que ela quer é que ele lhe diga, e ela o sente no corpo. Como se trata de um saber suposto, atribuído, acontece de também poder dar "errado", e o dito não corresponder ao que a mulher queria (na verdade, jamais corresponde. O que quer a mulher? Essa pergunta sem resposta é a resposta). Contrariedades necessárias ao nascimento do desejo. E o desejo, como diz Lacan³⁵, *só tem a ver com a demanda, não está interessado no ato sexual*. O desejo é justamente uma defesa e uma proibição de ultrapassar um limite no gozo. De saída, não se pode prescindir da presença da mulher, é ela que possibilita o dito obsceno ou o galanteio, ocupando o lugar de um *phallus* imaginário, *que faz dela o objeto do desejo*³⁶.

A primeira condição do chiste (em sua diferença da obscenidade e semelhança ao galanteio) é, então, que a mulher se negue, resista, movida pelo pudor. Se o pudor é essencial, é preciso, explica Freud, garantir que ele se manifeste (sem o pudor (*Aidōs*), não há sustentação da lei). Para isso, é preciso criar uma resistência e o caso ideal, diz Freud, *é a presença simultânea de um*

³³ Idem, p. 94.

³⁴ Gérard Pommier, *A ordem sexual*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 135.

³⁵ J. Lacan, "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano", in *Escritos*, op. cit., pp. 807-842 (p. 839).

³⁶ Idem, p. 840.

*outro homem, de um terceiro, pois, então, estará quase excluído que ela dê seu consentimento imediato*³⁷.

Nesse caso, o terceiro é chamado como Outro que faz a lei, que impõe a decência, a contenção. Nesse momento, o Outro é mediado por ela, como aquele que faz a Lei, instância paterna, mas como Outro todo poderoso, segundo J-A Miller³⁸, Outro da decência, feito de interditos e proibições. Segundo Pommier, o que é obscuro e deve ser sexualmente escondido traz o selo do patronímico e é desejável, justamente em virtude da obscenidade que o marca³⁹.

Num primeiro momento, não se pode prescindir da presença da mulher. Depois, sua simples presença porá fim ao dito obsceno. Pouco a pouco, em lugar da mulher (que se vela) está o espectador (o Outro que, Sujeito suposto Saber, se manifestará no lapso), ou o ouvinte (o Outro que escuta). Essa mudança encaminha para o chiste.

2.4. toda nudez será castigada: os não pudicos erram

Qual a diferença em relação ao chiste? É que o chiste, diz Freud⁴⁰, mostra em palavras a nudez não velada que produz prazer na primeira pessoa (aquela em quem irrompe) e faz rir a terceira. Torna possível a satisfação de uma pulsão (lúbrica e hostil) contra um obstáculo que se interpõe no caminho: circula esse obstáculo, e assim extrai prazer de uma fonte que se havia tornado inacessível, devido à insuscetibilidade da mulher a suportar o sexual sem disfarce, presente na situação inicial. Num segundo tempo, é como se ela estivesse ali – é que ela continua, mesmo ausente, a constituir uma influência intimidante sobre os homens, testemunhando a função paterna: o poder que impede, tanto ao homem

³⁷ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 94.

³⁸ J-A Miller, "El piropo", in *Ornicar*, n. 22-3, 1981, pp. 147-164 (p. 150).

³⁹ Gerard Pommier, *A ordem sexual*, op. cit., p. 172.

⁴⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 95.

quanto à mulher, o gozo da obscenidade sem cortinas, dando lugar ao que Freud chama de recalque:

Ao poder que estorva ou impede a mulher, e, em menor medida, o homem, do gozo da obscenidade sem disfarce, chamamo-lo "recalcamento". Nele discernimos esse mesmo processo psíquico que, em casos patológicos graves, mantém afastados da consciência complexos inteiros de moções, junto com seus derivados, e que demonstrou ser fator principal na causação (no desencadeamento) das chamadas "psiconeuroses".⁴¹

Nesse momento, Freud atribui à civilização e à educação de alto nível uma grande influência na formação do recalque. Nessas condições, continua, esse poder altera a organização psíquica, que pode passar a ser legada como uma disposição herdada - trabalho recalgador da cultura / da civilização. É assim que uma coisa sentida como agradável pode tornar-se inaceitável e recusada por todas as forças psíquicas. Perdem-se, então, possibilidades de gozo primário, mas, diz Freud⁴², a psique humana tolera mal tais perdas, e o chiste oferece, então, um meio de recuperar esse gozo perdido (fazendo rir da piada grosseira, por exemplo), anulando retroativamente a renúncia.

Colocar em jogo as tendências força Freud (em seu trabalho com o chiste, em sua teorização) a levar em conta o ouvinte/leitor - o efeito do chiste sobre quem o escuta. É preciso contar com uma certa cumplicidade, ou com uma certa indiferença, e não provocar uma reação de resistência imediata. É preciso levar em conta o riso.

Para constituir-se em ouvinte do chiste, é preciso, então, deixar-se enganar, fazendo valer o aforisma lacanianô: *Les nōns dupēs errent*⁴³, que faz ressoar a frase de Górgias: *a tragédia... com seus mitos e paixões, provoca um engano, pelo qual aquele que enganou mostra mais engenho do que aquele que*

⁴¹ Idem, ibidem.

⁴² Idem, p. 96.

⁴³ *Les nons dupes errent* é o nome de um Seminário inédito de Lacan (1973-4). Nesse nome se escutam *les noms du père*.

*não enganou, e quem se deixou enganar é mais sábio do que quem não se deixou;... de fato, só quem não é insensível se deixa vencer pelo prazer das palavras*⁴⁴.

2.5. enganei um bobo na casca do ovo

Agora, no capítulo IV, Freud busca os estágios prévios do chiste, e faz entrar a criança *que trata as palavras como coisas*⁴⁵, a criança que joga: *um jogo com palavras e pensamentos, motivado por certos efeitos prazerosos, seria, então, o primeiro dos estágios prévios do chiste*⁴⁶. Com a mulher, Freud fez a *mise-en-scène* do sexual, sob o *mise-en-cadre* da Lei, que põe limites ao gozo, para dar lugar ao desejo.. É que antes da entrada em jogo da criança, o Outro já está lá. Esse Outro que, uma vez que é possível um chiste terá feito, de seu grito, *uma demanda de um sujeito suposto desejante*⁴⁷, posicionando-a *numa ordem de significância*⁴⁸, oferecendo-lhe o lugar em que se aliene, jogando com as palavras, para engendrar aí sua própria falta, na vigência da Lei.

A criança aprende a manejar sua língua materna entretecendo palavras sem se ater à condição do sentido, buscando o efeito prazeroso da rima e do ritmo. Aos poucos, esse jogo vai se tornando impossível, em conseqüência da crítica, diz Freud, até que, *por fim, só lhe restam permitidas as conexões providas de sentido entre as palavras*⁴⁹, permitidas por essa *forma constituída de inibições*, que é, como diz Lacan, a estrutura⁵⁰. A criança vai, então, buscar meios de cancelar essa inibição. Um desses meios é o *disparate*, comum, diz Freud, entre alunos de ginásio, mas também entre os universitários: *com o disparate do*

⁴⁴ A. Plebe, *Breve história da retórica antiga*, op. cit., p. 14.

⁴⁵ Idem, p. 115.

⁴⁶ Idem, p. 123.

⁴⁷ Ângela Vorcaro, "A criança na clínica psicanalítica", Rio de Janeiro: Cia de Freudm 1997, p. 74.

⁴⁸ Idem, p. 80.

⁴⁹ Idem, p. 120.

*Bierschwefel*⁵¹, o estudante busca resgatar o prazer da liberdade de pensar, que a instrução acadêmica o faz perder cada vez mais.

*Num restaurante, um homem mete as duas mãos no prato de maionese e esparrama-a pelos cabelos. Ante o olhar atônito das pessoas da mesa vizinha, parece-se dar-se conta de seu erro e se desculpa:
—Perdão! Pensei que fosse espinafre!*⁵²

Outro meio, que aparece como segundo estágio prévio do chiste, é o gracejo. No gracejo {*Scherz*}, Freud encontra já todos os recursos técnicos do chiste. A diferença está, diz ele, em que o gracejo está sempre isento de tendências, enquanto o chiste quer sempre se contrapor a um poder inibidor. O problema que se apresenta agora para Freud é: como passar do gracejo ao chiste tendencioso. O que lhe parece a solução é, num primeiro momento, a seguinte: para o gracejo, diz, basta que não seja um completo disparate e tenha um enunciado não totalmente desprovido de conteúdo. No caso de esse conteúdo ser valioso, e revestido de forma que excite um contentamento, teríamos um chiste. Freud serve-se de um chiste que explicitaria essa diferença:

*A uma pergunta sobre a solidariedade no gabinete, um membro do "ministério burguês" austríaco respondeu:
— Como poderíamos solidarizar-nos {*einstehen*} uns com os outros, se não podemos tolerar-nos {*ausstehen*} uns aos outros?*⁵³

Assim, o jogo entre *einstehen/ausstehen* poderia servir de vestimenta {*Einkleidung*} para o pensamento valioso de que não há solidariedade a não ser na concórdia, na con-veniência entre as pessoas. Mas, do que rimos? Pergunta-

⁵⁰ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 18 de dezembro de 1957 (inédito).

⁵¹ Idem, p. 121. *Bierschwefel* = discurso jocoso pronunciado em reuniões em que se toma cerveja (nota do tradutor).

⁵² Idem, p. 133 (Nota acrescentada em 1912).

⁵³ Idem, p. 126.

se Freud, da vestimenta chistosa ou desse pensamento tão edificante? Não seria acaso esse pensamento, que certamente provoca em nós uma admiração, o que nos faz crer numa certa "bondade", numa certa inocência do chiste? Por outro lado, será que não supervalorizamos esse pensamento justamente pelo fascínio de sua vestimenta chistosa?

E aí Freud se vê impedido de prosseguir, impedido pela *incerteza de seu juízo*. Manca, mas não cede o passo. Não seria justamente essa *incerteza*, que ele *aceita como um fato*, que *proporciona o motivo para a formação de um chiste no sentido genuíno*?⁵⁴ Essa *Einkleidung* nos cativa e nos cega para a crítica que, afinal, estorvaria esse prazer. Não estaria o julgamento crítico de Freud - seu trabalho de teórico - sendo feito de bobo pelo chiste?

Onde estaria a bondade? Cadê o chiste inocente, desprovido de tendências? Freud é forçado a reconhecer que não pode ter sequer esta certeza - tão laboriosamente construída e analisada no capítulo anterior: a certeza de uma inocência do chiste. Constata, então, que o chiste nunca está isento de tendências, e que sempre *volta a exteriorizar sua natureza originária, contrapondo-se a um poder inibidor e limitante, no caso, o juízo crítico*⁵⁵, o próprio juízo de Freud, aturdido pelo brilho do chiste.

O chiste luta em pé de igualdade com a razão crítica, e seu peso pode alterar *um ou outro prato da balança*. É essa a sua finesse, sua agudeza: a medida, o equilíbrio. Em sua origem, começa como um jogo, desprovido de tendências e pulsões, *às quais nada do que se forma na vida psíquica pode se subtrair*⁵⁶: as grandes tendências e pulsões da vida anímica

Um chiste, o que é o que é? Freud diz que as tendências fazem dele seu abre alas. Ele se torna o cúmplice, na situação sexual; participante do ódio e do desprezo; desavergonhador, desvelador, desbaratador do respeito pelas instituições e verdades estabelecidas, *mas permanece esse x algébrico*, como ele mesmo diz.

⁵⁴ Idem, p. 127.

⁵⁵ Idem, ibidem (grifo meu).

Se não rio, vale o efeito do chiste em quem escuta. Para entendê-lo, Freud parte das operações do chiste na vida anímica *daquele a quem ele ocorre*. Parte da hipótese de que *o processo psíquico incitado pelo chiste é cópia*, no ouvinte, *daquilo que sobrevém ao criador. Ao obstáculo externo, que deve ser superado no ouvinte, corresponde um obstáculo interno ao chistoso*⁵⁷.

O processo se daria da seguinte maneira: teria havido, na primeira pessoa, ao menos uma expectativa do obstáculo externo, agindo como uma representação inibidora {*hemmende Vorstellung*}.

*Entre as variedades de inibição interna ou repressão {Unterdrückung} [diz Freud], há uma merecedora de nosso interesse particular, por ser a que vai mais longe; está designada com o nome de "recalque" {Verdrängung}, e reconhecê-mo-la pelo que realiza: excluir do devir-consciente tanto as moções que a ela sucumbem, quando seus retornos.*⁵⁸

Freud assinala que o chiste sabe obter prazer mesmo dessas forças submetidas ao recalçamento. A Ocasião faz o Ladrão, outra face de Hermes⁵⁹, o deus inter-prete. Aproveitando-se da primeira brecha, entra de fininho, liberando o prazer por eliminação de inibições.

Inibições variadas: externas, internas, repressões, recalques, mas constatamos logo que não se trata de um simples efeito de forças em oposição, e sim de uma *complexa constelação*, em que não é fácil discernir a efetiva contribuição de cada fator.

⁵⁶ Idem, p. 127.

⁵⁷ Idem, ibidem, p. 128 (grifo meu).

⁵⁸ Idem, ibidem. No último capítulo, Freud retoma, mais uma vez a questão do recalque. *Falta ao pensar inconsciente, afirma, a capacidade de julgar. Em lugar do juízo, encontramos no inconsciente o recalque (Verdrängung, esforço de desalojar), Talvez o recalque possa descrever-se corretamente como o estágio intermediário entre o reflexo de defesa e o juízo adverso (Verurteilung) (p.167).*

⁵⁹ Valem os versos do poeta Chico Buarque de Holanda: *esse deus sonso e ladrão / fez das tripas a primeira lira e animou todos os sons.*

2.6. o rapping das pulsões

O capítulo vai se fechando nesse ponto, no umbral do prazer, com uma citação de Fechner⁶⁰ sobre o *princípio da intensificação estética*, que reza que, devido ao comércio das forças, o prazer seria maior que a soma das forças em separado. O problema é que a constelação, de que Freud fala, conjuga condições de prazer e desprazer. O que propõe, então?

Uma moção pulsional buscaria prazer em determinada parte (e tê-lo-ia obtido se não entrasse em cena a inibição); junto a essa moção, atua uma outra, em sentido contrário, para inibi-la, reprimi-la. Se a corrente repressora é mais forte, conseguirá cancelá-la. Mas, como insistiu Freud, não se trata de forças em oposição, e sim de uma *constelação*, e aí entra em cena uma terceira aspiração, buscando prazer pelo mesmo processo, atuando no mesmo sentido da primeira moção, a moção reprimida. Qual pode ser o resultado dessa batalha?

Nesse momento, Freud retoma um chiste, cuja técnica analisara na primeira parte de seu livro: Em um pequeno periódico vienense, um escritor ruivo {rof} publicava ensaios (realmente) entediantes {Fadian} sobre Napoleão I. Ouvindo falar sobre tal escritor, o sr. N. comenta: *Não é esse ruivo enfadonho {roter Fadian} que se estende ao longo da história dos Napoleões?* Freud observa que esse chiste brotara de dois componentes: um juízo negativo sobre o escritor e uma reminiscência de uma metáfora de Goethe: o fio vermelho {roter Faden} de afeto e dependência, que se estende pelo *Diário de Otília* (em *As afinidades eletivas*)⁶¹.

O sr. N., diz Freud, teria querido dizer: Jamais li nada mais aborrecido do que esses ensaios desse jornalista ruivo que escreve sobre Napoleão. Sua educação o impede de dizê-lo diretamente; recorre, então, ao chiste, para garantir

⁶⁰Fechner, G.T., *Vorschule der Ästhetik*, Leipzig, 1897, t. I, cap. V, p. 51, apud Freud, op. cit. p. 129.

⁶¹ Idem, p. 24. Metáfora que brota, segundo Freud, do costume da marinha inglesa, de trançar, em todo o seu cordame, um fio vermelho, que indicava sua pertença à coroa. Trançava-se de um modo tal que puxar o fio vermelho desfazia o cordame.

uma audiência (a despeito da eventual verdade do que se diz). Tomando esse chiste como exemplo, Freud observa que o primeiro impulso do sr. N. teria sido insultar o jornalista: *a primeira moção seria uma aspiração a insultar*. Acontece que também entra em jogo o sentimento de decoro (pudor, respeito, *Aidōs*), que vai interceptar esse insulto. Caso a primeira aspiração vença de saída, será sentida, posteriormente *{nachträglich}*, como desprazer; caso seja reprimida, também provará do desprazer. Como ultrapassar os limites e, ainda assim, fazer valer o prazer?

É então que entra o material oferecido, o dom. Freud diz: *oferece-se a possibilidade*, ela se dá, se envia, trata-se de aproveitar a ocasião, e o chiste, assim como o *Schadjen*, vive disso, está sempre à espreita do momento oportuno. O mesmo material que teria servido para insultar, é nele que o chiste pega carona, nesse material. O dom está nisso que o insultar é consentido, mas de forma que se poderia dizer *sublimada*; o destino da pulsão, que era insultar, torna-se *fazer um chiste*. Daí que se insulta, não para ofender, mas para possibilitar um chiste que, vindo com a força destinada ao insulto, faz rir às gargalhadas, diz Freud, exageradamente. O que nos constringe a rir, diz Freud, é o chiste. E rimos do quê? Certamente, da própria pessoa do escritor. Nós, pessoas adultas, de sentimentos refinados, rimos, como crianças, dos cabelos vermelhos e da autoridade enfadonha do historiador X.

3. o REALce do riso

O chiste não aparece como um enigma para Freud. O enigma é que Isso se faça um riso. O enigma é um corpo-que ri.

É o riso do Outro que garante que o processo se completou. É o riso que se cancela em cada uma das reduções a que Freud submete os chistes, e é ainda o riso que não vem, quando Freud tenta produzir uma condensação.

Do que rimos? Isolando os chistes inocentes, concentrando-se na técnica, Freud pôde concluir que o riso responde ao que lhe é trazido pelos recursos técnicos, pela própria articulação significativa. Mas seu efeito é moderado. O riso que sacode, que tira o fôlego, esse, vem das tendências, liberadas da repressão.

É na síntese das técnicas com as tendências que Freud vai buscar o mecanismo do prazer, o segredo de fabricação do riso. Como integrar o riso à teorização, uma vez que este não tem sequer o estatuto de um efeito perlocucionário, exterior ao processo do chiste?

Faz parte do trabalho do chiste comunicá-lo a outro. Freud diz que há mesmo uma pulsão a comunicar; e é aí que se mostra o sexual, na pulsão de exhibir. Mesmo no caso dos chistes inocentes não é raro, afirma⁶², que a mola que impulsiona sua produção seja simplesmente mostrar, exhibir o espírito {*Geist*}, e Freud a equipara à exibição sexual, pondo fim, de vez, à inocência do *Witz*. O esforço para comunicar o chiste é inseparável de seu trabalho, e causa prazer fazer rir o outro, entretanto, Freud reafirma: *do chiste que me ocorreu, não posso rir, apesar do inequívoco gosto que sinto por ele. Talvez minha necessidade de comunicá-lo a outro esteja ligada, de algum modo, a esse efeito de riso a mim denegado, mas manifesto no outro*⁶³. Observa ainda que, ao contar um chiste, deve se comportar exatamente como quem o fez⁶⁴, recalçando o próprio riso, para fazer presente a falta no Outro, de quem poderá ter de volta um resto desse gozo perdido.

3.1. o des-concerto

Vejamos, agora, quais as condições que Freud reconhece como necessárias para que o processo se desvie pelo ouvinte liberando o riso.

⁶² S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 136-7.

⁶³ Idem, p. 137.

⁶⁴ Idem, p. 139.

A primeira condição é que haja, entre primeira e terceira pessoas uma-concordância psíquica, uma sintonia: *Cada chiste exige então seu próprio público* {*Jeder Witz verlangt so sein eigenes Publikum*}. Ouvir um chiste, diz Freud, *desperta de modo compulsivo* {*zwangsartig*} *ou automático a disponibilidade a que a inibição desperte*. A inibição fica de prontidão, e Freud apreende esse gasto como *uma mobilização em um exército, ao mesmo tempo discernida como supérflua ou como tardia, e, assim, descarregada, in statu nascendi, pelo riso*.

A segunda condição é manter longe do processo psíquico, que sobrevém quando se escuta um chiste, a atenção. A atenção que interdita a surpresa, que não permite deixar-se afetar, não permitindo que a terceira pessoa ressoe. Freud enumera, então, algumas técnicas⁶⁵ auxiliares como: a brevidade (oferecer pouco flanco à atenção); a fácil inteligibilidade (uma vez que a reflexão desperta a atenção); uma fachada cativante (o silogismo, por exemplo, em que a atenção é tomada pela surpresa). Tudo para que o processo chistoso decorra automaticamente⁶⁶.

Nesse momento, Freud afirma, mais uma vez, que nunca se sabe ao certo de que se ri, e conclui que *o riso é resultado de um processo automático propiciado pela distração da atenção e pelo efeito de surpresa com que o ouvinte é tomado*⁶⁷. A sintonia é necessária para que se produza a defasagem. A tensão intelectual se desconcentra, se desconserta; nossa atenção é *überrumpelt*

⁶⁵ *Existem diversas técnicas que introduzem no funcionamento das forças psíquicas determinadas modificações, em consequência das quais, aquilo mesmo que geralmente produz desprazer, produz também, algumas vezes, prazer, e, sempre que entra em ação um de tais meios técnicos, fica suprimido o recalque da representação de uma pulsão, à qual se achava negado o acesso ao consciente. Essas técnicas só foram analisadas detidamente, até hoje, no chiste. Em geral, a suspensão do recalque é somente passageira, tornado a se restabelecer pouco depois.* S. Freud, "A repressão" {*Verdrängung*}, O. C., op. cit., p. 430. Agradeço a Ângela Vorcaro a indicação desta nota e da nota seguinte.

⁶⁶ Entre essas técnicas, Freud considera ainda a sugestão hipnótica: *os métodos indiretos de hipnotismo produzem, como algumas técnicas do chiste, o efeito de impedir determinadas distribuições da energia psíquica, que perturbariam o desenrolar do processo inconsciente* (S. Freud, *Psicologia das massas e análise do eu*, trad. de O. Galloti et. al. Sio de Janeiro: Delta, 1959, pp. 3-94 (p. 74).

⁶⁷ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 146.

(tomada de surpresa), e *rumpeln* é o barulho da matraca⁶⁸. Como a surpresa só vale para a primeira vez, eis o motivo do esforço para contar o chiste escutado.

A terceira condição é o uso do disparate; o desconcerto pela via do absurdo que nos deixa de boca aberta, sem palavras.

3. 2. o percurso

As perguntas se atropelam. Por que tenho necessidade de contar o chiste a outro? Talvez tenha algo a ver com esse efeito que me foi denegado? Por que não rio de meu próprio chiste? Freud enfrenta a questão e tenta uma definição do riso:

*"Diríamos que o riso nasce {das Lachen entstehe}, quando uma quantidade de energia psíquica, antes empregada no investimento {Besetzung} de certo caminho psíquico, tornou-se inaplicável, de modo que pode apresentar uma descarga livre {freie Abfuhr}*⁶⁹.

E acrescenta numa nota na mesma página:

Que eu saiba, o gesto característico do sorrir, o estiramento das commissuras da boca, aparece pela primeira vez no lactente satisfeito e saciado quando, adormecido, solta o peito. Nesse caso, é um movimento expressivo correto, pois corresponde à resolução de não tomar mais alimento; por assim dizer, figura um basta!, ou melhor, um já é suficiente!.

Daí viriam, continua Freud, seus nexos com os processos de descarga prazerosos⁷⁰.

⁶⁸ O chiste faz como Dupin, distrai a atenção do Ministro, no Seminário da carta roubada, com um barulho de rua, que o desconcentra, permitindo que Dupin lhe roube a carta (Cf. "O seminário sobre A carta roubada", in *Escritos*, op. cit., p. 16).

⁶⁹ Idem, p. 140.

⁷⁰ Idem, ibidem, Na nota, Freud remete à teoria darwiniana, correlacionando o evento motor a uma significação expressiva. No capítulo V, Freud busca o que move o chiste, seus *Motive* (traduzido em Espanhol por *motivos*, e, em Francês, por *mobiles*), entre os quais o principal é a obtenção do

Freud busca uma definição do riso em H. Spencer⁷¹. Segundo esse autor, o riso é um fenômeno de descarga da excitação anímica, constituindo uma prova de que o uso dessa excitação tropeçou com um obstáculo. Seria também esse o sentido que Freud encontra na fórmula de A. Bain: *Laughter is a release from constraint*⁷².

O riso nasce quando uma energia se desloca e se descarrega livremente, mas Freud confessa, em seguida, que essa sua formulação tem uma "má aparência", não a bela face {*Schauseite*} do chiste, e busca apoio em Lipps: *Em definitivo, cada problema psicológico nos leva a adentrarmos tanto na psicologia que, no fundo, nada pode ser tratado isoladamente*⁷³. E Freud se justifica dizendo em seguida:

os conceitos de "energia psíquica" e "descarga", e a abordagem da energia psíquica como uma quantidade, converteram-se, para mim, em hábitos de pensar [...] o que tentei situar foi o genuinamente psíquico, nos processos psíquicos em si inconscientes, e não nos conteúdos da consciência.

Para Lipps, a tarefa da psicologia devia ser inferir dos *conteúdos da consciência* e de sua *concatenação temporal* a natureza desses processos inconscientes, propriedades não representadas {*repräsentiert*} na consciência. O

prazer. Note-se que Freud escolhe uma palavra latina, o que permite pensar que se trata, no caso, tanto dos motivos quanto daquilo que move, das moções na formação dos chistes.

⁷¹ H. Spencer, "The physiology of laughter", in *Essays*, Londres, 1901, apud S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 139.

⁷² A. Bain, *The emotions and the will*, Londres, 1865, p. 250, apud S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 140. Segundo nota do tradutor para o espanhol, J. L. Etcheverry, essa é a citação correta. Nas edições anteriores, a citação é: *Laughter is a relief from restraint*. O "engano" de Freud pode ser explorado. *Relief* tem o sentido de liberar da dor, aliviar (referindo-se também a algo saturado), *restraint* é controlar, reprimir, restringir. *Release* é liberar do confinamento (podemos pensar aqui no investimento *Besetzung*), *da dívida*; é também permitir a publicação (*press release*), relaxar. *Constrain* tem o sentido de pressionar, comprimir junto, restringir num dado curso da ação (podemos pensar na inibição). Assim, *Release from constraint* encaminha para a definição do chiste como descarga, desinvestimento, *Entsetzung*. O erro na citação escreveria esse momento de (in)decisão.

riso não é então genuinamente psíquico, mas é a partir dele que Freud vai tentar, apoiando-se em Lipps, inferir esses processos.

Freud retoma Lipps, mas vai além, e esse passo além está em considerar suas experiências com o deslocamento da energia ao longo de certas vias associativas, caminhos psíquicos investidos, conservados, quase indestrutíveis⁷⁴. Segundo Freud, essas experiências levam-no a ensaiar essa ilustração {*Verbildlichung*} do desconhecido⁷⁵. Lacan encontra, nessas vias antigas do inconsciente, *as vias que são liberadas no chiste*⁷⁶; e o prazer percorre, portanto, *o trançado dessas vias de estruturação, uma trançagem*⁷⁷ em que a ocasião de um chiste festejará, no riso, o engendramento de um sujeito. Assim, o chiste reevoca esse tempo mítico de estruturação, e tem por efeito reproduzir o prazer da primeira experiência de satisfação, *prazer primitivo que o sujeito mítico, infantil, primordial, terá aí recolhido*⁷⁸.

3.3. o tempo

Freud observa que nem todo riso é indício de prazer, mas, se é o riso do chiste, dirá, *inclino-me a referir esse prazer ao cancelamento do investimento mantido até esse momento*⁷⁹.

A explicação de Freud é a seguinte: o material lingüístico em que os processos psíquicos primários pegaram carona vão gerar, também no ouvinte, aquela representação ou conexão de pensamentos, cuja formação, diz Freud, tê-

⁷³ Theodor Lipps, *Komic and Humor*, op. cit., p. 71, apud Freud, idem ibidem.

⁷⁴ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 141.

⁷⁵ Freud adverte que não se trata de caminhos entre células, nem entre sistemas de neurônios, embora diga que é forçoso que tais caminhos sejam figuráveis. Dez anos antes, Freud propôs tal figuração no seu *Projeto para uma Psicologia* (Para uma análise rigorosa do *Projeto*, cf. a tese de doutorado de Maria Rita Salzano Moraes, 1999, inédita).

⁷⁶ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 4 de dezembro de 1957 (inédito)

⁷⁷ Ângela Vorcaro, *A criança na clínica psicanalítica*, op. cit., p. 70.

⁷⁸ Idem, ibidem.

lo-ia também obrigado a um gasto de energia semelhante àquele que se dá na primeira pessoa. Nesse caso, o riso viria da economia da energia que se tornou supérflua, desse gasto que não teve que fazer. Ri de graça. O prazer lhe é dado como um presente {*geschenkt*}⁸⁰.

Por que a primeira pessoa não ri? Ela não ri porque, segundo Viltard⁸¹, no levantamento do recalque (do não-sentido, aquele que pouco a pouco vai sendo inibido na criança), e na repressão das tendências, ela gasta a sua energia psíquica, e não sobra uma quantidade suficiente para levantar a inibição, que se exerce sobre o prazer que essas liberações provocariam.

O processo de formação do chiste sofre um então um desvio, e é só na terceira pessoa que vai se dar, seja o cancelamento do investimento inibitório {*Hemmungsbesetzung*}, seja a possibilidade de descarga. Eis a conclusão de Freud, que corrobora o que propõe Viltard. O investimento inibitório também tem que ser cancelado na primeira pessoa, ou não teria havido chiste; também na primeira tem que haver superação de uma resistência, ou ela não sentiria prazer (embora não ria); só resta então a Freud a segunda alternativa: a primeira pessoa não ri porque não pode descarregar energia; portanto, o estorvo da possibilidade de descarga indica que a energia psíquica estava empregada em outro uso.

No entanto, penso que o processo permite outra possibilidade de solução. Acontece que, para a descarga do riso, a inibição deve ser liberada de qualquer utilidade, portanto, de qualquer representação. É preciso lembrar que, para estabelecer um investimento (torná-lo estável), é preciso uma inibição que contrarie a tendência do processo primário a passar de uma representação para outra anarquicamente, portanto, é a inibição que mantém todo investimento, e ela é necessária à representação. Ela é, então, necessariamente mantida na primeira pessoa, porque, como diz Freud em "O Inconsciente", *uma pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, só é capaz disso a representação que a*

⁷⁹ S Freud, *El chiste*, op. cit., p.141 (grifo meu).

⁸⁰ Idem, p. 142.

⁸¹ M. Viltard, *Les publiques de Freud*, op. cit., p. 13.

*representa [...] se a pulsão não estivesse ligada a uma representação, não poderíamos saber nada dela*⁸².

Mas o representante da pulsão não é somente a representação, é também o afeto. Freud fala dos *Motive* do chiste, não fala em afeto, mas, é possível depreender, de seu trabalho com os chistes, uma correlação entre uma representação quantitativa da energia e o afeto. Freud distingue nas funções psíquicas o que chama de *quantum* de afeto, soma de excitação,

*que tem todas as características de uma quantidade - embora não possamos medi-lo - algo suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, que se estende pelos sulcos mnêmicos das representações, como uma carga elétrica na superfície dos corpos.*⁸³

No livro dos chistes, a noção de recalque é elaborada em três momentos, levando em conta somente o que chamou de *moções* (Em um primeiro momento, o recalque impede o acesso à consciência de *complexos de moções e seus derivados*; em seguida, toma o recalque como *uma variedade de inibição interna, que exclui do consciente as moções e seus retornos*; por fim, localiza o recalque *entre o reflexo de defesa e a denegação*), mas, a noção de descarga, característica do afeto, serve-lhe, embora ainda desvinculada da noção de recalque, para definir o riso: uma descarga livre {*freie Abfuhr*}.

Como descarga livre, no entanto, o riso permanece ainda um enigma, ainda preso à economia da energia, agora desperdiçada em alívio. Vinte anos depois, quando trata do masoquismo, Freud constata que

o prazer e o desprazer não podem ser referidos ao aumento e à diminuição de uma quantidade, a que denominamos tensão de estímulo, ainda que, desde logo, apresentem estreita relação com esse fator. Mas

⁸² S. Freud, "O inconsciente", in *Metapsicologia*, trad. de Isaac Izecksohn, O. C., op. cit., pp. 439-476 (p. 450).

⁸³ S. Freud, "Primeiras contribuições à teoria das neuroses" (As neuropsicoses de defesa), trad. de C. M. de Freitas, in O.C., op. cit., v. I, p. 363.

não parecem relacionar-se a esse fator quantitativo, e sim, a certo caráter do mesmo, de indubitável natureza qualitativa. Teríamos progredido muito em psicologia, se pudéssemos indicar qual é este fator qualitativo. Talvez seja o ritmo, a ordem temporal {zeitlicher Ablauf} das modificações, dos aumentos e diminuições da quantidade de estímulo. Não o sabemos, porém.⁸⁴

Só com o tempo, é que Freud vai poder fazer eco a esse riso. Riso que escapa sincopado entre as máscaras de Jano, no corte efetivado pela deusa *Ocasião*.

Talvez se possa levantar aqui a hipótese de uma relação entre o riso do chiste e o afeto. Não o afeto que terá sido sentido como expressão de alegria, de dor, de tristeza, mas o afeto enquanto afetação. Freud enumerou, como vimos acima, as condições que o ouvinte deve reunir para constituir-se em ouvinte do chiste. Tem que haver uma disponibilidade, um dis-pôr-se ao Outro, a consentir que ele fale. Assim, sua atenção não deve ser despertada, diríamos melhor, deve manter-se flutuante, para que se possa produzir a defasagem, o desconcerto, a sur-presa (tomada além), enfim, para que possa ser *afetado*. Freud capta essa síncope dos sentidos, mas não pode nela se deter, porque, como se dispõe a deixar-se tomar pelo chiste, sua atenção está entretida pelas quantidades. Assim, não é ele quem faz a transmissão do chiste, mas permite-lhe a passagem, e o chiste se transmite.

Nesse intervalo, nessa queda de tensão intelectual, como disse Freud, sente-se (só depois) algo como uma *Absenz* (do Latim *absent*, participio presente de *abesse*), uma ausência, uma perda de sentidos, e dos sentidos da língua. *Ab-esse*, perda do *ser*, do verbo, e também de nosso *ser*. *Des-ser*, ser em falta e falta de ser. No momento mítico em que se dá a entrada no simbólico, diz Lacan⁸⁵, há uma perda que resiste à significação, e que vem constituir o sujeito desejante.

⁸⁴ S. Freud, (1924) "O problema econômico do masoquismo", trad. de Moysés Gikovate, *Obras Completas*, v. IV, pp. 293-305 (p.294) (grifo meu).

⁸⁵ J. Lacan, *L'Angoisse*, Seminário X, lição de 13 de março de 1963 (inédito).

3.4. a máscara

Em *Les formations de l'inconscient*, Lacan⁸⁶ fala das reações da criança frente à máscara⁸⁷. Jogando com a criança, a mãe cobre o rosto; em seguida, tira a "máscara", e a criança ri. O riso responde a esses jogos maternos, tantas vezes repetidos, e que às vezes nos surpreendem, com o dobrar da gargalhada da criança.

É nesses primeiros exercícios, diz Lacan⁸⁸, que a criança é trazida à modulação, à própria articulação. Esse riso é a primeira comunicação, verdadeiramente comunicação com o mais além da máscara, com o mais além da presença simbolizada. Antes de qualquer fala, o *infans* ri, e nós achamos (n'isso) a graça.

Se o chiste percorre, de cada vez, o trançado das vias de estruturação do *infans* em sujeito, é esse riso comunicante que ele faz, mais uma vez, brotar, pela boca daquele que estava em sintonia (como disse Freud), (dis)posto a surpreender-se com a queda da máscara, agora simbolizada em palavras, na vestimenta chistosa, que sai da boca da primeira pessoa.

Esse riso é sempre o riso da primeira vez. E aí está a relação com o afeto. Como falei acima, não o afeto ligado à representação recalcada, passível de conversão, deslocamento, transformação, mas a afetação à passagem do traço do espírito, do chiste.

⁸⁶ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 16 de abril de 1958 (inédito).

⁸⁷ Segundo Carl Jung, *persona* não é a máscara, é o tubo através do qual as vozes dos atores soavam. *Persona*, de per-sonare - o tubo liga a boca do ator à boca da máscara (CF. *Entrevistas e Encontros*, trad. de Álvaro Cabral, São Paulo: Cultrix, 1982, p. 195).

⁸⁸ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 16 de abril de 1958 (inédito).

Isso que se faz de novo

Isso que se faz de novo foi a primeira hipótese de um nome para este trabalho. Discutia-se, durante uma defesa de tese, essa questão: o novo. O que é o novo, afinal? A pergunta ficou no ar e me deixou inquieta. Escrevi na hora: o novo, de novo. Fazer o novo, fazer de novo. Mas um chiste, pensei, sendo uma formação do inconsciente, ele se faz. O novo se faz. A cada chiste, o novo. Mas, se corro a contar, se faz de novo, de novo. Para contá-lo, tenho que fazer de conta que ele se faz de novo, então, se finge de novo, é isso de novo. Um chiste é isso aí. Isso que se faz de novo.

Mas lembro que Lacan¹ afirma que o *familionär* é ambíguo, que o equívoco ou o tropeço, em si não bastam para decidir se isso se fará um lapso ou um chiste. *Familionär* poderia bem ter sido um lapso de Heine, num momento de cansaço, distração. Poderia ter-lhe vindo, enquanto perambulava, à noite, pelas ruas de Paris. Freud toma-o como chiste do poeta, que se aproveita do lapso para fazê-lo florir, escrevendo-o, na boca de Hyacinth (nesse caso, produzir-se-ia ainda uma ambigüidade entre efeito chistoso e efeito estético). Essa ambigüidade lapso-chiste, e sua relação com a poética (*que incluiria a técnica do chiste*²) é, conclui Lacan, de algum modo, constitutiva, não é possível decidir de antemão. Afinal, estão mais uma vez aí as duas caras de Jano, mas *Aidós*, o demônio do pudor, faria a diferença, no momento do desconcerto³.

Entre os nomes indistintos analisados por Jean Claude Milner⁴ elo autor, *Aidós* aparece como um *Gegensinn*⁵, *uma palavra que designa o limite separador entre dois domínios [...], uma palavra desdobrada*⁶, ao mesmo tempo vergonha (pudor) e honra. Honra (*honneur*) de todos (sentimento coletivo), que é como *Aidós* se manifesta no chiste; que se torna vergonha (*honte*) de cada um, no

¹ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 20 de novembro de 1957 (inédito).

² J. Lacan, "Função e campo da fala e da linguagem", in *Escritos*, op. cit., p. 289.

³ *Verbluffen*, o desconcerto provocado pelo chiste, também quer dizer aturdir, ruborizar-se.

⁴ Cf. J-C Milner, "Sens opposés et noms indiscernables: K. Abel comme refoulé d'E. Benveniste", in *Linguistique fantastique*, op. cit., pp. 311-323.

⁵ *Gegensinn*, sentido-contrário, sentido antitético.

⁶ *Idem*, p. 318.

lapso, *ressentida quando a honra coletiva é lesada*⁷. Respeito pela opinião pública (que torna possível a justiça, *Dike*) e, ao mesmo tempo, respeito por si mesmo.

Somente a interpretação decide. Vergonha ou honra?⁸ Nada se decide sem o terceiro, sem o Outro (que no caso de lapsos e de chistes é aquele que ri). Terá sido vergonha, se o Outro comparece como sujeito suposto saber, cujo olhar desvela um segredo que se escondia⁹. Terá sido honra, se o Outro é tão somente aquele que escuta, destituído dessa posição de suposto saber. Seu estilo (como diz Lacan na Abertura de seus Escritos) *lhe vem do Outro, do riso do Outro, nachträglich*.

Isso que se faz de novo: um lapso

Um lapso se configura como involuntário, perturba, diz Freud, como uma revelação indiscreta¹⁰. *Geralmente supomos poder escolher as palavras com que revestiremos nosso pensamento, ou a imagem que irá representá-lo. Um exame mais cuidadoso mostra tanto a existência de outras considerações que decidem por tal escolha, como também o fato de [...] transparecer um sentido que não se pretendia exprimir*.

Um *que se faz* como tendo sido algo que se opôs à vontade do sujeito, um *se faz* indeterminado. Ninguém duvida de que tenha sido um lapso. Pego no pulo, no flagra, com a mão na massa. Um lapso nos deixa sem Graça. E, no entanto, segundo Freud, *pela porta do lapso saiu a verdade*¹¹, a pessoa *põe toda a alma no*

⁷Id., p. 319.

⁸ Penso que, numa análise, essa ambigüidade (quase? sempre?) se mantém. O analisando se surpreende e ri meio envergonhado; uma **alegria desenxabida**, entre o novo na repetição e a repetição de novo. Essa ambigüidade, no entanto, apenas revela, para mim, a sutileza necessária ao manejo da transferência, saber servir-se do saber suposto, contar com ele sem contar-se nele. A atenção flutuante é um dis-pôr-se, e o inconsciente decide de sua posição.

⁹ Lembro de um filme que vi há muito tempo e que é, nesse sentido, exemplar. Um dia, uma troupe circense chega a uma pequena cidade e traz com ela um gato. O gato, à medida que passa pelas pessoas, revela-as, fazendo aparecer suas cores: uma fica verde (inveja), outra rubra (vergonha, paixão), outra amarela (medo), outra branca (paz), e assim por diante. Acaba por trazer grandes problemas para o povo, porque põe à mostra o que devia permanecer velado (Wojtech Jasny (dir.) *Um dia um gato* {Az Prijde Kocour}, 1963).

¹⁰ S. Freud, *Psicopatologia da vida cotidiana*, (O.C.), trad. de Elias Davidovich, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v. IV, p. 402.

¹¹ Idem, p. 409.

*que diz*¹². Heine denuncia, pela boca de Jacinto, a familiaridade reduzida, como nota Lacan¹³, à infâmia, ao fâmulos (sua real condição). Não há dúvidas de que, para Jacinto, o personagem, Isso se faz um lapso.

Isso que se faz é o que o olhar surpreende, diz Lacan¹⁴, e reduz à vergonha. O desconcerto é o rubor que tinge seu rosto, e o Outro se apresenta como o olhar desvelador, suposto saber o que se velava. Isso que se faz revela-se que, diferente do chiste, não contava com a participação do Outro nesse desvelamento. Contava, com certeza, que o Outro estava ali, de tocaia, e era justamente dele que se escondia. Quando tropeça e o Outro ri, o riso soa como uma vaia.

O novo vira repetição. De novo! A repetição prevalece. Repetição do quê? Da falha, da falta que não compareceu, da falta que cometeu, da falta de criação. Ao contrário do chiste, ninguém se vangloria d'isso e corre a contar a outros. O mais comum é tentar explicar o que aconteceu, como uma "elaboração secundária" do tipo: *o que eu queria dizer mesmo era X, mas me confundi, errei, e disse isso...* Permanece no jogo de sentido/não-sentido (esse que tenta justificar), e não acede ao *Absenz*.

Isso que se faz de novo não se faz ouvir, se faz ver, e, sob a vestimenta, transparece o que se faz esconder. Isso se faz para o desejo do Outro não barrado, diz Lacan¹⁵, do olho invejoso (*in+videre*), que talha o leite e seca as avencas nos vasos.

Isso que se faz de novo: um chiste

Contra o mau-olhado, o chiste se faz galho de Arruda; vermelho, só na fitinha na roupa do nenê. Mais impulsivo que involuntário¹⁶, é assumido como presença de espírito, como criação e, até mesmo, como intencional. Impulsivo quer dizer, em Física, isso que age em breves intervalos de tempo (pulsos), tende

¹² Idem, p. 417.

¹³ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 20 de novembro de 1957 (inédito).

¹⁴ J. Lacan, *Les quatre concepts*, op. cit., p. 98.

¹⁵ Idem, p. 131.

¹⁶ Como diz Jean-Claude Lavie, no Prefácio à edição francesa. Cf. *Les mots d'esprit*, op. cit., p. 20.

a agir, a *pressipitar-se*, aproveitando-se de um instante de defasagem entre os pulsos.

A surpresa do chiste é sem vergonha, ela é também a surpresa do Outro, que escuta e ri. O Outro é então um Outro que não é *suposto* saber. Seu riso comunica um saber. E o chiste se dá como um dom sem doador, um presente do dizer¹⁷, um presente que se faz presença.

Isso que se faz reveste-se de uma vestimenta, um disfarce. Se faz de cortina sobre um segredo, invisível ao mau-olhado. Quando a cortina se abre, descobre-se que seu segredo era justamente esse se fazer de véu sobre nada, o vazio, o *Absenz*. O que esconde é o que não tem, esse é o seu jogo, não se faz de objeto para o olhar do Outro

Um chiste é isso aí, e se quer mais desse novo; de novo o novo, por isso há uma pulsão a contar, e uma insatisfação movida pelo desejo, causado pela falta (dimensão da perda). *A própria repetição*, diz Lacan¹⁸, *demand* o novo, e esse novo é o próprio vir-a-ser d'Isso que se faz de novo: comemorando, com o reconhecimento do desejo do Outro, o sujeito vindo-a-ser para seu próprio desejo¹⁹.

Isso que se faz de novo: uma criação poética

No final do capítulo sobre as tendências do chiste, Freud conta um chiste de Heine, francamente blasfematório. Na hora da morte do poeta, o confessor chama-lhe amavelmente a atenção para a Graça divina, e consola-o dizendo que obterá de Deus a remissão de seus pecados. Diz-se que Heine lhe teria respondido: *É certo que Ele me perdoará; é seu métier*²⁰. Freud nota que há aí um certo menosprezo na comparação do perdão divino com um negócio ou com uma profissão. Mas, continua Freud, importa mais o que se pode depreender daí. No moribundo, que jaz-impotente, revela-se a consciência de haver se criado um

¹⁷ J. Lacan, *Les formations de l'inconscient*, lição de 20 de novembro de 1957 (inédito).

¹⁸ J. Lacan, *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, op. cit., p. 72.

¹⁹ J. Lacan, "Kant com Sade", in *Escritos*, op. cit., p. 783.

²⁰ S. Freud, *El chiste*, op. cit., pp. 107.

Deus, que dotou de um poder, a fim de servir-se Dele nessa ocasião. *A suposta criatura se dá a conhecer, pouco antes de seu aniquilamento, como o criador*²¹.

A criação poética se faz d'Isso. *Wo es war, soll ich werden* é a sua poética. Tentar fazer um sentido que seja *ab-sent*²². Produzir um efeito de sentido que seja também efeito de furo²³. Mas como Isso não se faz de uma vez por todas, é sempre um há de vir-a-ser. Não prevalece a pulsão a contar, mas a se fazer de novo. O novo de novo, de novo. O que se faz é *ingere*²⁴, modelar, materializar o vazio. Cria e é criado por sua obra. O artista tem, assim, a evanescência do chiste: enquanto cria, ainda não é um artista; quando acabou de criar, só resta sua obra. Um artista não está nunca terminado. Seu estilo lhe vem do Outro que, assim como no chiste, não é suposto saber. Daí se dizer que o artista é *inspirado*.

Freud conta que um poeta italiano, obrigado a festejar em versos um imperador {*Kaiser*} alemão, teria dito: *Como não podia derrotar os césares {Cäsaren}, eliminei ao menos as cesuras {Cäsuren}*²⁵. O jogo de palavras se aproveita da etimologia, o nome de César faz eponímia - corte, cesura, cinzel, cisão. Mas o poeta italiano disse mais que isso. É a cesura que constringe a apreender junto, sintaxizando de outra forma, produzindo novas constelações na *galáxia de lalíngua*. Eliminando as cesuras do verso, o poeta faz prevalecer a sintaxe normativa; não se materializa o jogo da fala, de que não nos damos conta, e que a defasagem, introduzida com a cesura, daria ao Kaiser o prazer de ouvir.

Isso que se faz riverrun

riverrun Isso se faz riverrun Isso

²¹ Idem, p. 108.

²² J. Lacan "Vers un signifiant nouveau", texto estabelecido por J-A Miller, in *Ornicar?*, n. 17/18, 1979, pp. 7-23 (p. 11).

²³ Idem, p. 21.

²⁴ *dheigh-* é amassar o barro; **dhigh-ūrā*, Latim *figūra* (resultado do amassar); forma nasalizada **dhi-n-gh*, Latim *ingere* (dar forma), fictício, ficção, efigie (Cf. *The Heritage Illustrated Dictionary*, op. cit.)

²⁵ S. Freud, *El chiste*, op. cit., p. 45.

No chiste, Isso que se faz de novo, surpreende, faz rir e é tomado como um dom. Um presente do dizer, como diz Lacan. O *que se faz* de Joyce²⁶ se pareceria mais com o lapso, porque também aí essa fala não é recebida como um dom; vem como falas impostas e, se ele as devolve, de-calcando-as, não é forçado pelo dom²⁷, mas pela carência. Não palavras sob palavras (que *emergem*), mas palavras sobre palavras (que *invadem*), que ele com-preende, calando sua errância nesse *riverrun*, pela escrita. *A song of Joy's forever*, apenas seu riso ressoa.

Mas o efeito é outro - há vergonha no lapso, porque um segredo é desvelado. Em Joyce não há vergonha. No lapso, é o segredo da falta que é exposto pelo Outro; no chiste, a falta de segredo está em que o segredo era apenas o véu sobre o nada, e essa falta de segredo se expõe por si mesma e para o *Publikum*. Em Joyce, a falta de segredo é exposta, tornada pública (como no chiste), mas o tornar público é *Öffentlichkeit*, não vem com uma sedução do Outro. Invoca o *droit d'oreiller*.

*Simpof*²⁸ e não símbolo. Não há pacto. A exposição da falta de segredo vem como um *savoir-faire* de Joyce (é esse seu *métier*). *Seu estilo marca a língua*, como diz Lacan²⁹. A *letter* passa-e-fica em *litter*, publicação, diz Lacan.

No final do seminário *Le sinthome*³⁰, dedicado a Joyce, Lacan nomeia seu Nó borromeano *mon Nobo*, e evoca Moisés com *Mont Nebo*, onde ele teria recebido as Tábuas da Lei. Mas o Monte Nebô, às portas da Terra (eternamente) Prometida (*Eu faço com que a vejas com teus próprios olhos,...*), foi para onde Moisés se retirou para morrer (*...mas não atravessarás para lá*), para que a promessa permaneça *The keys to. Given! A way a lone a last a loved a long the*

²⁶ Esse trecho de meu trabalho é apenas um improviso sobre leituras de trechos de *Finnegans wake* e do seminário *Le Sinthome* (1975-1976, inédito), de Jacques Lacan. Esse improviso é fruto de um trabalho em um grupo de estudos com Lenita Rimoli Esteves e Nina Leite. Cf. também o trabalho de Lenita R. Esteves, que elabora, com rigor, *A (im)possível tradução de Finnegans wake: uma investigação psicanalítica*, tese de doutorado, 1999 (inédita).

²⁷ J. Lacan, *As psicoses*, op. cit., p. 101.

²⁸ *sem-* = *um* (Pelo Latim *simul*, ao mesmo tempo; *singulus*, singular; *similis*, similar; *simplex*, simples, um lado (*plek* = dobra). Pelo grego **sm-tero* > *heteros*, um de dois, outro) e *pel-* = *envelopar, envolver, encerrar* (Pelo Grego *pólein*, monopólio) (Cf. *The Heritage Illustrated Dictionary*, op. cit.).

²⁹ J. Lacan, "A ciência e a verdade", in *Escritos*, op. cit., p. 872.

³⁰ J. Lacan, *Le Sinthome*, seminário inédito, lição de 11 de maio de 1976.

Isso que se faz de novo: uma cordialidade chistosa

O pudor é o que torna possível a justiça. Segundo Lacan, é a nossa maior virtude, e governa todo o bem-dizer. Internalizado como respeito, é crucial para todas as culturas, e é ele que permite, segundo Calligaris³¹, nosso convívio social. E se nossa civilização internaliza a Lei, mas recusa sua origem social (*Dike* sem *Aidós*), fazendo com que só valha como vontade de cada um³²; recusa a mediação simbólica, recusa o Outro.

Talvez os chistes, que bem-dizem esse Outro, que traz com sua Graça a nossa Gratidão, possam ser ainda um pequeno lugar de resistência a essa recusa, e ao ódio e à violência que ela permite gerar, renovando com seus risos, uma certa cordialidade, uma cordialidade chistosa, onde seria possível, como disse Lacan, uma fraternidade discreta.

³¹ Contardo Calligaris, "Sociedade e indivíduo", in M. Fleig, *Psicanálise e sintoma social*, São Paulo: Unisinos, 1997, pp. 183-196 (p. 186).

³² Idem, p. 187.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOUCH, J., *Freud, et puis Lacan*, Paris: E.P.E.L, 1993.
- _____, *Letra a letra: transcrever, traduzir, transliterar*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1995.
- _____, *A etificação da psicanálise: calamidade - uma psicanálise derridiana?*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.
- ARISTÓTELES, *Arte retórica e arte poética*, introdução e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle, trad. do francês de Antônio Pinto de Carvalho, Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1985.
- AUSTIN, J. L. , *How to do things with words*, Cambridge Massachusetts: Harvard University Press, 1975.
- CALLIGARIS, C., "Sociedade e indivíduo", in M. Fleig, *Psicanálise e sintoma social*, São Paulo: Unisinos, 1997, pp. 185-196.
- CAMPOS, H., "O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua: Freud, Lacan e a escritura", *Correio*, n. 18/19, jan. de 1998, pp. 136-162.
- COMMELIN, P., *Mitologia grega e romana*, trad. de Thomaz Lopes, Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1989.
- CONSTANTINI, M., "Écrire l'image, reti-on", in *Littérature*, n. 100, dez-1, pp. 22-48.
- CULLER, J., *On Puns: the foundation of letters*, Nova Iorque: Basil Blackwell, 1988.
- de LEMOS, C., "A poética e o significante", *mimeo* (publicada na revista *Traço 2*, Maceió, 1998).
- _____, "Processos metafóricos e metonímicos: seu estatuto descritivo e explicativo na aquisição da língua materna". Trabalho apresentado na reunião *Trento lectures and workshop on metaphor and analogy*, organizada pelo Istituto per la Ricerca Scientifica e Tecnologica Italiana. Trento, 18 a 21 de junho de 1997.
- _____, "Sobre a aquisição da escrita: algumas questões", *mimeo*, 1996.

- _____, "A poética entre a fala e a linguagem", *Jornadas internas de 1996: Lacan no simbólico*, Campinas: Escola Lacaniana de Psicanálise, 1996, pp. 81-8.
- _____, "Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio", *Substratum*, vol I, N. 1, 1992, pp. 121-136.
- _____, "A sintaxe no espelho". *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 10, 1986 pp. 5-25.
- DERRIDA, J., *Marges de la philosophie*, de Jacques Derrida, Paris: Minuit, 1972.
- _____, *Psyché - invention de l'autre*, Paris: Galilée, 1987.
- _____, *Points de suspension*, Paris: Galilée, 1992.
- _____, *O que é uma tradução "relevante"?*, trad. de Olívia Niemayer, 1999, no prelo.
- de SAUSSURE, F., *Curso de lingüística geral*, trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1969.
- DIAS, M. M., *Psicanálise, Moda e Tempo*, 1994, mimeo.
- Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, ed. Pierre Kaufmann, trad. Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ESTEVES, L. R., *A (im)possível tradução de Finnegans wake: uma investigação psicanalítica*, tese de doutorado, 1999 (inédita).
- FREUD, S., (1891), *A interpretação das afasias*, trad. (do italiano) de António Pinto Ribeiro, introdução de Armando Verdiglione, Lisboa: Edições 70, 1977.
- _____, (1900), *La interpretación de los sueños*, trad. direta do alemão de José L. Etcheverry, *Obras completas: Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 1989, v.4 e 5.
- _____, (1901^a), *Sobre el sueño*, trad. direta do alemão de José L. Etcheverry, *Obras completas: Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 1989, v. 5.
- _____, (1901b), *Psicopatologia da vida cotidiana, (O.C.)*, trad. de Elias Davidovich, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v. IV.

- _____, (1905), *El chiste y su relación con lo inconciente*, org. com. e notas de James Strachey com a colab. de Anna Freud, trad. direta do alemão de José L Etcheverry, *Obras completas: Sigmund Freud*, Buenos Aires: Amorrortu, 1989, v.8.
- _____, (1905) "Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten", *Gesammelte Werke*, vol VI, Frankfurt: S. Fisher Verlag, 1987.
- _____, (1905), *O chiste e sua relação com o inconsciente*, tradução direta do alemão de C. M. de Freitas e Isaac Izecksohn, *Obras Completas de Sigmund Freud (OC)*, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v.5
- _____, (1905) *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*, trad. do alemão por Denis Messier, Paris: Gallimard, 1988.
- _____, (19), "Primeiras contribuições à teoria das neuroses", trad. De C. M. de Freitas, in *OC*, v. I.
- _____, (1912), "Conselhos ao médico para o tratamento psicanalítico", trad. De Elias Davidovich, in *OC*, v. VI, Rio de Janeiro: Delta, 1959.
- _____, (1913 a), "Totem e tabu", trad. de Gladstone Parente, in *OC*, Rio de Janeiro: Delta, 1959, v. VII.
- _____, (1913b) "Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise", in *Obras Completas*, trad. de Isaac Izecksohn. Rio de Janeiro: Delta, v. V, 1959, pp. 391-399.
- _____, (1914) "História do movimento psicanalítico", trad. de Odilon Gallotti, in *OC*, v. X, Rio de Janeiro: Delta, 1959. pp. 225-288.
- _____, (1915), "O inconsciente", trad. De Isaac Izecksohn, in *OC*, v. V, Rio de Janeiro: Delta, 1959.
- _____, (1917), "Incertezas e críticas", trad. De Elias Davidovich, in *OC*, v. VIII, Rio de Janeiro: Delta, 1959.
- _____, (1924), "O problema econômico do masoquismo", trad. De Moysés Gikovate, in *OC*, v. IV, pp. 293-305.
- _____, (1925), "Autobiografia", trad. de Isaac Izscksohn, in *OC*, v. X, Rio de Janeiro: Delta, 1959, p. 348.
- _____, (1926), *Inibição, Sintomas e Angústia*, trad. de Odilon Gallotti, in *OC*, v. X, Rio de Janeiro: Delta, 1959, pp. 226-311.

- _____, (1926), "Psicanálise e Medicina, trad. De Gladstone Parente, in *OC*, v.X, Rio de Janeiro: Delta, 1959.
- _____, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*, org. de J. M. Masson, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- GRANON-LAFONT, J., *A topologia de Jacques Lacan*, trad. de Luiz Carlos Miranda e Evany Cardoso, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- GRÉSILLON, A., "Le mot-valise: un monstre de langue?", in Joseph Clims (org.), *La linguistique fantastique*, Paris: Denoël, 1985, pp. 245-259.
- GRIMAL, P., *Diccionario de mitologia grieca y romana*, Barcelona: Paidós.
- HANNS, L., *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- HEFFERNAN, J. *Museum of words: the poetics of ekphrasis from Homer to Ashbery*, Chicago University Press, 1993.
- HERÁCLITO DE ÉFESO, "Fragmentos", in *Os Pensadores: os pré-socráticos*, vol I, tradução e notas de José Cavalcante de Sousa, 1989.
- The Heritage *illustrated dictionary of the english language*, William Morris, ed. Nova Iorque: McGraw-Hill, 1973.
- JASNY, W., (direção) *Um dia um gato {Az Prijde Kocour}*, 1963.
- JOYCE, J., *Finnegans wake*, Londres: Faber and faber Lim. 1946.
- JUNG, K., *Entrevistas e encontros*, trad. De Alvaro Cabral, São Paulo: Cultrix, 1982.
- KAYSER, W. *Análise e interpretação da obra literária*, Coimbra: Arménio Amado, 1967, v.II.
- KERKHOFF, M. "La diosa de la ocasion", in *Diálogos*, n. 42, 1983, pp. 25-42.
- _____, "La sinfonia del destino", in *Diálogos*, n. 54, 1989, pp. 103-128.
- _____, "Kairos como primer principio", in *Diálogos*, n. 60, 1992, pp. 81-100.

- LACAN, J., _____, (1953-4), *Os escritos técnicos de Freud, Seminário I*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. De Betty Milan, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.
- _____, (1954-5), *O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, Seminário II*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. De M.C.L. Pernof e A.L. Q. de Andrade, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____, (1955-6), *As psicoses, Seminário III*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Aluísio Menezes, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____, (1956-7), *A relação de objeto, Seminário IV*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____, (1957-8) *Les Formations de l'inconscient*, Seminário V, inédito.
- _____, (1962-3), *L'angoisse*, Seminário X, inédito.
- _____, (1964), *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, (Seminário XI) texto estabelecido por J-A Miller, Paris: Points, 1973.
- _____, (1966), *Escritos*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____, (1970), "Radiophonie"- *Scilicet*, Paris: Seuil.
- _____, (1971-2), *O Saber do Psicanalista*, seminário inédito.
- _____, (1972-3), *Mais, ainda, Seminário XX*, texto estabelecido por J-A Miller, trad. de M. D. Magno, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____, (1973-4), *Les non dupes errent*, Seminário XXI, inédito.
- _____, (1975-6), *Le sinthome*, Seminário XXIII, inédito.
- _____, "Da estrutura como intromistura de uma alteridade, anterior a qualquer que seja o sujeito", in R. Macksey e E. Donato, *A controvérsia estruturalista*, São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____, "Vers un signifiant nouveau", texto estabelecido por J-A Miller, in *Ornicar?*, n. 17/18, 1979, pp. 7-23
- LECOURT, E., *Freud et le sonore: le tic-tac du désir*, Paris: L'Harmattan, 1992.
- LEITE, N., *Discurso: o acontecimento na estrutura*, Rio de Janeiro: Campo matêmico, 1994.

- MANNONI, Octave, *Freud, uma biografia ilustrada*, trad. de Maria Luiza X. de A. Borges, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- MAUSS, Marcel, "Cohésion sociale et divisions de la sociologie", in *Œuvres*, Paris: Minuit, 1969, vol. 3, pp. 11-135.
- MILLER, Jacques-Alain, "El piropo", in *Ornicar?*, n. 22-3, 1981, pp. 147-174.
- MILNER, J-C. "Sens opposés et noms indiscernables: K. Abel comme refoulé d'E. Benveniste", in Joseph Clims (org.), *La linguistique fantastique*, Paris: Denoël, 1985, pp. 311-323.
- _____, *Introduction à une science du langage*, Paris: Seuil, 1989.
- _____, *L'Œuvre claire: Lacan, la science, la philosophie*, Paris: Seuil, 1995.
- MORAES, M. R. S., *Materna/Estrangeira: O que Freud fez da língua*, Tese de doutorado, 1999 (inédita).
- NIETZSCHE, F., "Humano, demasiado humano", in *Obras Incompletas*, trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____, "Ecce Homo", in *Obras Incompletas*, trad. e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho, São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- PÊCHEUX, M., *Les vérités de La Palice*, trad. para o português como: *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, trad. de Eni Pulcinelli Orlandi et al, Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PERELMAN, CH. & OLBRECHTS-TYTECA, L., *La nouvelle rhétorique: traité de l'argumentation*, Paris: PUF, 1958.
- PLEBE, A., *Breve história da retórica antiga*, tradução e notas de Gilda N. Maciel de Barros, São Paulo: Edusp, 1978.
- POMMIER, G., *A ordem sexual*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- PONGE, F., *Le parti pris des choses - A tomada de posição pelas coisas (10 coisas)*, trad. e notas de Carlos Loria e Adalberto Müller Júnior, introd. de Leda Tenório da Mota, 1998.

- PORGE, E., *Roubo de Idéias? Wilhelm Fliess, seu plágio e Freud seguido por Em minha própria causa de Wilhelm Fliess*, tradução de Dulce Duque Estrada - texto de Porge - e Sandra Regina Felgueiras - textos de Fliess - Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1998.
- _____, "De l'extériorité du séminaire de Lacan par rapport à l'école", in *Le Fûret*, n. 5, abril, 1996. pp. 41-52.
- _____, "A apresentação de doentes", *Boletim de Novidades, Pulsional: centro de psicanálise*, ano IX, n. 87, julho, 1996, pp. 19-40.
- _____, *Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan*, trad. de Dulce Duque Estrada, Rio de Janeiro, Campo Matémico, 1994.
- _____, *Clínica del psicoanalista (seminario)*, Buenos Aires: El mono de la tinta, 1991.
- PORTINE, H., "Beauzée et le futur antérieur. les axes du temps", in *Histoire Epistémologie Langage*, n. 18, 1996, pp. 7-27.
- POSSENTI, S., *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*, São Paulo: Mercado das letras, 1998.
- RAJAGOPALAN, K., "A irredutibilidade do ato ilocucionário como fator inibidor das tentativas taxonômicas", *Delta*, v. 8, n 1, 1992, pp. 91-133.
- REGNAULT, F., *Conférences d'esthétique lacanienne*, Paris: Agalma, 1997.
- ROSSETTI, L., "El momento epikairós", in *Analogia - filosofica*, n. 2, México, 1996, pp. 3-30.
- STAROBINSKY, J., *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*, trad. de Carlos Vogt, São Paulo: Perspectiva, 1974.
- VERSTEEGH, K., "La grande étymologie d'Ibn Ginní", in Joseph Clims (org.), *La linguistique fantastique*, Paris: Denoël, 1985, pp. 44-50.
- VERAS, J. B. T., *Penso, logo é chiste!*, Fortaleza: New Print, 1996.
- VERAS, V., "O passeio da tradução pelo jardim do mais amargo amor", Anais do VI Congresso Nacional de Tradutores, UFC, Fortaleza, Ceará, out. de 1996, pp. 283-289.
- _____, *Mil e um chistes e atos de fala: Freud e Austin*, apresentado no GEL - São Paulo, maio de 1995 (inédito).

VILTARD, M., "Les publiques de Freud", in *Littoral*, n. 17, pp. 6-13.

VORCARO, A., *A criança na clínica psicanalítica*, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

ŽIŽEK, SLAVOJ, *Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia*, trad. de Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

ZUMTHOR, Paul, *A letra e a voz: a "literatura" medieval*, trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires, São Paulo: Cia das Letras, 1993.